



UMA JORNADA BÍBLICA PARA FAZER  
DISCÍPULOS SEMELHANTES A CRISTO

HAL PERKINS

Apenas alguns versículos após o início dos Evangelhos, encontramos Jesus chamando um punhado de homens que ele sabia que poderia ensinar. Jesus se dedicou a eles, ensinando-os, ajudando-os a entender que cada deles um tinha um propósito além da adoração privada. Hoje, no entanto, o ato intencional de transformar cristãos em discípulos e treiná-los para que discipulem outros praticamente desapareceu, tendo sido confundido com a instrução a partir do púlpito ou substituído por estratégias que estão longe de ser completas.

Esse livro lhe dará um roteiro para começar a construir sua própria prática de discipulado e, o mais importante, irá ajudá-lo durante o processo de treinar outras pessoas para suas práticas de mentoria.

Redescubra a principal atividade prática de Jesus e comece a discipular intencionalmente outras pessoas para o estilo de vida a que fomos chamados.

“Discipulado intencional significa responder a duas perguntas: ‘Quem você está discipulando?’ e ‘Quem está discipulando você?’ Perkins nos deu uma poderosa ferramenta missionária para nos ajudar a cumprir pessoalmente a Grande Comissão.”

—JERRY PORTER, **Superintendente Geral da Igreja do Nazareno**

“Esse não é um livro de discipulado comum. Eu o recomendo fortemente pela forma apaixonada como apresenta os princípios bíblicos e por suas instruções práticas.”

—BRENT COBB, **Ex-Diretor Regional da Ásia-Pacífico, Igreja do Nazareno**

“Perkins orienta líderes emergentes desde os fundamentos até as práticas. Sua mensagem é validada por décadas de experiência.”

—DANIEL D. KETCHUM, **Diretor Global, Missões Nazarenas Internacionais**



HAL PERKINS pastoreia igrejas há mais de 40 anos e é autor de *Meeting with Jesus*, *If Jesus Were a Parent*, e *Leadership Multiplication*. Ele e sua esposa, Debbi, vivem em Grandview, no estado de Washington, e são pais de Dan e dos trigêmeos David, Dana e Deborah.

**ANDE  
COMIGO**



# **ANDE COMIGO**

UMA JORNADA BÍBLICA PARA FAZER DISCÍPULOS SEMELHANTES A CRISTO

HAL PERKINS



BEACON HILL PRESS  
OF KANSAS CITY

Copyright 2024 de Hal Perkins e Beacon Hill Press of Kansas City

ISBN 978-1-63580-342-6

Capa: Brandon Hill

Design editorial: Sharon Page

Publicado originalmente em inglês sob o título

Way Truth Life por David A. Busic

Publicado por Beacon Hill Press of Kansas City

Esta edição foi publicada

Global Nazarene Publications (Lenexa, KS USA)

pelo acordo com a Beacon Hill Press of Kansas City

Todos os direitos reservados

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão são extraídas da *Bíblia Sagrada, versão Almeida Revista e Atualizada* (ARA) © 1993 Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas marcadas com a abreviação KJV foram traduzidas diretamente da versão inglesa da Bíblia King James..

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem a permissão prévia por escrito do editor, por exemplo, digitalização, fotocópia e gravação. Excepcionalmente as breves citações em revisões impressas.

*Aos nossos melhores discipuladores, e também nossos favoritos: David, Dana, Débora e Daniel*

Cada um de vocês já superou seus pais de uma forma que nunca planejamos e nem sequer imaginamos.

Nós tínhamos apenas um desejo ardente em relação a vocês: ajudá-los a conhecer e seguir Jesus com autenticidade.

Nem sonhávamos que vocês se tornariam pregadores, professores, autores, criadores de ministérios e líderes.

Procuramos ajudá-los a se tornarem discipuladores, e todos vocês superaram nossas expectativas mais otimistas.

Somos extremamente gratos aos que os selecionaram e discipularam muito além do que nós conseguiríamos fazer.

A Jesus seja dada a maior honra por discipular vocês, tornando-os semelhantes a Cristo e fazendo com que frutificassem abundantemente.

*E a Debbi, minha preciosa parceira e maior ajudadora humana.*

Sem sua fé em Deus e em mim...

Sem seu constante amor e encorajamento...

Sem sua parceria no ministério em casa, na igreja e no mundo...

Sem a liberdade que você me deu para que eu fosse atrás do meu sonho...

...tenho certeza de que teria cedido a todas as pressões e desistido do claro chamado de Jesus para fazer discípulos.



# SUMÁRIO

---

Prefácio	9
1. Como Jesus Andou?	13
2. O Relacionamento Mais Capacitador Da História	25
3. Fazendo O Máximo Com O Mínimo	38
4. Fazer Discípulos É Opcional?	51
5. O Primeiro Passo Para Todos	65
6. Aprendendo Com Jesus	81
7. Obedecendo De Coração	97
8. Pensando Com Jesus	110
9. Andando Com Jesus	126
10. Servindo Como Jesus	140
11. Santo Como Jesus	155
12. Fazendo Discípulos Semelhantes A Cristo	174
13. Fazendo Discipuladores Semelhantes A Cristo	187
Notas	203
Recursos	207



# PREFÁCIO

---

O objetivo ambicioso deste livro é multiplicar discipuladores semelhantes a Cristo. O objetivo realista é impulsionar as conversas, compromissos e responsabilidades que honram a Cristo para incentivar um avanço moderado em direção ao alvo de se tornar mais semelhante a Cristo. Quanto mais perto estivermos do que Cristo era em amor e prática, mais eficazmente ele poderá trabalhar por nosso intermédio para edificar sua Igreja (veja Mateus 16.18; Hebreus 12.14).

Muitos falam de discipulado. Normalmente, eles falam de apenas algumas das cinco categorias a seguir, mas não de todas:

1. *Ser discipulado* — ser discipulado pessoalmente pela Palavra de Deus, pelo Espírito e por outros cristãos. Todos nós precisamos dessa ajuda até o dia da nossa morte (caps. 1—2).
2. *Discipular outros informalmente* — ser semelhantes a Cristo onde quer que estejamos, o que inclui influenciar intencionalmente os não cristãos (cap. 5).
3. *Discipular outros cristãos para que alcancem a maturidade* — influenciar intencional e estrategicamente outros cristãos para que conheçam e sigam Jesus (caps. 6—11).
4. *Discipular cristãos em amadurecimento para que discipulem (orientem) outros* (caps. 3, 4, 12).
5. *Discipular discipuladores cristãos que estão em amadurecimento para que ajudem outros, de forma planejada, na tarefa de fazer discípulos semelhantes a Cristo* (cap. 13).

Os componentes 4 e 5 são os mais desafiadores dessa lista, e muitas vezes são deixados de lado. No entanto, eles são absolutamente necessários para o cumprimento da Grande Comissão porque multiplicam líderes, que é o propósito de Jesus.

Na formação estratégica de discípulos semelhantes a Cristo, este livro segue os passos descritos em Mateus 28.19-20:

***Ide, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo*** — Semelhança com Cristo em todos os lugares (cap. 5).

***Ensinando*** — convidando outras pessoas a se colocarem voluntariamente sob a influência de Jesus (cap. 6).

***A guardar*** — ajudando os que respondem positivamente a buscar, confiar e servir a Jesus (caps. 7—10).

***Todas as coisas*** — ajudando os que continuam a responder positivamente a cultivar a santidade de coração e de vida (cap. 11), a fazer discípulos semelhantes a Cristo (caps. 3, 4, 12), e a fazer discipuladores semelhantes a Cristo (cap. 13).

Jesus disse que seu Pai está sempre trabalhando e que ele mesmo também está (João 5.17). Podemos ter certeza de que Jesus está trabalhando neste exato momento. Mas em muitos lugares onde o cristianismo é culturalmente aceito, algo — ou alguém — não está funcionando como deveria. Será que os trabalhadores pelos quais Jesus disse a seus discípulos que orassem (veja Mateus 9.38) estão trabalhando demais nas coisas que eles acham que funcionarão, e não trabalhando o suficiente no que Jesus sabe que funciona?

Para que a tarefa de fazer discípulos semelhantes a Cristo se multiplique, precisamos de uma oração de intercessão específica: “Espírito Santo, precisamos desesperadamente da tua ajuda para ‘ser e fazer igreja’ em culturas totalmente perdidas — e fazer da maneira que tu queres. Suaviza e ilumina os nossos valores, perspectivas e prioridades entranhados”.

Também precisamos dar o exemplo da autêntica semelhança com Cristo, e isso inclui ajudar outras pessoas a descobrir e seguir Jesus.

Precisamos de sensibilidade para descobrir se os outros entendem o que significa andar com Jesus. E, finalmente, precisamos apoiar, encorajar e ajudar os que estão realmente interessados em andar com ele.

Escrevo não apenas como alguém que ama o que Jesus amou a ponto de dar sua vida por ela — sua Igreja —, mas também como alguém que ama com gratidão a sua própria denominação, cuja ênfase especial fez com que eu analisasse a fundo o modo como devemos ser santos — amando a Deus sem reservas e nos tornando semelhantes a Cristo.

Para resguardar a identidade dos envolvidos, os nomes em algumas histórias foram alterados. Certas histórias e conceitos são desenvolvidos com mais detalhes em meu recente livro, *If Jesus Were a Parent (Se Jesus fosse pai, em tradução livre)*.<sup>1</sup> Esse livro foi elaborado para ajudar os pais a discipular sua família. Considerando-se que a família é a estrutura básica em que se desenvolvem relacionamentos íntimos e longos, e que estes são necessários para se fazer discípulos, conclui-se que pais cristãos bem discipulados são a nossa melhor aposta para multiplicar discípulos cristãos.



# 1 — COMO JESUS ANDOU?

---

Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou (*1João 2.6*).

---

Jesus disse: “Siga-me”. A passagem de 1João 2.6 diz que aqueles que afirmam viver em Cristo devem andar como ele andou. Este livro fala sobre fazer discípulos semelhantes a Cristo — obter e dar a ajuda necessária para andar como Jesus andou. Ao começarmos a leitura, que esta oração esteja em nossos lábios: “Senhor Jesus, ajuda-nos a conhecer-te, amar-te e seguir-te melhor, e a perceber o quanto precisamos da ajuda uns dos outros para nos tornarmos, e fazermos, discípulos semelhantes a Cristo”.

## **O que é um discípulo?**

Antigamente, um “maestro” ou “mestre” procurava um aluno em quem reproduzir seus conhecimentos e experiência. Para ser selecionado, o aluno deveria demonstrar grande potencial. O mestre, então, chamava esse aluno para um aprendizado que durava um tempo relativamente longo. Sob a influência desse relacionamento, o aprendiz

— ou discípulo — podia observar, aprender, ser treinado e, finalmente, reproduzir as habilidades do mestre.

Mas isso não era tudo. A intenção por trás daquele relacionamento longo e próximo era que o aprendiz absorvesse as paixões, os sonhos e os segredos do mestre. E este avaliava constantemente o aprendiz, sempre observando, sempre ouvindo, para descobrir se ele estava aprendendo bem essas coisas.

Nesse sentido, somos todos aprendizes — discípulos que convivem em relacionamentos próximos e prolongados, sendo influenciados por outras pessoas ou coisas, tanto para o bem quanto para o mal. Família, escola, colegas de trabalho e a mídia têm nos discipulado profundamente. A questão não é se alguém ou alguma coisa está nos discipulando, mas quem ou o que está nos discipulando. Também não cabe perguntar: “Será que eu deveria ter um discípulo?” O fato é que nós estamos influenciando — e, portanto, discipulando — outros. A verdadeira questão é como estamos fazendo isso.

### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, precisamos ser discípulos — não da nossa cultura, mas de Cristo**

Fato: todos nós fomos discipulados — profundamente influenciados por alguém ou algo — intencionalmente ou não, formalmente ou não.

Fato: todos nós estamos sendo discipulados neste exato momento por cada pensamento, palavra, imagem, experiência e relacionamento que nos influencia.

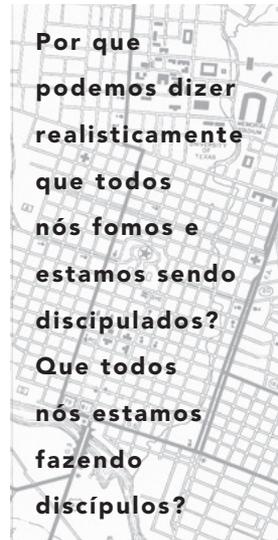
Fato: todos nós estamos fazendo discípulos — influenciando outros, em diversos níveis, com base precisamente em quem e no que somos.

Mas Deus, por meio do seu Espírito, também está influenciando cada cristão e cada pessoa perdida (veja João 16.7-15). Sua verdade benevolente alcança todos nós, acreditemos ou não em Cristo, como uma influência encorajadora ou condenatória (veja Romanos 8.9; João 16.7-15). A batalha pelo destino eterno do coração de cada

pessoa se resume a essa influência e ao modo como a pessoa responde a ela.

Não podemos evitar de ser discipulados — influenciados — por tudo o que nos rodeia. No entanto, podemos procurar conhecer e seguir um mentor, um treinador, um bom pai ou mãe, de forma intencional e proativa. Unir-se a uma pessoa com o propósito de segui-la é a essência de ser discipulado *intencionalmente*.

Até mesmo Jesus foi influenciado. Ele se uniu a seu Pai de forma proposital e proativa (veja Lucas 4.42; 5.16; 6.12; 21.37; 22.39, 41). É interessante observar que o relacionamento de Jesus com o Pai é semelhante ao de um discípulo com seu mentor. Esse é um modelo útil para entendermos melhor o que significa tornar-se um discípulo semelhante a Cristo e fazer discípulos semelhantes a Cristo.



### **O que é ser discípulo de Jesus?**

Um discípulo de Jesus é alguém que o conhece e o segue. Ele anda *com* Jesus por toda a vida.

- “Vinde a mim” (Mateus 11.28).
- “Siga-me” (Mateus 16.24).
- “Nisto sabemos que estamos nele: quem diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou.” (1João 2.5b-6).

Discípulos de Jesus andam cada vez mais *como* Jesus andou.

### **O que os discípulos de Jesus aprendem enquanto o observam e ouvem?**

Primeiramente, eles percebem a intencionalidade e o impacto do relacionamento de Jesus com o Pai.

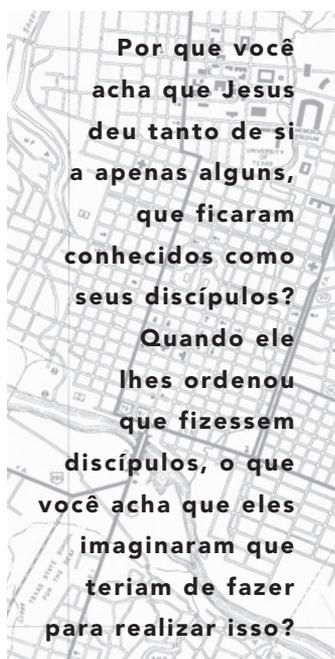
A passagem de 1João 2.3-6 afirma que todo cristão deve andar

como Jesus andou. Então de que maneira Jesus andou? Como descobriremos daqui a pouco, Jesus andou em um relacionamento íntimo e sensível com seu Pai.

Jesus nos diz: “Siga-me”. Portanto, seguir Jesus, andar como ele andou, começa com um relacionamento íntimo e sensível com o nosso Pai eterno.

Além disso, quando Jesus fez discípulos ele não organizou um seminário nem deu aulas usando um programa sistemático. Ele chamou doze homens jovens para andar com ele. Eles passaram muito tempo com Jesus, em um relacionamento longo e próximo. Eles andavam, serviam e comiam juntos. Eles *dialogaram* muitas vezes com Jesus sobre o que era mais importante:

- O Pai de Jesus
- O próprio Jesus
- O reino de Deus
- Os discípulos de Jesus, sua compreensão dos assuntos tratados e sua resposta a eles



Finalmente, quando Jesus ordenou que seus discípulos fizessem discípulos (Mateus 28.16-20), eles automaticamente presumiram que Jesus os estava instruindo a fazer com os outros o que ele mesmo havia feito com eles. Eles deveriam dizer a alguns: “Ande comigo”; isto é, deveriam chamar outros para um relacionamento longo e próximo — caminhando, servindo, comendo —, dialogando o tempo todo com eles sobre o que é mais importante. Nunca passou pela cabeça deles que fazer discípulos poderia significar dar um seminário ou estudar por meio de um programa de curso, por mais que

os seminários e programas sejam bons e valiosos. (Temos de dar aos novos líderes uma trilha bíblica para seguir, sem deixar de lado o treinamento relacional de longo prazo.)

Com base em sua experiência com ele, os discípulos de Jesus só podiam concluir que a comissão que receberam dele (veja Mateus 28.18-20) envolvia principalmente estabelecer relacionamentos próximos, significativos e longos.

Vamos examinar melhor a pessoa que está no centro do que significa fazer discípulos: Jesus.

### **O tempo de Jesus com seu Pai**

O relacionamento de Jesus com o Pai é o mais próximo e significativo que poderia existir. Isso fica nítido quando consideramos vários aspectos importantes desse relacionamento que nós devemos seguir.

Em primeiro lugar, Jesus separava tempo intencionalmente para estar com seu Pai de forma regular e focada.

- “Sendo dia, saiu e foi para um lugar deserto” (Lucas 4.42).
- “Ele, porém, se retirava para lugares solitários e orava” (Lucas 5.16).
- “Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus” (Lucas 6.12).
- “Jesus ensinava todos os dias no templo, mas à noite saía e ficava no monte chamado das Oliveiras” (Lucas 21.37).
- “E, saindo, foi, como de costume, para o monte das Oliveiras [...] e, de joelhos, orava” (Lucas 22.39, 41).

Jesus amava seu Pai e gostava de estar com ele, mesmo que para isso suas necessidades físicas, outros relacionamentos e tarefas tivessem que ficar em segundo plano. Ele só tinha três anos para cumprir sua missão, mas reservou uma grande quantidade de tempo para dialogar com seu Pai. A única pessoa que muitas vezes se supõe que menos precisava de qualquer tipo de ajuda parece ter sido a que mais buscou a ajuda de seu Pai.

Pense na paixão que Jesus tinha por seu relacionamento com o Pai e no estilo de vida que você leva como seu seguidor.

- O quanto você acha que Jesus gostava de ficar a sós com o Pai?
- Que outras razões poderia haver para que ele passasse tanto tempo com seu Pai?
- Visto que Jesus passava muito tempo a sós com seu Pai, e nós somos seus seguidores, qual é a importância de reservarmos um tempo para estar com nosso Pai?
- Considerando-se nossas necessidades, o tempo escasso e a missão global, o que os seguidores de Jesus podem fazer para manter o tipo de “foco no Pai” que Jesus tinha?
- O quanto você gosta de ficar a sós com seu Pai Celestial?
- Como você avalia os momentos que tem com ele?
- O quanto você precisa da ajuda de outros discípulos de Jesus para conseguir passar tempo com seu Pai?

Se queremos ser semelhantes a Cristo, temos de começar reservando um tempo substancial para investir no relacionamento com nosso Pai Celestial.

### **Jesus fez somente a vontade de seu Pai**

Uma segunda característica do relacionamento de Jesus com o Pai que procuramos seguir é sua determinação absoluta de discernir e fazer somente o que seu Pai fazia. Suas *ações* eram uma cópia do que ele observava em seu Pai.

- “Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer de si mesmo, senão somente aquilo que vir fazer o Pai; porque tudo o que este fizer, o Filho também semelhantemente o faz” (João 5.19).
- Falando sobre seu Pai, Jesus diz: “eu faço sempre o que lhe agrada” (João 8.29).
- “Contudo, assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou” (João 14.31).

Observe o componente relacional de que Jesus está falando: ele observa o Pai e depois faz aquilo que vê seu Pai fazer. Isso não significa que Jesus não tivesse a capacidade de agir de forma independente; ele simplesmente não se permitia agir de forma independente de seu Pai. Por causa de seu amor pelo Pai e de sua absoluta lealdade a ele, Jesus olhava para o Pai em busca de orientação para tudo o que fazia.

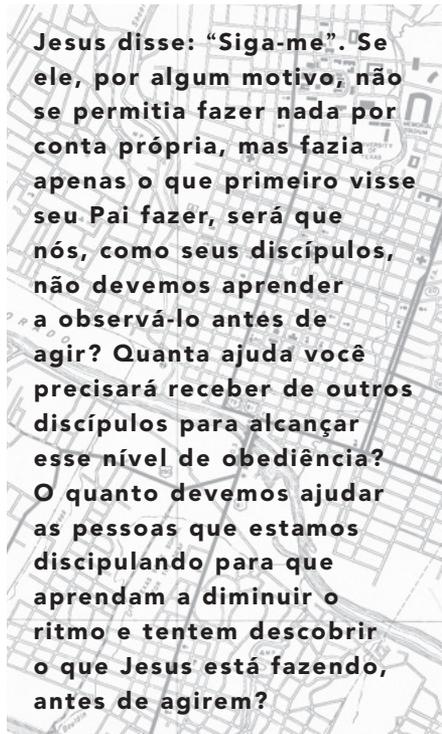
Pense em tudo o que sabemos que Jesus fez, como ir a Caná ou a Jerusalém, andar sobre as águas ou alimentar multidões. Cada um desses atos foi consequência direta do discernimento de Jesus sobre a vontade de seu Pai. É surpreendente! Que grande amor ele tinha por seu Pai! (veja João 14.31).

O relacionamento de Jesus com o Pai exemplifica seu ideal para nós, como seus discípulos, e para aqueles que

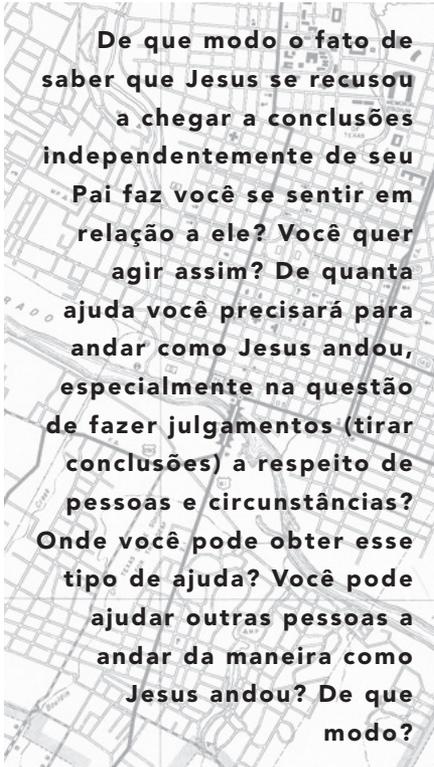
discipulamos: devemos observá-lo e segui-lo, assim como ele observou e seguiu seu Pai, além de ajudar aqueles que estamos discipulando a fazer o mesmo (caps. 6—13).

### **Jesus julgou somente como seu Pai julgava**

Uma terceira característica do relacionamento de Jesus com o Pai é que ele não chegava a nenhum *juízo* (conclusão) por conta própria. Ele tinha seus próprios pensamentos e foi tentado a confiar em seu entendimento humano (veja Hebreus 4.15; Mateus 4.1-11;



Provérbios 3.5-6), mas passou em todas as provas porque se submeteu fielmente às decisões de seu Pai. “Eu nada posso fazer de mim mesmo; na forma por que assim como ouço, julgo. O meu juízo é justo, porque não procuro a minha própria vontade, e sim a daquele que me enviou” (João 5.30).



Jesus era tão sensível ao Pai, que, embora fosse tentado do mesmo modo que nós, levava todos os seus pensamentos para a luz antes que se alojassem em sua mente (antes que se tornassem julgamentos ou conclusões independentes, unilaterais). (Cf. 2Coríntios.)

Pense em todos os encontros que Jesus teve com diferentes tipos de pessoas: fariseus, prostitutas, cobradores de impostos, discípulos orgulhosos e egoístas. Ele nunca emitiu nenhum julgamento sobre qualquer uma delas que não fosse fruto do discernimento dos pensamentos de

seu Pai e que não concordasse com ele.

Mais uma vez, Jesus demonstra magnificamente o modo como devemos ser seus discípulos e ajudar os outros a serem seus discípulos. Para segui-lo, temos de estar determinados a nos relacionar com nosso Pai como ele fez. Para isso, precisamos fazer todo o possível para descobrir sua opinião sobre qualquer pessoa ou situação. Nós e as pessoas a quem discipulamos precisamos de muita ajuda para andar como Jesus andou (1João 2.3-6; caps. 6—13).

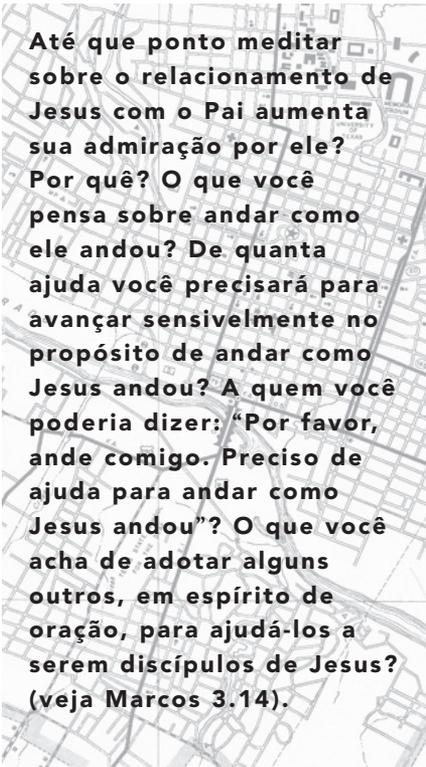
## Jesus falou apenas o que seu Pai falou

A quarta característica do relacionamento de Jesus com o Pai é esta: depois de ter estado atentamente com ele e ouvido suas palavras, Jesus *não disse* nada além do que ouviu seu Pai orientá-lo a dizer.

- “Nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou” (João 8.28).
- “Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar. E sei que o seu mandamento é a vida eterna. As coisas, pois, que eu falo, como o Pai me tem dito, assim falo” (João 12.49-50).
- “As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras” (João 14.10).

Você consegue imaginar o que é nunca falar até ter conversado com seu Pai Celestial para ter certeza do que ele quer que seja dito? Era exatamente isso que Jesus fazia. Diante de Pilatos, julgado erroneamente pelos fariseus, ridicularizado até mesmo por seus próprios irmãos, Jesus não respondeu até saber o que seu Pai queria que ele dissesse.

Por meio de seu relacionamento intencional com o Pai, Jesus falou somente palavras que seu Pai lhe deu. Ao fazer isso, ele nos mostra como seus discípulos devem segui-lo: precisamos *obter toda a ajuda*



**Até que ponto meditar sobre o relacionamento de Jesus com o Pai aumenta sua admiração por ele? Por quê? O que você pensa sobre andar como ele andou? De quanta ajuda você precisará para avançar sensivelmente no propósito de andar como Jesus andou? A quem você poderia dizer: “Por favor, ande comigo. Preciso de ajuda para andar como Jesus andou”? O que você acha de adotar alguns outros, em espírito de oração, para ajudá-los a serem discípulos de Jesus? (veja Marcos 3.14).**







## 2 — O RELACIONAMENTO MAIS CAPACITADOR DA HISTÓRIA

---

Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade (*Mateus 26.42*).

---

Minha oração para este capítulo é que todos nós — especialmente os líderes — possamos discernir melhor quem ou o que está nos discipulando atualmente. Também oro para que nosso amor por Jesus cresça e para que, com entusiasmo, possamos buscar mais ajuda de outros seguidores de Cristo em nossa caminhada para sermos semelhantes a ele.

Como observamos no capítulo 1, para sermos discípulos de Jesus e ajudarmos os outros a serem seus discípulos, precisamos aprender a andar como ele andou. A principal característica da caminhada de Jesus era seu relacionamento com o Pai, que incluía:

- passar muito tempo de qualidade a sós com ele
- fazer apenas o que viu seu Pai fazer
- tirar conclusões apenas depois de falar com ele

- dizer apenas o que ouviu seu Pai orientá-lo a dizer

Neste capítulo, examinaremos detalhadamente um dos muitos encontros de Jesus com seu Pai. Esse encontro ilustra bem o tipo de interação que os pais sábios têm com os filhos, que os mentores têm com seus alunos e que os discipuladores têm com seus discípulos.

### **O melhor exemplo de discipulado**

Certa noite, Jesus se encontrou com o Pai no jardim do Getsêmani. Nesse encontro, vemos graça e verdade retratadas no melhor exemplo de discipulado dinâmico, e a consequente influência capacitadora do Reino.

**Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade, embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu**  
*(Hebreus 5.7-8).*

Quando se preparava para o momento mais difícil de sua vida, Jesus voltou ao jardim para se encontrar com seu Pai em oração. Ele tinha tido inúmeras reuniões a sós com o Pai. Nessas reuniões, o Jesus humano conhecia seu Pai Celestial como Mentor, Discipulador, Encorajador e Fortalecedor.

No jardim, Deus Pai ouviu pacientemente seu Filho e o influenciou de uma forma notável: “E, saindo, foi, como de costume, para o monte das Oliveiras [...] e, de joelhos, orava” (Lucas 22.39, 41). Jesus sentia uma angústia tão grande, que seu suor era como gotas de sangue. Que perturbação mental seria tão intensa a ponto de provocar isso?

Três horas de oração fervorosa e atormentada se passaram (veja Mateus 26.36-44). O suor que brotava como gotas de sangue e a imensa angústia de Jesus deram lugar a uma obediência santa e

corajosa que aceitou a Cruz. Ele entrou no jardim angustiado. Saiu de lá com o rosto firme como pedra. O que aconteceu? O que mudou? Sabemos de três coisas com certeza:

- Sentindo-se a ponto de morrer de aflição, o Filho de Deus deramou seu coração diante do Pai.
- Seu sábio Pai ouviu pacientemente e respondeu com compaixão.
- De algum modo, o Filho foi fortalecido em sua determinação de ir para a Cruz.

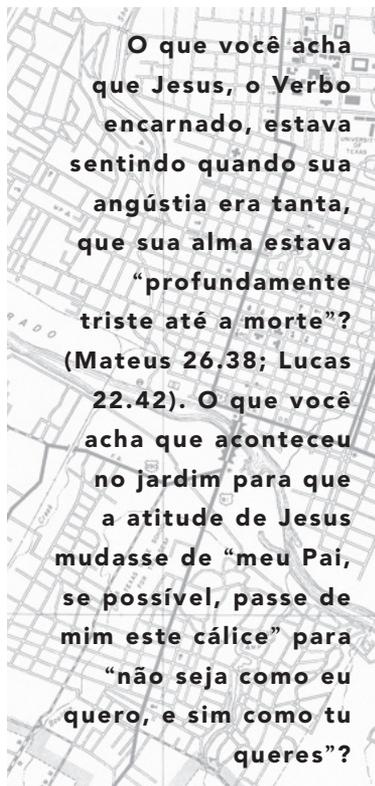
Quando um pai, mentor ou tutor espiritual humano ouve e responde com compaixão, de modo que a vontade de Deus seja feita, ele está discipulando da melhor maneira possível.

Como discípulos de Jesus, nós tomamos diariamente a nossa cruz para segui-lo. Isso geralmente inclui renunciar à nossa vida para ajudar outros, o que muitas vezes causa um grande sofrimento emocional. Embora nossa angústia possa não ser igual à que Jesus sentiu, muitas vezes desejamos ter alguém com quem possamos abrir o coração como Jesus fez com seu Pai. Sabemos que podemos nos aproximar de nosso Pai Celestial com nossos fardos e alegrias, mas às vezes precisamos de um mentor humano que nos ouça e oriente. Você tem alguém que o ouça, que se importe com você e que possa ajudá-lo a discernir o ponto de vista do Pai?

Naquela noite, Jesus voltou mais uma vez ao jardim onde tantas vezes se encontrara com o Pai. Ali, como já havia acontecido muitas outras vezes, ele foi fortalecido por seu Pai. Será que foi a lembrança do amor de seu Pai? Seu apoio? Sua perspectiva? O propósito da Cruz? O que quer que Jesus tenha recebido do Pai, isso reacendeu sua paixão e renovou sua determinação de cumprir a missão que lhe fora confiada.

A expectativa da Cruz podia gerar em Jesus todas as emoções terríveis conhecidas por qualquer ser totalmente humano. Talvez ele já tivesse visto uma crucificação romana. Ele sabia que a Cruz era o plano que ele e seu Pai haviam elaborado desde antes da fundação do

mundo. Ele entendia perfeitamente que estaria sofrendo em nome



de todas as pessoas, por cada pecado já cometido no passado ou no futuro. E agora ele certamente sentia a agonia do que estava para acontecer.

Embora não saibamos exatamente o que Jesus anteviu ou sentiu, sabemos que aquele que calmamente informou a Pilatos que nenhum poder na terra poderia ferir o Filho de Deus, a menos que fosse a vontade do Pai, agora tinha suor brotando de seu corpo como grandes gotas de sangue. Em angústia, ele caiu sobre o rosto, clamando a seu Pai: “Pai, se queres, passa de mim este cálice” (Lucas 22.42).

Nós, cristãos, estamos firmemente convencidos de que Jesus era totalmente Deus (veja João 1.1-5; Filipenses 2.6; Colossenses 1.15-20; Hebreus 1.1-4). Também entendemos que Jesus era totalmente humano.

Vamos pensar sobre o estado mental de Jesus, enquanto ser humano. Ele estava em uma aflição tão grande, que pediu a seu Pai que considerasse outras possibilidades além da Cruz. Imagine Jesus em um tumulto mental e dor emocional tão intensos, que seu suor era como gotas de sangue. Porque Jesus, sendo tudo o que era, ficou tão angustiado?

### **Um encontro pessoal que transformou minha vida**

Uma noite, na época da faculdade, eu estava meditando sobre a

experiência de Jesus no jardim. Enquanto meditava, tive consciência do Pai respondendo ao pedido de Jesus. Eu não criei intencionalmente o cenário a seguir. Eu simplesmente vi isso acontecer na minha mente. Eu não afirmaria categoricamente que a conversa que observei foi inspirada, mas penso que foi. Eu sei que o Espírito Santo usou essa experiência para criar em meu coração uma paixão purificadora que transformou dramaticamente toda a minha vida.

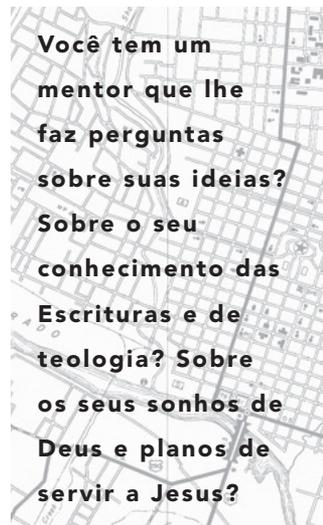
No meu coração, senti que Jesus estava desesperado. Ele olhou para o Pai e disse: “Pai, eu tenho mesmo que fazer isso?”, e então houve silêncio. Os Evangelhos registram que Jesus orou três vezes durante um período de aparentemente três longas horas. (Não consigo deixar de imaginá-lo repetindo seu pedido várias vezes. Quando estou desesperado, também oro assim.) Então ele ora de novo: “Eu tenho mesmo que ir para a Cruz?”, e, mais uma vez, o silêncio. Ele ora novamente: “Será que não existe alguma outra maneira de fazermos isso?”

### **O Filho é gentilmente orientado pelo Pai**

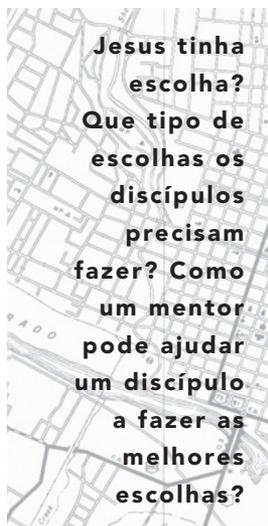
Senti Deus Pai falando com Jesus:

— Ah, meu Filho — ele parecia dizer, — você me dá tanta alegria (Mateus 3.17)! Você cumpriu sua missão perfeitamente. Você sacrificou todos os seus privilégios e poderes divinos (Filipenses 2.5-9). Você foi feito semel-

hante aos seus irmãos em todos os sentidos (Hebreus 2.17). Você foi tentado mais do que qualquer outra pessoa (4.15). Você foi terrivelmente tentado a usar seu relacionamento comigo em seu próprio benefício, mas não o fez (Mateus 4.1-10). Você tem sido perfeito. Ah, se você pudesse sentir a profundidade da minha alegria e prazer em



você! (Mateus 3.17; 17.5). No aterrorizado coração de Jesus, o Pai derrama uma verdade animadora e revigorante.



Esse é precisamente o tipo de verdade que bons pais derramam no coração angustiado de seus filhos, e que bons professores da Escola Dominical derramam no coração dos seguidores de Cristo que eles orientam. O que é necessário para que isso aconteça? Um relacionamento honesto, atencioso e focado em Cristo.

Enquanto meditava naquela noite e a cena continuava a se desenrolar em minha mente, ouvi o Pai sussurrando de maneira gentil e compassiva à alma angustiada de seu amado Filho: — Vejo aqueles que entregaram o coração ao mal para conspirar contra você. Mas, Filho, lembre-se de que, assim como amo você, eu também os amo. Embora eu não queira que você sofra temporariamente, não quero que eles sofram eternamente. Quero que eles estejam conosco para sempre (2Pedro 3.9). Eu amo você e meu coração se alegra em você; eu os amo, e meu coração sofre por eles. Eu me alegraria se eles mudassem de ideia sobre nós. Ah, como eu anseio que eles se relacionem comigo de coração!

Eu só conseguia imaginar o Pai de Jesus, depois de ouvir o derramar do coração angustiado de seu Filho por três horas, enchendo agora aquele coração com os pensamentos amorosos de um Pai. Embora não tão intenso, creio que esse tipo de diálogo acontecia rotineiramente quando Jesus estava sozinho com o Pai.

Mesmo que isso não seja exatamente o que aconteceu, é assim que os bons discipuladores ajudam seus discípulos: eles perguntam sobre seus pensamentos, emoções e desejos. Eles procuram identificar na fala deles a perspectiva do Pai e os questionam com objetividade

sobre isso. Então, apresentam gentilmente seu próprio entendimento da perspectiva do Pai e depois lhes perguntam sobre suas conclusões a respeito do desejo dele.

Naquela noite, imaginei o Pai influenciando seu Filho, ajudando-o a rememorar imagens da visão que eles compartilhavam e encorajando Jesus antes que ele enfrentasse a Cruz:

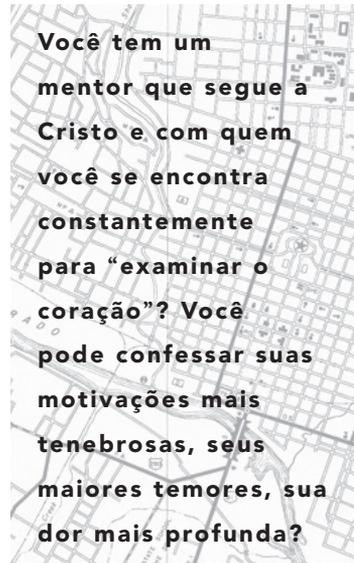
— Meu Filho, ouço os seus clamores e desejo muito livrá-lo. Oh, como eu sofro por você! Isso será terrível para nós dois, mas seu sangue será o sangue de uma nova aliança que permitirá que todas as pessoas, apesar de seus pecados, sejam plena e gratuitamente perdoadas e entrem em um relacionamento conosco. Eu amo você. Eu amo o mundo. Mas você é livre para escolher.

Uma coisa é fazer um pedido a um pai e este tomar a decisão. Outra coisa é um pai, em amor e sabedoria, deixar que o filho tome uma decisão difícil.

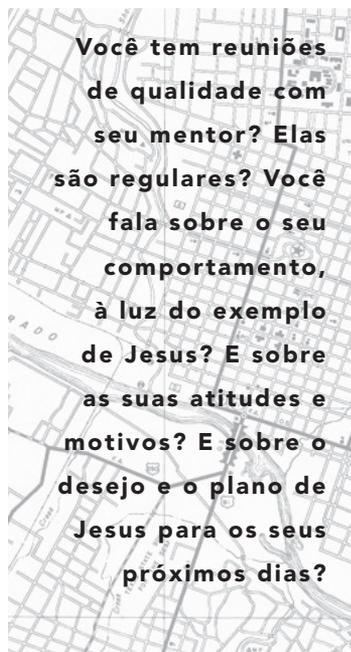
Continuei a meditar sobre essa conversa imaginária entre Pai e Filho. Imaginei Jesus olhando para a Cruz e tremendo. Ele olhou para o Pai e se sentiu amado e valorizado. Como ele amava o Pai!

Ele viu seus discípulos dormindo, apesar de ter pedido o apoio deles. Olhou mais uma vez para a Cruz. Ele anteviu mentalmente sua prisão e julgamento. Mais uma vez, a expectativa da Cruz fez brotar o suor sangrento.

Enquanto estava na presença do Pai, a compaixão por seus discípulos e seus inimigos — pelo bem-estar eterno de cada ser humano — fluía de seu coração amparado pelo Espírito (Lucas 4.1, 14, 18; Mateus 12.28; Atos 10.38). Ele ansiava pelos milhões,



possivelmente bilhões, de redimidos. Agora ele mesmo podia ima-



giná-los cantando e dançando alegremente, experimentando a bondade e a glória de seu Pai. Eles eram sua Noiva eterna — santa, como ele, aperfeiçoada em unidade.

Aos poucos, a dor emocional foi diminuindo. O tremor cessou. O suor de sangue começou a secar. Jesus não orou mais: “passa de mim este cálice”. Agora, com determinação fortalecida pelo Espírito, Jesus falou o que acredito serem as maiores palavras já proferidas: “não seja como eu quero, e sim como tu queres”.

Esse é o tipo de conversa de que os discípulos precisam — não apenas de vez em quando, mas rotineiramente. Nossas “pequenas” cruces nos confundem, nos desencorajam e enfraquecem a verdade que “ontem mesmo” nos agitava com paixão, propósito e ousadia. Se não fizermos nada, pouco a pouco a escuridão se instala, as mentiras substituem a verdade e o “cristianismo nominal” substitui o autêntico seguir a Cristo.

O Pai perfeitamente sábio apenas influenciou — não controlou — seu Filho naquele momento crucial. Resultado: Jesus viu e escolheu a vontade de seu Pai.<sup>1</sup>

Nosso Pai Celestial declarou que somos livres. Não temos outra escolha, senão fazer escolhas. Se Jesus não tivesse escolha, não teria sido como nós nem nos teria representado. Com base no que sabemos sobre o relacionamento dele com seu Pai (cap. 1), creio que naquelas horas de maior necessidade ele derramou seu coração diante do Pai, que o escutava. Em resposta, o Pai plantou uma boa semente em um

coração aberto e reforçou a determinação do Filho de completar sua missão.

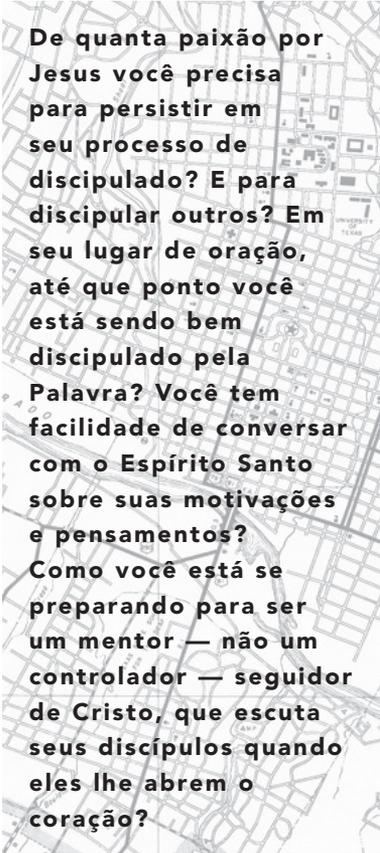
Jesus e seu Pai se encontraram muitas vezes antes dessa maior reunião de todas, e hoje em dia encontros repetidos, como os que Jesus tinha com o Pai, aumentam muito a semelhança com Cristo nos discípulos. Como já foi dito, essas reuniões programadas são a principal estratégia tanto para nos tornarmos discípulos quanto para fazermos discípulos intencionalmente (caps. 6—13). Por meio dessas reuniões, pais e mães espirituais podem se unir a seus filhos e filhas espirituais para descobrir a suprema vontade de Deus e se comprometer a cumpri-la.

### **A conversa discipuladora que moldou a eternidade**

Jesus começou seu período de oração no Getsêmani em agonia e terminou com objetividade. O que aconteceu? O que provocou essa mudança? Jesus teve uma conversa sincera com seu Pai, e essa conversa fortaleceu sua visão, paixão e determinação.

Eu me pergunto se você está sentindo o que eu sinto enquanto escrevo isso. Você sente o amor do Pai por Jesus? Você sente o amor do Pai por todos nós? Consegue imaginar seu coração despedaçado enquanto ele contempla, ao mesmo tempo, a dor de Jesus e a nossa necessidade?

Você sente o amor de Jesus por seu Pai? Sente o amor de Jesus por



**De quanta paixão por Jesus você precisa para persistir em seu processo de discipulado? E para discipular outros? Em seu lugar de oração, até que ponto você está sendo bem discipulado pela Palavra? Você tem facilidade de conversar com o Espírito Santo sobre suas motivações e pensamentos? Como você está se preparando para ser um mentor — não um controlador — seguidor de Cristo, que escuta seus discípulos quando eles lhe abrem o coração?**









### 3 — FAZENDO O MÁXIMO COM O MÍNIMO

---

“Vinde após mim”, disse Jesus (*Mateus 4.19*).

---

#### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, precisamos da revelação do ministério de Jesus**

Em 4 de julho de 1969, minha vida mudou para sempre.

Em novembro do ano anterior, Debbi e eu tínhamos anunciado nosso noivado. Eu acabara de completar meu primeiro ano como professor de matemática e o terceiro como treinador de basquete do colégio. Em 4 de julho de 1969, exatamente um mês e cinco dias antes de nos casarmos, Debbi e eu decidimos participar do retiro familiar anual de 4 de julho, perto de Spokane, no estado de Washington, onde ela morava.

Naquele dia, participamos do culto na igreja. Enquanto eu ouvia a mensagem, o Espírito Santo me dominou completamente com um chamado para o ministério pastoral. Até hoje acredito que foi a voz de Deus que ouvi. Depois do culto, Debbi e eu fomos dar um passeio.

Tivemos uma conversa muito profunda sobre minha sensação de que Deus estava me chamando para o pastorado. Eu já havia assinado o contrato para continuar como professor e treinador no ano seguinte. Decidimos orar durante aquele ano. Se depois disso eu ainda acreditasse que o Senhor tinha me chamado para mudar de profissão, faríamos isso. Após mais um ano de ensino e treinamento, eu ainda sentia o mesmo chamado. O resultado foi que nossa vida mudou para sempre.

Na verdade, eu estava com medo de me tornar pastor. Eu cresci em uma igreja pequena e tinha visto e ouvido falar dos desafios. Decidi que, se eu tinha sido chamado para ser pastor, minhas chances de dar fruto seriam maiores se eu estudasse a vida e o ministério de Jesus para aprender como ele pastoreava.

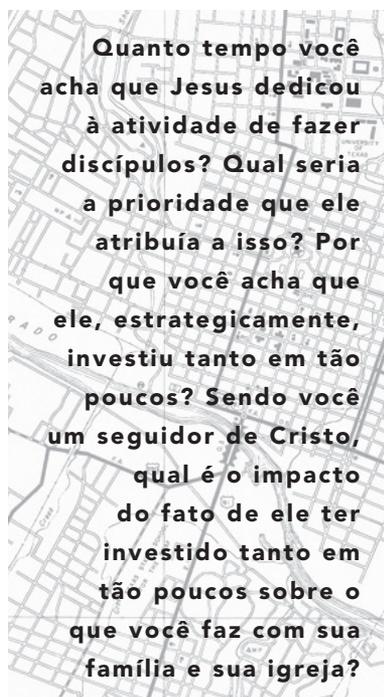
Estudei os quatro Evangelhos em profundidade. Minha intenção era aprender tudo o que pudesse com o próprio Jesus e, tanto quanto possível, deixar seu padrão de ministério ser o meu padrão de ministério.

Examinei a descrição bíblica do ministério de pregação de Jesus às massas. Percebi seu cuidado com as necessidades temporárias das pessoas. No meio de tudo isso, surgiu um tema surpreendente: Jesus passou uma grande quantidade de tempo com um grupo muito pequeno de seus seguidores, os quais mais tarde se tornaram líderes em sua missão de mudar o mundo. Quando Jesus pregava às massas, ajudava os sofredores, passava tempo com os perdidos ou enfrentava os líderes religiosos, havia alguns homens que estavam quase sempre com ele. Perto do fim de seu tempo na terra, Jesus passava a maior parte do tempo com esse pequeno grupo. Eles eram chamados de seus discípulos. Eles se tornaram sua família (Mateus 12.48-50). Por meio deles, Jesus “virou o mundo de cabeça para baixo” (Atos 17.6, KJV).

Se Jesus fosse um pastor hoje, creio que, dentre todas as suas outras responsabilidades, ele priorizaria a de fazer discípulos. Então, se eu confiasse em Jesus o suficiente para segui-lo (é isso que os cristãos

fazem), um componente essencial do meu ministério, entre outras atividades pastorais, seria fazer discípulos.

Tão claramente quanto me chamou para o ministério profissional, o Espírito Santo me chamou a dar prioridade em meu ministério à atividade de fazer discípulos. Houve períodos em que me concentrei em fazer discípulos com tanta intensidade que as pessoas pensaram que eu não sabia fazer mais nada. Em outras épocas, negligenciei o discipulado intencional, algo de que me arrependi.



Depois de estudar os Evangelhos e concluir que Jesus priorizaria o discipulado, iniciei outro estudo intensivo dos Evangelhos. Dessa vez, meu objetivo era, se possível, descobrir exatamente como Jesus fez discípulos. Você verá o impacto desse estudo ao longo deste livro. Por enquanto, o ponto principal é que Jesus investiu grande quantidade de tempo na atividade de fazer discípulos.

Não parece ilógico que Jesus se dedicasse tanto a discipular tão poucas pessoas?

## **O que Jesus sabia?**

Jesus veio para salvar o mundo (João 3.17). Ele veio buscar e salvar os perdidos (Lucas 19.10). Buscar e salvar os perdidos é uma missão gigantesca, algo impensável como descrição de trabalho. Será que Jesus realmente pensou de forma estratégica quando decidiu “concentrar-se nos poucos” para cumprir a missão ordenada por seu Pai? Será que ele realmente investiria uma enorme quantidade de

tempo andando com alguns pescadores jovens, inexperientes e impetuosos? Como pode algo que parece absurdo para nós fazer tanto sentido para ele?

Acredito que ele soubesse que líderes santos estratégicos seriam absolutamente necessários para levar sua visão e ministério adiante, e que isso não ocorreria sem um intenso relacionamento pessoal e discipulado. Talvez ele soubesse que é difícil para uma pessoa sustentar por muito tempo a entrega de sua vida a Deus sem amigos dedicados e treinamento espiritual. Talvez ele entendesse que a quantidade é consequência da qualidade, e que desenvolver qualidade nas pessoas exige grande atenção pessoal. Talvez ele soubesse quanta atenção pessoal é necessária para simplesmente crer, arrepende-se e seguir um Senhor e Salvador invisível. Talvez sua teologia fosse mais sobre como terminamos a corrida do que como a começamos. O que quer que ele soubesse, por algum motivo ou motivos, ele se concentrou em poucos para alcançar as massas.

Aqui está algo que Jesus sabia que nós precisamos entender: a grande maioria dos cristãos — certamente há exceções — não amadurecerá à semelhança de Cristo nem fará discípulos semelhantes a Cristo se não passar por um discipulado intencional e profundo. Participar de cultos de adoração, ouvir sermões e outras formas de comunicação unidirecional, ler livros e depois seguir sozinho nunca produziu nem produzirá discípulos e discipuladores semelhantes a Cristo em quantidade suficiente ou próxima disso. Quase todos nós precisamos de relacionamentos intencionais, intensivos e de longo prazo com mentores que estejam efetivamente seguindo a Jesus e que conheçam boas maneiras de nos ajudar a segui-lo também.

### **Muitos chamados; poucos escolhidos**

Jesus convidou todos a virem e aprenderem com ele (Mateus 11.28-29), mas não sem deixar claro o custo envolvido.

- Se vocês me seguirem, podem não ter um lugar para dormir à noite e podem não ter tempo para fazer coisas que os outros consideram importantes (Mateus 8.18-22).
- Sua lealdade a mim causará conflito até mesmo com membros de sua família que querem que vocês os acompanhem, em vez de me seguir. Se vocês os amarem mais do que a mim, não são dignos de mim. Se vocês não disserem não a si mesmos para dizerem sim a mim, não são dignos de mim (Mateus 10.37-39).
- A um jovem rico que buscava com afincos a vida eterna, Jesus disse: “Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Mateus 19.21).

Algum tempo depois, quando muitos já estavam suficientemente intrigados com ele a ponto de segui-lo, Jesus ficou acordado uma noite inteira em oração. O motivo: ele estava conversando com seu Pai sobre quem ele deveria escolher para discipular pessoalmente (Lucas 6.12-13). A estes ele intencionalmente convidou para um relacionamento íntimo e pessoal (Marcos 3.13-14).

Primeiro, ele convidou a todos. Depois, ele lhes disse qual seria o custo. Então, escolheu doze para estarem com ele.

## **Selecionando discípulos**

Existem muitos desafios na seleção dos discípulos em quem vamos investir. Não há dúvida quanto à nossa primeira escolha. São os membros da nossa família, especialmente os que ainda estão em nossa casa ou próximos dela.

Além da família, servimos intencionalmente a pessoas da nossa igreja e do mundo ao nosso redor para começar o processo de fazer discípulos (cap. 5). Isso abre portas para que possamos convidar aqueles a quem servimos a aprenderem sobre Jesus conosco (Mateus 11.28-29; Lucas 6.17). A melhor maneira de começar a envolver pessoas no discipulado formal é ter um grupo aberto, para o qual o discipulador

intencional convida todos os que puder (cap. 6). Com os que aceitarem, iniciam-se processos pelos quais os discipuladores ajudam os discípulos a se tornarem cada vez mais semelhantes a Cristo (caps. 7—11). Depois disso, os mentores chamam discípulos para fazerem outros discípulos. Os que atendem ao chamado são selecionados para serem intensamente discipulados, o que inclui participar de um grupo para mentores pelo tempo que for necessário para que deem fruto (caps. 12—13).

Creio que a primeira prioridade de Jesus era seu relacionamento com o Pai (caps. 1—2). Depois disso, acredito que sua segunda prioridade era investir enormes quantidades de seu tempo limitado em uns poucos homens cuidadosamente escolhidos — seus discípulos, que eram como sua família (Mateus 12.49). Com certeza, ele fazia muitas outras coisas, mas sem prejudicar suas duas principais prioridades.

### **Demonstrando o exercício do ministério**

Enquanto eu pesquisava os Evangelhos, fiquei impressionado com o quanto Jesus ministrou.<sup>1</sup> Grande parte da narrativa do Evangelho é o registro de Jesus simplesmente fazendo o bem (Atos 10.37-38).

Foi em algum ponto desse processo que me dei conta de que, na maior parte do tempo em que Jesus estava ministrando, seus discípulos o observavam (Marcos 5.35-43). Esses temas — ministério pessoal e preparação de outras pessoas para o ministério — são os tópicos dos capítulos 5 e 10.

Em muitos momentos em que Jesus ministrava ensino, seus discípulos estavam presentes “na reunião”.<sup>2</sup> Rotineiramente, Jesus e os discípulos discutiam as questões que ele acabara de ensinar na “reunião após a reunião”.<sup>3</sup> Os discípulos participaram de algumas das muitas reuniões de oração de Jesus.<sup>4</sup>

### **Ensinando e supervisionando o ministério**

Ele também lhes deu muita instrução, quase no estilo de sala de

aula, antes de enviá-los para o ministério (Mateus 10; Marcos 6.7-11). Então os enviou oficialmente para praticar o ministério. Quando voltaram, Jesus pediu-lhes o relatório de suas experiências (v. 30; Lucas 9.10; 10.17). Estudaremos esse processo no capítulo 6.

## Com ele

Os discípulos de Jesus tinham um incrível acesso a ele. Veja a frequência com que eles iam pedir orientação a Jesus (Veja Marcos 3.14; Atos 4.13).

- “Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que...” (Mateus 13.10).
- “E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explícamos...” (v. 36).
- “Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram...” (14.15).
- “Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas” (v. 28).
- “Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram...” (15.12).
- “E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe...” (v. 23).
- “Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando...” (18.1).
- “Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou...” (v. 21).
- “Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo” (24.1).
- “No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular...” (v. 3).
- “No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram...” (26.17).

## Concentrando-se nos poucos

Essa incrível acessibilidade de Jesus a alguns poucos escolhidos,

resultando em observações e conversas transformadoras de vida, não poderia se estender a milhares, centenas ou mesmo a dezenas de pessoas. Tempo e energia são limitados. Jesus decidiu que era melhor dar um treinamento profundo a alguns e perder outras oportunidades do que treinar muitos de forma superficial.

A Bíblia registra vários momentos em que Jesus estava simplesmente passando tempo com seus discípulos: “viagens pelas estradas”,<sup>5</sup> refeições,<sup>6</sup> eventos especiais<sup>7</sup> e retiros.<sup>8</sup> Foi nesses momentos de relaxamento e descontração, quando a vida fluía e os corações estavam abertos, que Jesus moldou os discípulos em profundidade.<sup>9</sup> Esses momentos informais, porém intencionais, do discipulado são as partes mais necessárias e menos praticadas na maioria dos modelos de discipulado aplicados hoje. Nesses momentos, o mentor habilidoso faz da vida e do coração do discípulo seu programa de curso. O mentor observa, pergunta, escuta e então, com estratégia, traz a graça e a verdade de Jesus para um coração aberto, receptivo e conectado com a vida. Esse é o assunto dos capítulos 8—9, os mais importantes deste livro sob o aspecto metodológico.

## **Todos precisam de um Jesus de carne e osso**

Os discípulos de Jesus precisavam ter acesso a ele, assim como um filho precisa de seus pais.

Eu preciso desse tipo de acesso a Jesus. Eu o tenho por meio do Espírito Santo, que Jesus garantiu que me guiaria a toda a verdade (João 16.13). Além disso, tenho a Bíblia — a palavra de Deus escrita e sua carta de amor para mim. No entanto, eu realmente preciso de Jesus em carne e osso para me ajudar. Preciso de alguém para dialogar comigo sobre Jesus, sua Palavra, sua vontade, meus pontos cegos, ideias, atitudes, motivos, emoções, reações, verdade, fé, amor, sucesso, orgulho, medo, fracassos, perguntas, confusão, desânimo e assim por diante. Preciso de discípulos de Jesus que sejam maduros, me conheçam bem, me amem apesar de tudo e se importem o suficiente para

me ajudar a conhecer e seguir Jesus. Se você não consegue encontrar um mentor cristão, não espere. Convide algumas pessoas que estejam no mesmo nível de maturidade que você, ou mesmo que sejam menos maduras, para formar um grupo e ajudar uns aos outros a conhecer e seguir Jesus (cap. 6).

Debbi e eu separamos momentos privados todas as semanas para ouvir e discipular cada um de nossos filhos. Com base nessas conversas intencionais e constantes, em que acontecimentos do dia a dia eram trazidos a Jesus para ouvir a Verdade, conseguimos falar com muito mais naturalidade sobre o envolvimento de Jesus na rotina e nos desafios da vida cotidiana.

Um dia, nossa filha Dana precisava muito conversar com alguém que pudesse ser Jesus em carne e osso. Algum tempo depois, ela escreveu sobre isso.

Lembro que eu estava no consultório de um especialista, aos nove anos de idade, quando fui diagnosticada com uma doença autoimune chamada poliarterite nodosa. Foi um dos momentos mais assustadores da minha curta vida até então. Imediatamente uma enxurrada de pensamentos negativos me atingiu — eu nunca seria uma pessoa normal, sempre seria diferente por causa da minha doença. Mais tarde naquele dia, quando meu irmão e irmã trigêmeos me perguntaram sobre a consulta médica, de repente me senti tão diferente deles, tão desconectada e sozinha. Arrasada, eu comecei a chorar e corri para dentro de casa. Lá, meu pai me abraçou chorando e me levou para o andar de cima para conversarmos sobre o modo como eu me sentia. Eu não fazia ideia de tudo o que ele devia estar sentindo como pai, sofrendo com a dor do difícil diagnóstico da filha, fazendo ao Senhor suas próprias perguntas e enfrentando suas próprias lutas internas. No entanto, ele não tratou aquele momento extremamente desafiador de maneira diferente de todos os outros momentos comuns, mas começou a me fazer as perguntas que eu já conhecia tão bem, e

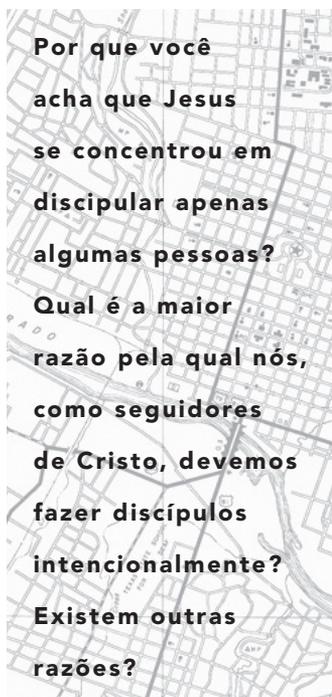
assim foi levando meu coração de volta à verdade. Ele começou dizendo que Jesus estava me fazendo um convite — ele queria me convidar a conhecê-lo mais profundamente por meio dessa dificuldade circunstancial. Papai perguntou: “Como você quer responder a Jesus?” Mesmo aos nove anos, lembro que meu coração se abriu para o convite que estava diante de mim, à medida que minhas emoções foram se acalmando e meu foco se desviou dos sentimentos de “coitadinha” para a verdade de que Deus queria que eu tivesse um relacionamento mais próximo com ele. Respondi “sim” ao convite de Jesus, e o Senhor respondeu trazendo o meu pequeno coração das trevas para a luz — como ele sempre faz fielmente.<sup>10</sup>

Esta semana um pastor me ligou. Ele estava desanimado e com o coração partido. Ele saiu da conversa revigorado porque conseguiu abrir o coração e foi lembrado de que deveria pensar na perspectiva maior de Deus e procurar encontrá-la.

## **Todos precisam de ajuda pessoal para seguir Jesus**

Por que fazer discípulos? Se Jesus precisou de ajuda, será que os que procuram segui-lo não precisam de ajuda tangível em um grau muito maior? Todo mundo que eu conheço precisa que alguém seja Jesus em sua vida para ajudá-lo a andar como Jesus andou (1João 2.3-6).

As pessoas nas nossas igrejas precisam desse tipo de acesso a Jesus em carne e osso. Uma pessoa tem de tomar centenas de decisões toda semana — consultando Jesus ou não —, e



com isso vidas são moldadas e futuros determinados. Precisamos de conversas rotineiras e atenciosas que nos ajudem a levar nossas experiências e pensamentos a Jesus. Será que isso está acontecendo?

Jesus chamou cada um de seus discípulos a renunciar à sua própria vida por ele.<sup>11</sup> Da mesma forma, ele nos chama a renunciar à nossa vida por ele, e nos chama a ajudar nossos discípulos a fazerem a mesma coisa (cap. 11). É um chamado à santidade de coração e de vida. A maioria de nós precisa de mais do que as Escrituras e o Espírito Santo: nós precisamos de mentores semelhantes a Cristo.

A maior parte do orgulho, egoísmo, falta de perdão, fofocas, calúnias, pornografia, divórcio e outros pecados que se veem entre os cristãos não ocorrem porque eles não estão cientes ou são indiferentes a essas coisas, mas porque há uma falta de discipulado relacional em graça e verdade, algo que Jesus nos ordenou que provêssemos uns aos outros. Se nós tivéssemos a coragem de priorizar obedientemente o nosso tempo para ajudar alguns, ensinando-os a ajudar alguns outros, que seriam ensinados a ajudar outros, e assim por diante, ficaríamos surpresos com o crescimento da semelhança com Cristo em nossas igrejas e com o evangelismo em nossas comunidades.

### ► Minhas reflexões

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---





## 4 — FAZER DISCÍPULOS É OPCIONAL?

---

Fazei discípulos (*Mateus 28.19*).

---

### **Fazer discípulos à semelhança de Cristo é a missão que recebemos do nosso Comandante**

Quando eu era pastor de jovens, e depois aluno do seminário, estudei os Evangelhos para entender qual era o método-padrão de Jesus para fazer discípulos. Uma estratégia de discipulado estava se desenvolvendo na minha mente. Estudei detalhadamente o registro bíblico do ministério de Jesus, enchendo blocos e mais blocos de papel amarelo com minhas anotações.

Então, quando assumi minha primeira responsabilidade pastoral em tempo integral, finalizei a missão e o ministério. A missão: seguir Jesus, tornar-se semelhante a ele e reproduzi-lo. A prioridade no ministério: fazer discípulos como Jesus fez.

## O ministério de fazer discípulos

Debbi e eu começamos com grande zelo. Era incrível como ela se levantava todo dia antes das 5 horas da manhã para se encontrar com outros casais que consentiram em ser discipulados uma vez por semana a partir das 6 horas. Treze casais corajosos nos deixaram entrar em suas casas toda semana para praticar discipulado neles.

Nossas estratégias de discipulado não eram nem suaves nem passivas. Qualquer um que quisesse ser discipulado precisava se comprometer com seriedade. Os que estavam sendo discipulados tinham de prestar contas de uma reunião diária com Jesus, experiências formais e informais de discipulado com suas famílias, ministério na igreja e ministério intencional com amigos e vizinhos perdidos. Seus relatórios semanais tinham grandes variações.

Em dois anos, principalmente por meio desses treze casais, mais de setenta adultos se arrependeram e se tornaram seguidores de Cristo. Foram plantadas sete igrejas domésticas, com uma frequência média semanal que chegou a cerca de cento e trinta pessoas, em sua maioria novas em nossa congregação. A frequência ao culto na igreja cresceu de cerca de cento e vinte para quase duzentas pessoas. Todos pensávamos da mesma maneira. Não importava se estávamos em um retiro para homens, em uma excursão para esquiar ou no saguão da igreja no domingo, as conversas se concentravam em Jesus, em sua obra e no que estávamos vivenciando no processo. Ele era a nossa vida. Estávamos sendo e fazendo discípulos de Jesus. As igrejas domésticas discipuladoras e os novos cristãos faziam todo o estudo, oração e trabalho valer a pena. Estávamos nos divertindo.

## Tristeza

No entanto, fazer discípulos não é um mar de rosas. Uma noite, cerca de quatro anos e meio depois do início do processo, recebi o relatório de um discípulo que estava desistindo. Isso desencadeou lembranças de quatro anos de investimento pessoal intensivo nas

pessoas, vendo muitas desistirem por motivos diversos. A profunda decepção me deixou arrasado e ficou comigo por muito tempo. O discipulado focado em poucas pessoas não é isento de sofrimento. Os discipuladores precisam estar dispostos a investir profundamente nos outros, confiando que Deus se agrada da nossa obediência e tornará possível o crescimento do seu reino por intermédio de cada semente que plantamos.

Apesar do desgosto, eu tinha minha missão — a missão que ele me dera. O Espírito me deu a determinação necessária para continuá-la. Eu tinha até uma pequena visão pessoal, pois havia feito dezenas de vezes a conta do que aconteceria se cada pastor de uma igreja doméstica discipulasse uma única pessoa para torná-la um pastor de outra igreja doméstica, que discipularia uma pessoa, e assim por diante. Eu sabia muito bem que, se todos fizessem um discípulo desses por ano e que estes se multiplicassem, em tese ganharíamos o mundo inteiro em cerca de 33 anos. Será que eu realmente acreditava que isso aconteceria? Não. A ideia me deixava entusiasmado? Sim.

(Nota: Priorizar o discipulado não garante crescimento numérico. Pastoreei duas igrejas por quase dez anos cada, outra igreja por quase cinco anos, e estou no oitavo ano com a minha congregação atual. Duas dessas igrejas quase dobraram o número de membros. Em outras duas, na verdade, esse número diminuiu.)

### **Visão tangível**

Ocorreu outro evento na minha vida que provocou uma transformação na minha mente. Tarde da noite, eu estava lendo um livro de um ex-líder do partido comunista que se converteu ao cristianismo.<sup>1</sup> O livro não foi escrito para refutar nem apoiar o comunismo. Foi escrito para revelar as estratégias que permitiram o crescimento dos comunistas. Em apenas cinquenta anos, eles passaram de um pequeno grupo de dezessete homens para uma poderosa força mundial que dominava um terço do mundo e intimidava os outros dois terços.<sup>2</sup>

Ao ler o livro, o zelo e a paixão brotaram na minha mente e nas minhas emoções. Eu gritava: “Os comunistas fizeram o que Jesus fez!” Os conceitos, aplicações e até palavras que escrevi em meus blocos amarelos estavam nesse livro. As estratégias centrais (não valores ou visão de mundo) que os comunistas empregaram eram praticamente idênticas àquelas que eu descobri no ministério de discipulado de Jesus.

Durante a leitura, às vezes eu largava o livro e ficava andando de um lado para o outro, com lágrimas descendo pelo rosto. Os comunistas tinham mudado o mundo em apenas algumas décadas, empregando as estratégias de discipulado de Jesus. E eles fizeram isso sem a Palavra e o Espírito de Deus dando-lhes orientação e poder. Meu coração estava triste por ver que a Igreja de Jesus tinha atenuado a força de seu mandato e ministério de fazer discípulos.

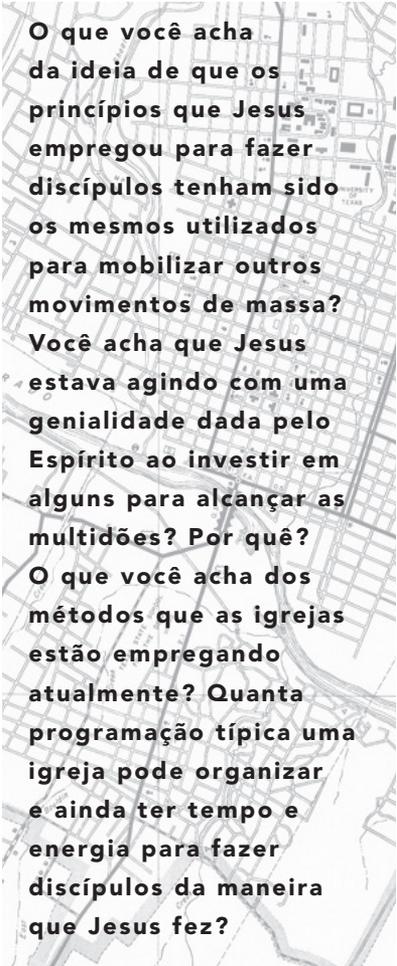
Eu continuei a ler. Minha visão original se intensificou. O que aconteceria se o povo de Jesus — a Igreja em todo o mundo — levasse a sério o mandato do nosso Mestre, de ir por todo o mundo e fazer discípulos? Muitos cristãos estão confusos e indiferentes porque não foram discipulados para conhecer e seguir Jesus de forma autêntica; ninguém conviveu com eles como Jesus conviveu com seus discípulos. E se isso fosse diferente? E se os cristãos se tornassem líderes na causa de Cristo, em vez de permanecerem como seguidores confusos e indiferentes? O que aconteceria se os líderes da Igreja de Cristo estabelecessem como principal prioridade de seu ministério — depois da oração — investir no discipulado de alguns poucos, que então estariam equipados para se concentrar em discipular seus poucos, e assim por diante?

A visão estava ficando mais clara. O que aconteceria se cada congregação tivesse apenas uma pessoa comprometida não só em ser um líder na causa de Cristo, mas também em fazer líderes para Cristo? O que aconteceria se um ministério de discipulado surgisse em cada igreja?

A visão agora ardia no meu coração. Um único pastor não conseguiria alcançar o mundo, mas todo o mundo poderia ser alcançado se houvesse líderes em cada igreja comprometidos com a multiplicação de outros líderes.

Sonhei com o que deveria e poderia ser. Eu me perguntava como poderia fazer com que outros vissem a necessidade de seguir o modelo de discipulado de Jesus. Vi que podia fazer muito pouco, exceto trabalhar fielmente onde eu estava.

Eu tinha uma visão teórica baseada em cálculos de multiplicação. Mas quando vi na vida real o que os comunistas tinham conseguido fazer, e como eles o fizeram, minha visão não parecia mais teórica. Eu sabia que podia — e devia — ser feito. Muitas vezes eu me perguntei o que Jesus sentia quando nos via fazendo todo tipo de coisas que ele não nos disse para fazer, mas não fazendo o que ele tinha feito e nos disse para fazer.



**O que você acha da ideia de que os princípios que Jesus empregou para fazer discípulos tenham sido os mesmos utilizados para mobilizar outros movimentos de massa? Você acha que Jesus estava agindo com uma genialidade dada pelo Espírito ao investir em alguns para alcançar as multidões? Por quê? O que você acha dos métodos que as igrejas estão empregando atualmente? Quanta programação típica uma igreja pode organizar e ainda ter tempo e energia para fazer discípulos da maneira que Jesus fez?**

## **O entorpecimento do discipulado**

É curioso observar como *discipulado* de repente se tornou a nova palavra da moda. Infelizmente, para muitas pessoas, fazer discípulos transformou-se em “programas e ensino em sala de aula”. O nome dado às nossas aulas da Escola Dominical foi mudado de Educação

Cristã para Discipulado, mas basicamente mantivemos as coisas como estavam. Achemos que estávamos fazendo discípulos apenas dando informação às pessoas. Estávamos passando conhecimento, mas sem um relacionamento de discipulado — que inclui responsabilidade e prestação de contas — não estávamos ensinando as pessoas a obedecerem a tudo o que Jesus ensinou (Mateus 28.20). A maioria dos líderes não separou tempo para discipular alguns poucos como verdadeiros discípulos de Jesus e influenciar esses poucos para que disculpassem outros. A boa notícia é que existiram, e ainda existem, homens, igrejas e movimentos que estão fazendo discípulos fielmente.

(Nota: Quando Debbi e eu estávamos entusiasticamente discipulando treze casais, um evento dramático ocorreu na nossa vida: ela deu à luz trigêmeos. Pouco depois, o Espírito Santo me convenceu de que nossa família deveria ser nosso principal grupo de discípulos. Com o passar dos anos, cheguei a outra conclusão dramática: as melhores oportunidades que a igreja tem para fazer discípulos — por várias razões — estão nos relacionamentos familiares. Enquanto a igreja não discipular os pais para que eles discipulem seus filhos de forma eficaz e proativa, não estaremos cumprindo o plano supremo de Deus e continuaremos a perder terreno na batalha pelas almas dos indivíduos e pela influência na cultura.)<sup>3</sup>

### **Será que todos precisam fazer discípulos?**

Há homens que nunca serão pais e mulheres que nunca serão mães — por razões legítimas. No entanto, não é surpreendente nem anormal que um adulto se torne pai ou mãe. Na verdade, ainda é relativamente normal.

O mesmo se aplica aos cristãos maduros em relação a filhos espirituais. Jesus pretende que seja normal — salvo algumas exceções legítimas — que os cristãos maduros tenham ou adotem filhos espirituais, isto é, se tornem discipuladores. A trágica narrativa que

precisamos enfrentar é que os discipuladores semelhantes a Cristo na igreja local não são a norma, embora devessem ser. Quase todos na igreja local deveriam ser discipulados para se tornarem discipuladores semelhantes a Cristo. Alguns — devido a transtornos psicológicos ou sociológicos — podem nunca se tornar discipuladores, mas essa deve ser a exceção, não a regra.

Como sabemos que fazer discípulos deve ser a norma, e não a exceção?

Em Mateus 28.18-20, nosso Rei anuncia a Grande Comissão. Em capítulos mais à frente, estudaremos as profundas implicações de ir, batizar e ensinar a obedecer. Agora vamos examinar um mandamento de Jesus que tem sido ignorado porque não é dada a devida atenção a uma expressão contida nele. A expressão negligenciada é todas as coisas: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado” (vv. 19-20a, *itálico acrescentado*).

Todas as coisas! Da maneira mais clara possível, Jesus exige que todos os que se tornaram cristãos sejam ensinados a obedecer a tudo o que ele ordenou.

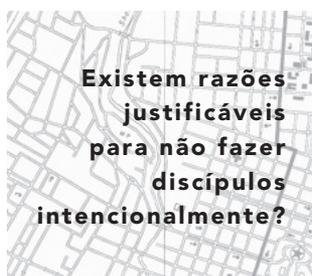
Todas as coisas inclui obediência a este mandamento em particular: fazei discípulos. O que deve acontecer é isto:

- Jesus ordena que eu (primeira geração) faça discípulos (segunda geração) que obedçam a Jesus. Ao fazer isso, eu me torno pai espiritual dos meus discípulos.
- Jesus também me manda ensinar meus discípulos a obedecer a tudo o que ele ensinou, o que inclui fazer discípulos. Quando obedeço e ensino meus discípulos a fazer discípulos, eu me torno avô espiritual dos filhos espirituais (terceira geração) dos meus discípulos. Meu papel não é discipular meus netos espirituais, mas fazer o que for preciso pelo tempo que for preciso

para ajudar meus filhos espirituais a se saírem bem na tarefa de discipular seus filhos espirituais.

Isso pode parecer radical, até mesmo impossível. Mas não é. Não é tão difícil quanto a maioria das pessoas supõe. Este livro descreverá, passo a passo, como cristãos comuns podem ser orientados a fazer discípulos.

Em 2Timóteo 2.2, Paulo articula essa mesma multiplicação de discipuladores: “E o que de minha parte ouviste através de muitas



testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros”. As coisas que Timóteo (um dos discípulos de Jesus de terceira geração) ouviu de Paulo (um dos discípulos de Jesus de segunda geração), ele deveria entregar aos cuidados de homens confiáveis (discípulos de Timóteo — quarta geração) que, então, estariam qualificados para ensinar outros (seus discípulos — quinta geração). Essa é a multiplicação de liderança que Jesus mostrou na prática e que ele nos manda reproduzir para que alcancemos as nações.

discípulos de Timóteo — quarta geração) que, então, estariam qualificados para ensinar outros (seus discípulos — quinta geração). Essa é a multiplicação de liderança que Jesus mostrou na prática e que ele nos manda reproduzir para que alcancemos as nações.

O objetivo de discipular outros está anos-luz além da meta de fazer com que os recém convertidos se tornem estáveis e permaneçam na igreja local — por mais desesperadamente necessário que seja esse passo inicial. Ele inclui ajudar os novos cristãos a pôr ordem na bagunça de sua própria vida, e até mesmo a parar de fazer tanta bagunça, mas vai muito além disso. O objetivo vai muito além de ensiná-los a se alimentar sozinhos, a andar e a falar como seguidores de Cristo. Vai até mesmo além de ajudá-los a servir e ser uma influência positiva por meio de sua fé, fidelidade, santidade e sacrifício. O objetivo é discipular cada crente até o ponto de obedecer a tudo o que Jesus ensinou, o que inclui fazer discípulos de forma intencional e estratégica.

## Apresentando a visão

Conversei com muitos homens que trabalhavam em empregos seculares de tempo integral, e os diálogos eram mais ou menos assim:

“Se você estiver disposto a:

- encontrar-se comigo uma vez por semana durante dez anos,
- reunir-se com Jesus e com sua família regularmente
- e, ao mesmo tempo, passar dez anos convidando todas as pessoas que puder a irem à sua casa e se reunirem com você uma vez por semana,

creio que Deus o capacitará a ter um ministério mais produtivo do que a maioria dos pastores em tempo integral teve em quarenta anos de ministério”.

Imagine comigo, para usar um linguajar mais comum, como seria esse processo de fazer discípulos e discipuladores.

Imagine alguns de nossos adultos de mais idade que viveram a época de ouro da Escola Dominical — um grupo que se reúne semanalmente para cuidar uns dos outros, buscar a Deus e sua vontade juntos e ajudar uns aos outros a progredir na caminhada com Jesus.

Nesse caso, fazer discipuladores pode ser:

- Um professor da Escola Dominical se reúne com a classe na casa de alguém ou em um local público.<sup>4</sup>
- O professor leva todos os anos necessários para ajudar os membros da classe que estiverem dispostos a amadurecer em Cristo, incluindo iniciar uma classe em seus próprios lares (segunda geração de discipuladores).
- O professor da Escola Dominical (discipulador de primeira geração) dedica sua vida a ajudar esses discípulos (discipuladores de segunda geração) a ajudar todos os que frequentam as classes em suas casas a começar classes em suas próprias casas (discipuladores de terceira geração).

Supondo-se 12 pessoas por classe e uma multiplicação perfeita (que é uma suposição ingênua, mas com Deus todas as coisas são

possíveis), a geração 1 produz 12 discípulos, a geração 2 produz 144 discípulos, a geração 3 produz 1.728 discípulos, a geração 4 produz 20.746 discípulos, a geração 5 produz 248.832 discípulos e assim por diante. Será que não vale a pena investir de 20 a 40 anos em 12 discípulos, treinando-os para que possam investir em seus 12, e assim por diante?

## **A alegria de Jesus**

O coração de Jesus, que fica despedaçado quando uma única alma morre, palpita de emoção quando Jesus vê nosso coração renovado se comprometer de forma apaixonada, resolvida e estratégica em ser um discípulo semelhante a Cristo e gerar outros discípulos e mentores igualmente semelhantes a Cristo. Ele sabe que fazer discipuladores semelhantes a Cristo é a melhor e mais rápida maneira de alcançar o mundo. Sendo o Rei dos reis, ele ordena que seus seguidores façam discípulos e mentores, e espera que eles obedeçam. Um dia ele avaliará o que agora espera.

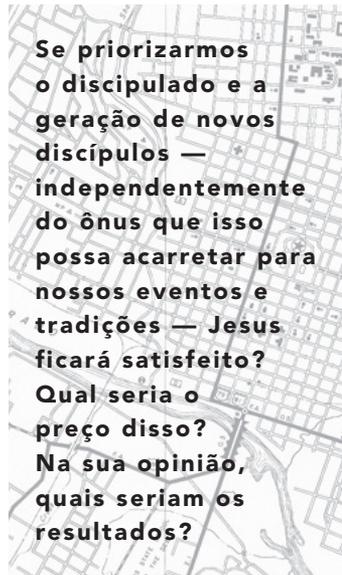
Precisamos lançar mão de todos os recursos possíveis para fortalecer a nossa determinação de fazer discípulos e discipuladores. Jesus, associando um grande amor por sua Igreja com a compaixão pelos incrédulos iludidos, olha diretamente nos nossos olhos e diz: “Façam discípulos”. Nós sofreremos várias pressões para ignorar Jesus e seu chamado para fazer discípulos. Mas ignorar Jesus ou os seus mandamentos é algo que não ousamos fazer:<sup>5</sup>

- [Jesus] tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem (Hebreus 5.9).
- E nisto sabemos que o temos conhecido: se guardamos os seus mandamentos [...] [e andamos] assim como ele andou (1João 2.3-6).
- Nem todo o que me diz: “Senhor, Senhor!” entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus (Mateus 7.21).

(Nota: Os cultos de adoração, a pregação da Palavra de Deus e a oração intercessória são muito úteis quando se trata de ser e fazer discípulos semelhantes a Cristo. O que rouba o tempo precioso necessário para ser e fazer discípulos é a proliferação de eventos bons, mas não essenciais, e de tradições, preferências, funções administrativas e expectativas.)

Será que já não vimos caos suficiente nas famílias, nas igrejas e no noticiário para reconhecer que os filhos — tanto naturais quanto espirituais — precisam de treinamento cristão pessoal para que possam progredir em direção àquilo que Deus quer que seja a norma?

Minha motivação para fazer discípulos vai muito além dos benefícios que isso traz para a família, a igreja e o mundo. Um dia estarei face a face com aquele que me ama e se entregou por mim. Quero poder dizer a ele: “Fiz o que tu me mandaste fazer” (veja João 17.4).



### ► Minhas reflexões

---



---



---



---



---



---







## 5 — O PRIMEIRO PASSO PARA TODOS

---

Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (*Mateus 28.19*).

---

### **Do porquê para o como**

O objetivo dos capítulos 1—4 é ajudar os leitores a reconhecer e responder ao chamado de Deus: ser discipulado e fazer discípulos.

Agora, passamos para a pergunta complicada: Como? Como eu faço discípulos semelhantes a Cristo? Essa pergunta tem muito em comum com outra: “Como eu educo meus filhos?” Quem se atreveria a responder? Existem vários processos e programas que podemos escolher. Para fazer discípulos, precisamos de uma estratégia. E estratégia requer métodos, que vão dos sutis aos mais sofisticados. Todos os métodos apresentados nos capítulos seguintes são baseados na Bíblia, dentro dos limites da minha capacidade de discernir e implementar. Todos nós precisamos discernir a vontade de Deus, em oração, no que se refere a métodos. O “como” dos métodos precisa estar sempre

fundamentado no “porquê” do propósito e princípio.

No restante dos capítulos, estão delineados os passos do discípulado que Jesus identifica em Mateus 28.18-20: ir, batizar, ensinar, ensinar a obedecer, ensinar a obedecer a todas as coisas.

O primeiro passo para fazer discípulos semelhantes a Cristo

- não é nem novo nem difícil
- acontece, até certo ponto, em todas as igrejas
- ocorre em todas as esferas da nossa vida
- não requer que a pessoa oriente ninguém mais, além de si mesma
- é informal — usa atos e palavras espontâneos e semelhantes ao que Cristo faria ou diria
- conduz naturalmente ao envolvimento na geração de discípulos de um modo mais formal — reuniões planejadas e constantes com Jesus

## Ide e fazei discípulos

A gramática original da Grande Comissão não contém quatro mandamentos: ir, fazer discípulos, batizar, ensinar a obedecer. Ela tem apenas um verbo no imperativo: *fazei* discípulos! Os outros três verbos que aparecem na tradução — o imperativo “ide” e os gerúndios “batizando” e “ensinando” — modificam o verbo principal *fazei* discípulos.

Para ser gramaticalmente preciso, o “ide” de Mateus 28.19 deve ser lido como: “à medida que estiverem indo”. O tempo verbal de “ir” não significa ir apenas uma vez. Significa “à medida que estiverem indo”. A ideia aqui também não é a de apenas ir como missionário para outra parte do mundo, embora com certeza esteja incluída tanto a ida como missionário profissional e transcultural quanto o envio desse tipo de missionário.

Significa simplesmente o seguinte: “à medida que estiverem indo, façam discípulos”. Todo seguidor de Cristo vai a algum lugar, todos os dias. Onde quer que ele esteja indo, durante os afazeres normais

daquele dia, deve estar em uma missão com Jesus para fazer discípulos. Como? Por meio da demonstração do amor de Jesus a todos os que cruzarem seu caminho, cedo ou tarde essa pessoa acabará influenciando outros a se aproximarem de Jesus.

Nós voltamos para casa para estar com a família. Estamos em uma missão lá. Nós vamos à escola e trabalhamos com os vizinhos. Estamos em uma missão ali também. Nós vamos à igreja, vamos ao shopping, vamos ao posto de gasolina e à academia. Onde quer que vamos, onde quer que estejamos, estamos em nossa missão. Somos missionários à nossa cultura. É aqui que começamos — percebendo que nossa vida não é sem propósito e que nosso propósito principal não deve ser o de ter sucesso em algum empreendimento pequeno e temporário, como ser presidente da Microsoft. Você se atreve a expressar isso em voz alta? “Eu sou missionário de Jesus e, onde quer que vá, quero estar cumprindo minha missão de ajudar os outros a se aproximarem dele.”

## **Batizando**

Mas como ajudamos os outros a se aproximarem de Jesus?

Batizando-os. Batizando? Todo mundo sabe o que é isso, não é? Batizar significa imergir os novos convertidos em água ou derramar ou borrifar água sobre eles.

Não é exatamente disso que eu estou falando. O texto diz: “batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”, e isso de fato se refere ao batismo com água, o ritual público que inicia novos crentes na comunidade de fé; é um sinal exterior de graça interior, declarando a todos a nova vida que uma pessoa tem em Cristo. Batizar uma pessoa em (a tradução da palavra grega *eis*) o nome do Deus trino é uma maneira de dizer que ela é propriedade especial de Deus e que agora está sob sua autoridade, servindo em seu reino. O tempo verbal de “batizando” também indica que o batismo é uma prática contínua no discipulado. Cada discípulo deve receber o batismo.

Além disso, a palavra “batizar”, nos tempos bíblicos, era usada de maneiras diferentes. Contudo, em cada caso, o significado comum é a passagem de uma condição para outra. Por exemplo, quando um pedaço de pano branco era mergulhado em corante púrpura, a intenção era efetuar uma mudança de branco para púrpura. Nesse ponto, dizia-se que o tecido estava “batizado”. Portanto, batismo tem o sentido de passar para uma nova condição. No caso dos seguidores de Cristo, costuma ser um evento que ocorre uma só vez.

Mas voltando ao que quero dizer quando falo de batismo, eu penso na imersão concreta que acontece quando algo é batizado. Por exemplo, o pano branco foi imerso no corante púrpura. Você pode até pensar no corante como algo que influencia o tecido. Quando fazemos discípulos, devemos, como diz o texto, batizar ou iniciar cada novo crente no Corpo de Cristo. Mas devemos também “batizar” ou imergir todos os que conhecemos — crentes ou não — no amor de Cristo. Portanto, para mim, o batismo não é apenas um ritual de iniciação, mas também uma analogia com a maneira como nós, seguidores de Cristo, mergulhamos ou influenciemos os outros no amor dele.

### **Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo**

Então, enquanto vamos, devemos estar “batizando” — imergindo intencionalmente as pessoas no amor de Jesus. Para reforçar essa ideia, precisamos examinar mais de perto a importância dos nomes e do próprio ato de dar nomes nos tempos bíblicos.

Na nossa cultura, um nome não é necessariamente uma descrição. O nome de um bebê geralmente tem significado para os pais, que o escolhem segundo suas preferências:

— De onde vocês tiraram esse nome?

— Ah, nós vimos em um livro e gostamos.

Às vezes, o nome é uma homenagem a alguém importante na vida dos pais da criança. O meu nome vem de pessoas que foram

importantes para os meus pais: Harold, em homenagem ao meu tio, Okley, em homenagem ao meu pai, Arthur, em homenagem ao meu avô e outro tio. Mas nenhum desses nomes descreve a minha pessoa.

Na cultura antiga, os nomes eram muito mais uma descrição do caráter e da atividade de um indivíduo. Os nomes de Deus dizem muita coisa. Seus nomes descrevem sua natureza e sua atividade. Jesus é chamado de Cordeiro de Deus por causa do que fez. Quando o caráter ou atividade mudava, muitas vezes ocorria uma mudança de nome. Abrão tornou-se Abraão.

Como mencionado anteriormente, “batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” significa declarar que uma pessoa é propriedade especial de Deus, mas também está presente aqui a ideia de imergir e influenciar totalmente uma pessoa no caráter e na atividade do Deus trino.<sup>1</sup> É essa ideia que quero incluir em nossa analogia do “batismo” como uma forma de alcançar ou influenciar os outros. Portanto, juntando os dois conceitos, podemos dizer que imergir ou “batizar” as pessoas no amor de Jesus engloba imergi-las na natureza, no caráter e na atividade de Deus. No restante deste livro, a menos que seja indicado de outra forma, a expressão “batismo em nome de” se referirá a esse entendimento analógico.

Portanto, como Deus é misericordioso, sempre que sou misericordioso com um colega de trabalho, estou “batizando-o” em nome de Deus.

“Batizar” em nome de Jesus significa imergir outros na natureza e atividade de Jesus — representar Jesus, suas ações, palavras e atitudes. Como seus representantes em sua missão, devemos ser semelhantes a Cristo. De fato, isso diz a todas as pessoas que nos encontram que, se elas nos viram, viram Jesus. “O que vocês me ouviram dizer não são simplesmente palavras minhas, mas as palavras daquele que me enviou nesta missão para encontrar vocês na caixa deste supermercado.” Jesus era gentil. Quando somos gentis com outros, estamos “batizando-os” em nome de Jesus.

“Batizar” pessoas onde quer que vamos, em nome de Jesus, significa que devemos ser como ele; devemos ser santos como ele é santo (1Pedro 1.15-16). Para fazer isso, nós mesmos precisamos ser continuamente “batizados” pelo Espírito de Jesus — imersos, influenciados, dominados, para que o nosso velho eu não viva mais, mas Cristo viva por nosso intermédio (Gálatas 2.20). Em outras palavras, devemos ser influenciados pela Palavra e pelo Espírito de Deus, assim como Jesus foi (caps. 1, 2, 11).

Portanto, o primeiro passo para fazer discípulos não é novo, só é expresso de uma forma nova.

- “À medida que estiverem indo” — significa ser missionário de Jesus onde quer que você esteja e com quem quer que esteja.
- A frase “Batizando-os em nome de Jesus” ou “em nome do Deus trino” ainda se refere ao batismo em água dos novos crentes e a eles se tornarem propriedade especial daquele que detém o nome. No entanto, também é usada em sentido figurado, significando imergir, derramar ou aspergir o caráter e a atividade de Jesus, com sensibilidade, sobre quem quer que esteja com você. Pode ser usando de misericórdia, dando encorajamento, trazendo alegria, ouvindo ou visitando na prisão. Repetidamente, vez após vez, dia após dia, devemos “batizar” todos ao nosso redor em nome de Jesus — em seu amor.

### **Poder para “batizar” outros**

Todo cristão autêntico é nascido do Espírito de Deus (João 3.5; Romanos 8.9). Por causa da presença do Espírito Santo, todo cristão é capacitado temporariamente a ser semelhante a Cristo e a “batizar” outros, onde quer que vá, em nome de Jesus — no amor e nos ministérios de Jesus.

**O amor de Deus é derramado em nosso coração  
pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado**  
*(Romanos 5.5).*

**Em verdade, em verdade vos digo que aquele que  
crê em mim fará também as obras que eu faço**  
(*João 14.12*).

**Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito  
Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em  
Jerusalém** (*Atos 1.8*).

### **“Batizando” nossa família**

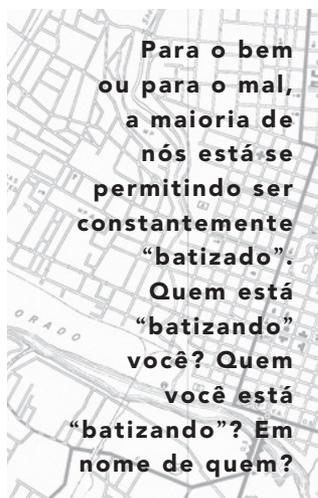
Nossa família é nossa melhor oportunidade e principal responsabilidade no que diz respeito a fazer discípulos semelhantes a Cristo. Quando estamos com nossa família, estamos “batizando” — influenciando — para o bem ou para o mal. É inevitável. Nós estamos juntos — nas refeições, no carro, tomando decisões, tendo desentendimentos. Nossa família está imersa na nossa semelhança com Cristo ou na falta dela. Ou os nossos relacionamentos são semelhantes a Cristo, ou não são. Nós aspergimos valores eternos ou temporais uns sobre os outros. Ou se percebe Jesus nas nossas conversas, ou ele está ausente.

Na infância, foi principalmente meu pai que me “batizou” ou influenciou. Ele me batizou em nome de Jesus, imergindo-me de muitas maneiras maravilhosas na semelhança de Cristo, mas parte do que ele derramou sobre mim não vinha de Jesus.

Quais eram os métodos de batismo dele? Ele era a única pessoa que dedicava tempo para conversar comigo regularmente. Saíamos para caminhar, passear e tomar sorvete. Eu o amava e gostava dele.

Ele veio até mim com graça e verdade — pelo menos suas percepções da verdade. Eu acreditava no que ele dizia. Fazia sentido. Nós conversávamos sobre assuntos da vida diária — beisebol, escola, amigos, perigos, trabalho, dinheiro, igreja, até mesmo suas ideias sobre Deus. Ele não acreditava que a Bíblia fosse inspirada ou que Deus fosse muito ativo na nossa vida. Poderíamos chamá-lo de um deísta funcional.

Ele estava me “batizando”. Ele me influenciou, orientou e discipulou para “ser bom”, mas não para crer que Deus pudesse agir em coisa alguma. Passadas várias décadas, ainda sinto os efeitos — bons e maus — de seu “batismo”.



Somos inevitavelmente “batizados” — influenciados e discipulados — por nossa família (e pela televisão e internet). Às vezes, essa influência parece indelével. Nós absorvemos os valores, atitudes, maneiras de pensar, de se comportar e de se relacionar dos membros da família que estão nos “batizando” de diferentes maneiras. Portanto, precisamos fazer a opção de ser intencional e

continuamente batizados em nome de Jesus por seu Espírito, sua Palavra e seus discípulos. Caso contrário, o “batismo” diário efetuado por tudo o que não é como Jesus nos discipulará mal.

### **“Batizando” nossa família da igreja**

A existência das nossas igrejas hoje é prova de que tem havido discípulos semelhantes a Cristo que batizam suas igrejas em nome de Jesus com persistência. Esses santos permanecem em Jesus, produzem o fruto de seu Espírito e provam ser discípulos de Jesus (João 15.1-8; Gálatas 5.22-23).

Em nossas congregações, esses santos oram incessantemente, liberando o poder do Espírito Santo em toda a igreja. Eles “batizam” suas igrejas incentivando, sorrindo, entregando tortas, dando aulas. Durante anos, eles aspergiram e imergiram sua igreja no caráter e nas ações de Jesus. Sua influência discipula informalmente várias pessoas todos os domingos. Os que são inspirados, por sua vez, influenciam outros, que são inspirados a influenciar outros, e Cristo é exaltado por toda a igreja.

Esses santos semelhantes a Cristo elevaram tanto a temperatura espiritual de nossas igrejas, que muitos de nós, imersos nesses ambientes, escolhemos Jesus. Foi o simples fato de os santos serem santos que discipulou muitos de nós a buscar e seguir Jesus. Nesse sentido e nesse nível, igrejas fazem discípulos semelhantes a Cristo.

A maioria de nós tem um ou mais desses santos como nossos heróis. Sem terem nenhuma missão ou estratégia, eles têm feito discípulos semelhantes a Cristo. Eles simplesmente amaram Jesus e saíram por aí fazendo o bem (Atos 10.37-38). Eu amo minha igreja, pois nela estão aqueles que, pela vida e pelas palavras, “me batizam” em mais do que ideias e expectativas; eles “me batizam” com a natureza de Jesus. Gosto de estar com a minha igreja todos os domingos para ser “batizado” em nome de Jesus.

O reverso da medalha é dolorosamente verdadeiro. Na medida em que os valores, objetivos, prioridades demonstradas, conversas e relacionamentos em nossas congregações não são os de Jesus, nossas reuniões “batizam” uns aos outros em algo que não é o amor de Jesus. Nesse caso, nossas igrejas, sem terem essa intenção, mas mesmo assim com muita eficácia, estão informalmente fazendo discípulos, mas não de Jesus. Na medida em que isso ocorre, a igreja está falhando em sua missão.

### **“Batizando” nosso mundo**

Imagine que uma empresa poderosa — digamos, a Lexus — contrate você para trabalhar lá. A Lexus lhe oferece um salário muito bom. O que seu empregador pode não saber é que, onde quer que você vá, está trabalhando para Jesus como missionário, “batizando” todos ao seu redor.

A Lexus constrói a fábrica, cuida da manutenção, paga as contas dos serviços públicos e fornece o equipamento. Mais importante ainda, a Lexus paga centenas de pessoas para conviverem com você, o missionário de Jesus, por 40 horas toda semana.

Sua missão: fazer discípulos enquanto trabalha para Jesus na Lexus, grato por seu empregador pagar muitas pessoas para estarem com você 40 horas por semana (Atos 4.13).

A descrição de seu trabalho como missionário de Jesus é esta:

- *Orar* constantemente pela Lexus, pelos empregadores e pelos funcionários.
- *Ir* trabalhar, executando bem as tarefas que lhe forem designadas, dando grande satisfação ao seu empregador.
- “*Batizar*” cada pessoa em nome de Jesus — *imersão* todos ao seu redor em encorajamento e apreciação, construir relacionamentos positivos com todos, dentro do possível; *aspergir* perguntas em conversas, ouvir, entender, valorizar, responder, *derramar* ajuda em necessidades conhecidas (físicas, emocionais, sociais) e convidar para atividades em que você saiba que as pessoas estão interessadas (almoços, caçadas, álbuns de recortes).

Cristãos comuns são chamados e capazes de desempenhar esse papel de discipular pessoas perdidas para que se aproximem de Jesus. Quando estamos com os perdidos, eles podem pensar que estamos trabalhando, almoçando ou assistindo a um concerto juntos. E têm razão. Mas também estamos pescando pessoas (Mateus 4.19). Eles pensam que estamos desfrutando de um hambúrguer juntos, sem saber que estamos em uma missão para “batizá-los” em bondade, sensibilidade e serviço enquanto apresentamos Jesus.

### **“Batizando” intencionalmente**

“Batizar” no amor de Jesus, espontaneamente, todos os que encontramos é o primeiro passo que precisamos dar. Para seguir Jesus na atividade de fazer discípulos, precisamos ir além da espontaneidade e selecionar, em espírito de oração, pessoas específicas para “batizar”.

O líder da minha denominação (alguém que me influencia positivamente) incentiva todos os seus pastores e congregações a orar e cuidar intencionalmente de cinco pré-cristãos específicos. Ele os

chama de nossos *high five* [os cinco principais] e sugere que nos cumprimentemos com o gesto de *high five*, para nos lembrarmos de continuar orando e “batizando” nossos cinco alvos específicos em nome de Jesus. Grande ideia!

Outro nome para tudo isso é evangelismo de amizade. Seja qual for o nome, todo cristão é chamado a praticá-lo e capacitado pelo Espírito Santo para isso. A maioria não vai continuar a fazê-lo sem um grupo comprometido de “batizadores” — mentores — a quem precisem prestar contas de suas ações de aspersão, derramamento e imersão específicos, intencionais e de longo prazo (cap. 6).

Bill e Joan fizeram discípulos por meio do batismo estratégico. Eles se comprometeram intencionalmente a imergir seus vizinhos, John e Vicky, na semelhança de Cristo.

Eles começaram orando sistematicamente por John e Vicky, depois passaram a convidá-los para jantar regularmente. John e Vicky retribuíram, convidando Bill e Joan para a casa deles. Os dois casais se tornaram bons amigos. Com o tempo, Bill e Joan conversaram natural e abertamente, mas com sensibilidade, sobre seus pecados e fracassos passados, e sobre os benefícios de seguir Jesus. Eles contaram, de uma forma natural, como Jesus estava mudando a vida deles. John e Vicky confiaram em Bill e Joan e, conseqüentemente, na narrativa de como Jesus estava salvando a vida deles.

Debbi e eu achamos Bill e Joan extremamente fáceis de treinar. Fomos parceiros de discipulado (nos reuníamos para ajudar uns aos outros a conhecer e seguir Jesus), o que incluía orar e conversar sobre como apresentar John e Vicky a Jesus. É natural apresentar aquele que é mais importante para nós por meio de relacionamentos sensíveis e atenciosos. Isso pode acontecer falando sobre Jesus ou oferecendo um bom livro sobre Jesus ou convidando alguém a ir a uma igreja doméstica ou culto de adoração.

Um dia, Bill me contou, todo feliz, que John e Vicky iriam com eles ao nosso culto de domingo de manhã. Na terça-feira seguinte,

vários de nós nos reunimos na casa de John e Vicky quando eles aceitaram o convite de Jesus para segui-lo.

A concepção espiritual foi o prelúdio do nascimento espiritual. A graça e a verdade de Jesus são a semente que torna a concepção possível. Quando sua graça e verdade são plantadas e contempladas, a vida espiritual está prestes a ser concebida. Quando a graça e a verdade são suficientemente compreendidas, a ponto de gerar fé salvadora por meio do arrependimento, a concepção resulta em novo nascimento.

John e Vicky viram e ouviram Jesus por intermédio de Bill e Joan. Eles experimentaram a graça e a verdade de Jesus quando a Palavra mais uma vez se tornou carne, desta vez por meio de Bill e Joan (João 1.14). Bill e Joan pagaram o preço de cultivar um relacionamento afetuoso para que a graça e a verdade pudessem ser concebidas, resultando em nascimento espiritual.

### **Estabelecendo as bases para o discipulado formal**

Como Jesus discipulou John e Vicky após seu nascimento espiritual? Por meio de seu Espírito e Palavra, com certeza. Mas Jesus viveu, amou e falou de forma tangível por intermédio de Bill e Joan. Assim, John e Vicky estavam agora muito propensos a serem discipulados por Bill e Joan de forma constante e sistemática. Um relacionamento de “batismo” — é muito importante entender isso — abre um caminho natural para que os mentores cuidem espiritualmente dos batizados. Bill e Joan foram zelosos disso por vários anos.

Para ajudar um ao outro a seguir Jesus, os dois casais se encontravam semanalmente em reuniões de discipulado na igreja doméstica de Bill e Joan, junto com outras pessoas. Esses encontros constantes com Jesus os ajudaram a lidar com todo tipo de questão espiritual imaginável. O resultado foi que John e Vicky amadureceram como discípulos e depois como discipuladores.

Então, seu discipulado formal foi dramaticamente interrompido. John e Vicky receberam um chamado de seu Supremo Pastor e

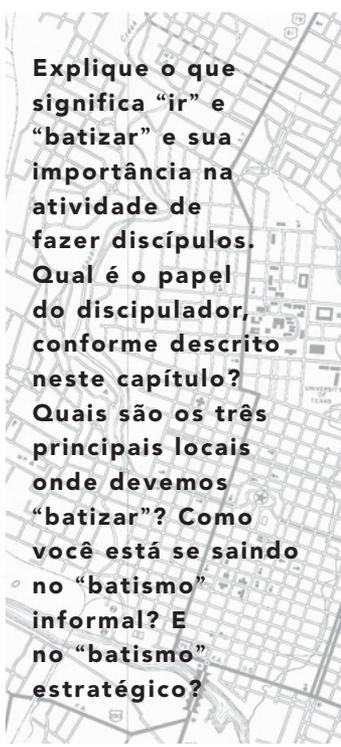
Discipulador (1Pedro 5.4) para se tornarem missionários profissionais. Eles disseram “sim” e até hoje dizem “sim”. Neste momento, eles levam todos os anos um número significativo de jovens adultos em viagens missionárias a grupos de pessoas não alcançadas, com uma média de 50% que respondem ao chamado de Deus para serem missionários profissionais.

Como John e Vicky amadureceram o suficiente, a ponto de largarem sua profissão de professores universitários, para se tornarem missionários? Deus os chamou por meio do exemplo de Bill e Joan, que entregaram a própria vida — não por sucesso profissional, mas pelas necessidades eternas de Jesus e das pessoas (1Pedro 2.21).

Sucesso é “batizar” tudo ao nosso redor no amor de Jesus, intencionalmente e com sensibilidade. A resposta extraordinária de John e Vicky não é a medida do sucesso.

Da mesma forma que Bill e Joan, todo cristão pode discipular algumas poucas pessoas específicas, “batizando-as” no amor de Jesus. No entanto, poucos são capazes de fazê-lo sem terem atenciosos parceiros de discipulado acompanhando seus progressos toda semana.

Então, quem não consegue “batizar” outras pessoas em nome de Jesus? Até mesmo os perdidos, por uma variedade de razões, podem sair por aí agindo com bondade e fazendo o bem. Será que nós, cheios do Espírito de amor de Deus, não somos muito mais capazes de amar nossa família, nossa igreja e nossos próximos (Romanos 5.5; Mateus 22.39)? Nós podemos e devemos fazer isso. Esse é o primeiro



**Explique o que significa “ir” e “batizar” e sua importância na atividade de fazer discípulos. Qual é o papel do discipulador, conforme descrito neste capítulo? Quais são os três principais locais onde devemos “batizar”? Como você está se saindo no “batismo” informal? E no “batismo” estratégico?**







## 6 — APRENDENDO COM JESUS

---

Ensinando-os (*Mateus 28.20*).

---

### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, nós os ajudamos a aprender diretamente de Jesus**

Jesus passou muito tempo com o Pai. Os discípulos de Jesus passaram muito tempo com ele. Para fazer discípulos, eu preciso ajudar outros a passarem muito tempo com Jesus. Ele recebe a todos com alegria: “Vinde a mim [...] e aprendei de mim” (Mateus 11.28-29).

Harry ficou milionário como músico, mas gastou toda a sua fortuna em pouco tempo. Um pastor-missionário levou Harry a Jesus e à nossa igreja. Ali Harry ouviu que poderia ser um discípulo de Jesus. Ser um discípulo de Jesus? Isso foi um choque para Harry.

Ele aprendeu que o primeiro passo para ser discípulo de Jesus é passar muito tempo com ele. Aprendeu também que, assim como Pedro tinha ouvido as palavras de Jesus, ele poderia ouvir as palavras de Jesus por meio das Escrituras. Os discípulos tinham Jesus com

eles, mas Harry tinha Jesus vivendo nele, na pessoa do Espírito Santo. Jesus disse que isso era melhor do que estar com ele.

**Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá,  
porque, se eu não for, o Consolador não virá para  
vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei**

*(João 16.7).*

Como Jesus vive em seu Corpo, a Igreja, Harry podia ver e ouvir Jesus fisicamente por meio da Igreja. Ele foi avisado de que o corpo contemporâneo de Jesus está longe de ser perfeito, mas sempre que ele estivesse com pessoas nascidas de novo, poderia ter a expectativa de ter contato com atos e palavras de Jesus.

Harry creu e se comprometeu a ser discipulado. Foi meu privilégio discipular Harry para se encontrar com Jesus de modo que Jesus pudesse discipulá-lo por meio de sua Palavra e Espírito, mesmo quando eu não estivesse presente.

Perguntei a Harry se poderíamos nos encontrar com Jesus em sua casa, antes do trabalho, uma manhã por semana. Ele concordou. Lá, ele podia ouvir as palavras de Jesus lendo a Bíblia e sentindo o Espírito Santo e, possivelmente, ver e ouvir Jesus nas nossas conversas.

Durante nosso tempo de estudo bíblico, nós líamos uma ou duas frases e fazíamos uma aplicação pessoal. (Mais adiante neste capítulo, há uma explicação desse método de estudo.) Eu perguntava a Harry o que ele tinha ouvido Jesus lhe dizer por meio daquelas palavras. Muitas e muitas vezes, as lágrimas desceram por seu rosto enquanto o Senhor falava palavras de afeto, sabedoria e orientação à sua alma. Sem ideias estranhas, sem interpretações extravagantes das Escrituras. Simplesmente a Palavra de Deus escrita agindo em um coração aberto. O conhecimento, a fé, a alegria e o amor de Harry cresceram exponencialmente — essa foi a impressão que eu tive. Ele começou a se levantar às quatro e meia da manhã para ser pessoalmente discipulado

por Jesus antes de ir trabalhar como carpinteiro. Sua Bíblia estava gasta pelo uso.

Quando as palavras de Jesus entram na nossa vida, o resultado é que damos bom fruto (João 15.5). Pelo fato de passar tempo com Jesus, Harry mudou tanto que sua influência aumentou. Ele efetivamente “batizou” sua família, igreja e colegas de trabalho em nome de Jesus.

Pouco tempo depois, pedi a Harry que liderasse algumas de nossas reuniões matinais com Jesus, e depois todas. Ele aprendeu depressa. Assim, incentivei-o a iniciar um encontro com Jesus em grupo com sua família, nas noites de segunda-feira. Ele fez isso. Seus dois adolescentes adoraram e perguntaram se poderiam convidar os amigos. Em poucas semanas, quarenta pessoas, em sua maioria adolescentes, enchiam todos os cantos de sua casa. Muitos deles e vários pais tornaram-se seguidores de Cristo.

Para fazer discípulos, estamos continuamente “indo e batizando”. Os que respondem ao chamado, como Harry, nós informamos — ensinamos.

## Ensinando

O próximo passo de Jesus é ensinar. Dar informações é a área do discipulado em que nos saímos melhor. A informação é como o desenho de um arquiteto. É a ideia, o projeto, a teoria, o sonho. Ela é absolutamente necessária. É a verdade que, se conhecida, acreditada e obedecida, nos liberta. Sem um ensino preciso, ficamos sem luz. No entanto, ensino que não é interpretado com precisão e traduzido em ação tem pouca utilidade. Não podemos ficar satisfeitos apenas em informar os outros (Tiago 2.17).

Para introduzir novos crentes em nossas congregações locais de forma eficaz, nós os ajudamos a aprender sobre Jesus por meio de

- cultos de adoração — louvor, pregação, oração.
- aulas, incluindo as classes para novos convertidos.
- discipulado relacional inicial por meio de excelentes processos, como os *Estudos Bíblicos Básicos*, de Chic Shaver.<sup>1</sup> Estes

estabelecem relacionamentos semanais de curto prazo, além de introduzir informações tópicas importantes e responsabilidade saudável, criando o potencial para o discipulado de longo prazo.

- Encontros — um excelente modelo de conferência que vem sendo adotado por muitas igrejas que fazem discípulos.<sup>2</sup>

Muitas vezes, as pessoas perguntam: “Que currículo de curso devemos usar para fazer discípulos?” O manual básico para todos os cristãos é a Bíblia. Por que usar qualquer outro livro como principal quando temos a Palavra e podemos ouvir Deus diretamente? Por que não ensinar que a Bíblia é o nosso currículo fundamental e, portanto, treinar todos para estudá-la e amá-la? Faço isso por meio de reuniões de grupo com Jesus (veja abaixo). Outros currículos podem ser ferramentas de ensino maravilhosas, mas não devem substituir a Bíblia como base do estudo pessoal, familiar ou em grupo.

### **Ensinando por meio do ouvir**

Somos ricos em currículos e pobres em relacionamentos. Independentemente de qual currículo usamos, o componente essencial na formação de discípulos é um relacionamento pessoal em que o aluno-discípulo pode falar sobre o que está aprendendo e o que está fazendo com esse conhecimento.<sup>3</sup>

### **Seminário leigo que ouve**

Visto que toda igreja local deve equipar os santos para a obra do ministério (Efésios 4.11-13), igrejas que fazem discípulos proporcionam algo como um seminário leigo aos que estão progredindo em fazer discípulos. O seminário precisa fornecer um estudo bíblico sistemático das principais doutrinas e questões éticas. Nosso seminário leigo é chamado de S.E.E.D. — Studies to Encourage and Equip Disciplemakers [um acrônimo que significa “semente” em inglês, e se traduz como Estudos para Incentivar e Equipar os Discipuladores]. Ele funciona assim:

- Todo domingo, os alunos recebem uma das trinta e três tarefas do curso de *Multiplicação da Liderança* para estudar.<sup>4</sup>
- Na noite do domingo seguinte, os alunos se reúnem e têm a oportunidade de fazer perguntas sobre a tarefa.
- Em seguida, a turma é dividida em grupos de três (grupos diferentes a cada semana), sendo designado um aluno para fazer perguntas a um segundo aluno de quem se quer descobrir o que entendeu do estudo. O que faz as perguntas não pode ensinar, somente perguntar. O terceiro aluno observa e, em seguida, faz comentários sobre a atuação do que fez as perguntas (que está aprendendo a liderar perguntando) e do que respondeu. Temos percebido que há pessoas que conseguem identificar problemas teológicos apenas ouvindo, mas muitas vezes precisam de ajuda substancial para articular suas próprias percepções. Por meio do estudo e da articulação das ideias formam-se líderes, assim como relacionamentos significativos centrados em Jesus.

Sempre precisaremos de comunicação unidirecional — pregação, ensino, livros, DVDs e assim por diante, mas falhamos grosseiramente com Jesus e com os outros quando deixamos de estabelecer uma comunicação bidirecional. Como discipulador, a questão é muito mais do que apenas o que eu sei; importa saber o que meu discípulo sabe. É mais do que o que eu faço; é o que o meu discípulo faz. A única maneira de saber o que meu discípulo sabe e faz é ensinar menos e ouvir mais.

Podemos ensinar cem, mil ou dez mil de uma vez. Só podemos ouvir um de cada vez. Essa é uma das razões pelas quais Jesus escolheu apenas doze para estarem com ele. Bons discipuladores, como Jesus, conhecem suas ovelhas (João 10.14, 27). Para conhecer nossas ovelhas, temos de aprender a ouvir. Bons discipuladores são excelentes ouvintes. O motivo pelo qual precisamos muito mais de estruturas que nos permitam ouvir do que de estruturas de ensino é que podemos transmitir conhecimentos a grandes massas de uma só vez, mas não

saberemos o que os discípulos estão aprendendo ou fazendo enquanto não perguntarmos e ouvirmos.

A questão não é o que ensinamos, mas o que os discípulos ouvem. O que — e quanto — cada discípulo ouve é extraordinariamente particular por causa da condição individual de cada coração: valores, mentalidade, definições, pressões que está sofrendo no momento e assim por diante. As ações de cada um serão moldadas pela condição do seu coração, incluindo um pouco da influência do professor. Os discipuladores ensinam ouvindo seus discípulos!

### **Discipulado por Jesus**

Minha tarefa de ensino mais importante como discipulador é conectar meu discípulo com Jesus. Ele é o Mestre e Discipulador; eu sou simplesmente uma ponte que procura ligar um colega discípulo com o nosso mútuo Discipulador. Para ajudar meus discípulos a serem discípulos de Jesus, nós nos encontramos com Jesus juntos. É nesse momento que procuro criar uma comunicação genuína entre Jesus e os meus discípulos.

Isso nos leva a uma estrutura de discipulado crucial: o encontro com Jesus.

Logo no início da minha carreira de discipulador, percebi que para fazer discípulos de Jesus eu tinha de conectá-los a ele. Como eu poderia fazer isso?

Um dia, eu estava pensando em Pedro, Tiago e João. Eles estavam com Jesus para observá-lo e ouvi-lo (Marcos 3.14). Percebi que eu também poderia ser discipulado por Jesus. Eu tenho as palavras de Jesus (as Escrituras), portanto posso ouvir Jesus sempre que quiser. Posso observá-lo mentalmente e ler suas palavras como uma carta de amor — o que elas, de fato, são. Posso aprender com ele tão certamente quanto Pedro, Tiago e João aprenderam.

Percebi que tenho o Espírito Santo para estar sempre comigo e me ensinar, se eu prestar atenção.

**Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai  
enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as  
coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito**  
*(João 14.26).*

**Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos  
enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que  
dele procede, esse dará testemunho de mim**  
*(João 15.26).*

O próprio Jesus disse que ter o seu Espírito era melhor do que estar com ele fisicamente (João 16.7).

Também percebi que poderia me encontrar com Jesus porque ele vive em seu corpo coletivo, a Igreja. Primeiro, eu precisava discernir com cuidado quais perspectivas e comportamentos dos cristãos eram semelhantes aos de Cristo (1 Tessalonicenses 5.21). Mas para eu me tornasse o que Jesus pretendia, estava claro que eu precisava de uma igreja seme-lhante a Cristo para me discipular. Por meio do corpo contemporâneo de Jesus, pude encontrá-lo concretamente.

O elemento mais emocionante da minha descoberta foi que Jesus me convidou para ir a ele e ser seu discípulo (Mateus 11.28-29). Esse era, e ainda é, o maior prazer da minha vida — estar a sós com Jesus, observando, ouvindo e respondendo a ele. Posso estar com ele sempre que quiser, e ele tem prazer de estar comigo!

Para ser discípulo de Jesus, eu tinha de passar um tempo significativo com ele constantemente. Esse encontro tornou-se a principal prioridade da minha vida. Resolvi que ia me encontrar com Jesus antes de qualquer outra atividade do dia.

## **Como ser discipulado por Jesus**

A seguir estão alguns componentes-chave do encontro com Jesus para ser discipulado por ele.<sup>5</sup> Foi isso que Harry foi discipulado para fazer e ajudar os outros a fazerem.

## Olhe para Jesus.

- *“Jesus, como tu és?”*

Eu uso as Escrituras para aprender sobre Jesus, anotando o que descubro sobre ele e seu Pai. Medito sobre as implicações do que aprendi. Usar uma lista dos nomes de Deus em ordem alfabética é um bom começo. Exemplos:

- Autor da Salvação Eterna (Hebreus 5.9)
- Pão da Vida (João 6.35)
- Criador (Romanos 1.25)
- Libertador (Romanos 11.26)
- Emanuel (Mateus 1.23)
- Fiel (Apocalipse 19.11)

Então, eu louvo Jesus. Imagino o Rei Jesus sentado comigo. Olhando em seus olhos, eu lhe conto meus pensamentos, sentimentos e compromissos. Isso é louvor e adoração.

- *“Jesus, como nos saímos?”*

“Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto” (Tiago 1.17). Eu reflito sobre o que aconteceu na minha vida desde o último encontro com Jesus. Avalio meus relacionamentos procurando coisas boas, especialmente a semelhança de Cristo no relacionamento com minha família e com os outros. Lembro as bênçãos que recebi de outras pessoas e de bênçãos temporais como comida, a capacidade de enxergar, meu trabalho e assim por diante. Por tantas coisas boas e por cada progresso, por menores que sejam, olho nos olhos de Jesus e agradeço a ele com sinceridade. Ele está trabalhando em mim (Filipenses 1.6).

É importante ressaltar que também agradeço ao meu Rei Soberano pelos erros (meus e de outros) e dificuldades (Efésios 5.20). Ele poderia ter reparado todos eles. Em vez disso, por boas razões, preferiu agir de outra forma, sabendo que esses desafios podiam me ajudar a amadurecer em humildade, fé, amor e outros aspectos.

- *“Jesus, podes me mostrar mais de ti?”*

Eu gosto de ler os Evangelhos de forma sistemática e lenta. Peço

ao Espírito Santo que me ajude a descobrir o que Jesus estava pensando, sentindo, desejando, e até mesmo por que ele fez ou disse determinada coisa (Jeremias 9.23-24), sempre tendo o cuidado de ser cauteloso e humilde nas minhas conclusões. Lendo apenas um evento ou parágrafo por encontro, consigo memorizar e meditar na verdade que descubro sobre Jesus e conto a ele minhas ideias a seu respeito. Isso é adoração “em espírito e em verdade” (João 4.24).

## Ouçã Jesus

- *“Jesus, o que tu estás me dizendo?”*

Toda a Escritura é a Palavra escrita de Jesus para nós (2Timóteo 3.16). Quando estou estudando, leio um livro inteiro da Bíblia. Começando do início, estudo um parágrafo — ou só uma frase — de cada vez, da seguinte maneira:

**Analisar.** Estou ouvindo as próprias palavras de Jesus e as levo a sério. Se não sei o significado de alguma palavra, procuro em um dicionário. Quando não entendo uma frase ou parágrafo, consulto uma Bíblia de estudo ou um comentário, ou telefono para um amigo mais experiente (Atos 8.30).

**Categorizar.** Leio novamente o parágrafo ou a frase. Enquanto leio, procuro as seguintes categorias e escrevo o símbolo correspondente na margem, onde couber. Por exemplo, se o que leio é uma ordem, escrevo um O ao lado do versículo.

N — natureza de Deus Pai, Filho, Espírito

A — atividade de Deus Pai, Filho, Espírito

P — promessa em que devo crer

O — ordem que devo obedecer

EX — exemplo a seguir

AV — aviso para prestar atenção

E — erro a evitar

F — fato cuja importância ainda não identifiquei

C — consultar alguém sobre algo que não entendo

**Personalizar.** Agora vem a conversa. Eu imagino Jesus sentado ao meu lado ou eu sentado aos seus pés (Lucas 10.39). Pelo seu Espírito, ele sussurra para mim nesse estudo bíblico. Sem alterar em nada o significado — pode não ser mais a Palavra de Jesus, se eu o fizer — eu registro em meu diário Jesus dizendo as próprias palavras das Escrituras, mas em primeira pessoa, dele para mim. Por exemplo, Provérbios 3.5-6:

“Hal, quero que confie em mim de todo o coração. Não quero que se apoie no seu próprio ponto de vista. É importante que você me reconheça em todos os seus caminhos. Ao fazer isso, saiba que estou com você e eu guiarei os seus passos.”

Tenho um cuidado imenso de não acrescentar nem subtrair nada do significado preciso da Palavra de Deus (Apocalipse 22.18-19). Eu submeto quaisquer interpretações ao crivo das Escrituras e/ou consulto companheiros confiáveis (Atos 17.11; 1Coríntios 14.32).

- *“Senhor Jesus, há algo que tu queres que eu faça em resposta à tua Palavra?”*

Tenho certeza de que muitas vezes pude sentir as ideias, emoções e desejos de Jesus ao ouvi-lo falar comigo dessa maneira. Às vezes, escrevo respostas para ele. Outras vezes, sei que há algo que ele quer que eu faça (ou até mesmo me mandou fazer). Isso é muito significativo — ouvir o Deus Eterno sussurrar algo importante para mim, um de seus discípulos (João 15.15; 1Coríntios 2.9-10).

Repito esse processo o máximo possível para ser discipulado por Jesus e me tornar semelhante a Cristo pelo recebimento da mente de Cristo (Romanos 12.2; 1Coríntios 2.16; cf. Filipenses 3.19).

### **Ame os outros com Jesus**

- *“Senhor, o que tu queres fazer hoje?”*

O primeiro passo da parceria com Jesus no serviço é a intercessão. Neste exato momento, Jesus está servindo por meio da intercessão (Hebreus 7.25). Tendo ido a ele e aprendido com ele (Mateus 11.28-29),

agora Jesus me chama para me unir a ele em seus propósitos. Como está sempre intercedendo, ele me convida a servir com ele: “Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu” (6.10).

Agora ponho de lado a caneta e imagino as pessoas e responsabilidades que encontrarei hoje. “Jesus, o que tu queres fazer quando eu estiver com Kevin?” Confio que o Espírito Santo irá trabalhar por meio de tudo o que aprendi com Jesus e me ajudará a saber o que ele realmente quer. Peço a Jesus que faça especificamente o que acredito que ele quer fazer, acreditando que ele agirá de acordo com a vontade dele (João 14.13-14).

- *“Senhor, o que tu queres fazer por meu intermédio hoje?”*

Em seguida, faço outra pergunta a Jesus: “Como queres que eu me associe a ti para responder a essa oração?” Se eu discernir algo a fazer, estarei servindo com Jesus.

Eu dou tempo ao Espírito Santo para me guiar. Ele pode me mostrar maneiras específicas de me relacionar com Kevin, ou algum ato de bondade que ele gostaria de realizar por meu intermédio, ou pode não me mostrar nada. O ponto-chave é dar a Jesus a oportunidade de me enviar ao ministério com suas instruções, assim como enviou seus primeiros discípulos (Mateus 10; Lucas 9).

Oro para que Jesus me dê poder para fazer o que sinto que ele quer que eu faça. Quando não recebo nenhuma orientação, peço a ele que me capacite a ser semelhante a Cristo com cada pessoa que eu encontrar e que me dê poder para cada tarefa que ele me chamou a realizar naquele dia.

Quando anoto no diário esse encontro com Jesus, registrando sistematicamente minhas conversas com ele, recebo ainda muitos outros benefícios.

Quero encorajar todos a dedicarem o máximo possível de horas para estar com Jesus. Você e ele ficarão felizes com isso. Faça a comparação entre o benefício eterno de estar com Jesus e o que você obtém indo ao cinema ou navegando na internet.

## Fazendo discípulos e discipuladores

O encontro com Jesus pode ser um processo de fazer discípulos autêntico e reproduzível.

1. ***Posso ser discípulo de Jesus encontrando-me com ele.*** Esse encontro com Jesus traz em si princípios de como fazer discípulos.
  2. ***Posso ajudar outros a serem discípulos de Jesus, ajudando-os a encontrar-se com ele.*** Assim como Jesus me discipula em nossos encontros, ele discipulará outros. Eu só preciso ajudar outros a se conectarem com Jesus como eu faço. Assim, eu os estou ajudando a serem discipulados por Jesus.
  3. ***Posso treinar essas pessoas para serem discipuladas pessoalmente por Jesus, sem mim.*** Além disso, quando nos reunimos regularmente com Jesus, eu estou não apenas ajudando meus discípulos a discipularem outros, como também os treino para se encontrarem com Jesus a sós. Desse modo, estando com Jesus, eles podem ser pessoalmente discipulados por ele. Nossa filha, Deborah, seguia esses três passos durante a hora do almoço quando estava na quarta série.
  4. ***Posso treinar essas pessoas para fazerem discípulos ajudando-as a ajudar sua família e amigos a se encontrarem com Jesus.*** Se eu puder ajudar as pessoas que estou discipulando a aprender os princípios e processos envolvidos no discipulado por meio do encontro com Jesus, elas poderão convidar sua própria família, a família da igreja e os amigos a se juntarem a elas para se encontrarem com Jesus. Desse modo, elas não só estão sendo discipuladas pessoalmente por Jesus, mas também estão fazendo discípulos de Jesus ao ajudar todos os que se reúnem com elas a se encontrarem com Jesus.
  5. ***Finalmente, posso ajudar os que estou discipulando a ajudar seus discípulos (familiares e amigos) a fazerem discípulos.*** Resultado: a geração de discípulos semelhantes a Cristo se multiplicaria.
- Entendendo e aplicando esses cinco conceitos, praticamente









## 7 — OBEDECENDO DE CORAÇÃO

---

Ensinando-os a guardar (*Mateus 28.20*).

---

### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, ajudamos os discípulos a entender a obediência de coração**

Ensinar nossos discípulos é uma coisa; ensiná-los a obedecer é outra completamente diferente. Contrariando muito do que diz a teologia cultural, a Bíblia deixa claro que a obediência, com a ajuda do Espírito Santo, é uma característica essencial do cristianismo autêntico. Para preparar o terreno para discutir a obediência bíblica, vamos ver a história de Jim.

Jim tinha vivido uma horrível vida de pecado. Suas lutas diárias envolviam embriaguez, brigas, cólera, violência e ódio. Ele estava com problemas em seu quinto casamento.

Um amigo de longa data o convidou para um dos nossos cultos. Jim foi, meio constrangido. Ele parecia grande e durão, mas se encolhia sob o peso da culpa e da vergonha. Ele teve dificuldade de me olhar nos olhos, chamando-me de “reverendo”.

Jim concordou em participar do nosso retiro de homens. Na primeira noite, já bem tarde, cerca de oito dos nossos homens estavam em uma sala falando sobre Jesus. Nervoso, ele se sentou lá atrás. Em certo momento, ele disse que tinha feito tanta coisa errada na vida, que nada poderia acertá-lo com Deus. Quase todos — de uma forma ou de outra — se pronunciaram sobre sua declaração, tentando explicar o significado da Cruz. Ele não se alterou.

Apesar dos nossos esforços atrapalhados, de alguma forma o Espírito Santo convenceu Jim de que o problema não era seu desempenho, independentemente do quanto fosse ruim ou bom. O desempenho perfeito de Jesus, sua morte sacrificial pelo pior dos pecadores e nossa confiança em quem Jesus é e no que ele fez é que nos libertam da condenação e realmente nos cobrem com sua justiça. Jim esteve tanto tempo preso à culpa e à condenação, que foi necessário um milagre de revelação para destruir as mentiras em sua mente. O milagre aconteceu, e Jim se tornou um seguidor de Cristo.

### **Lutando com o pecado**

Mas que luta nós tivemos! Vez após vez, eu ouvia que Jim havia desistido. Nós conversávamos. Era sempre o mesmo processo: pecado, desânimo, desistência de Jesus, incapacidade de acreditar que Jesus não desistiria dele. O padrão habitual do pecado era conflito, raiva, violência, álcool, culpa, vergonha, desespero.

Jim estava convencido de que era ruim demais para ser um cristão. Eu poderia ter concordado, o que, é claro, teria sido uma mentira. Ou poderia ter dito a ele que não se preocupasse tanto com sua pecaminosidade, porque a morte de Jesus pagou a penalidade e Jim tinha o dom da justiça por meio da simples fé. A última parte era verdadeira, mas a parte que sugeria a indiferença de Deus à sua pecaminosidade teria sido uma falsidade terrível. Deus se preocupa intensamente com a pecaminosidade.

Em nossas conversas, Jim não conseguia falar sobre Jesus, a Cruz

ou o perdão. Ele estava sufocado por sua pecaminosidade. Então, eu perguntava sempre: “Jim, quando Jesus olha para a sua intenção, o que ele vê?” A resposta levou tempo, mas acabamos trazendo à luz suas verdadeiras intenções.

Tanto o desânimo quanto a predisposição para desistir eram demonstrações veladas de que Jim sinceramente queria e pretendia obedecer a Jesus. Seu coração não era indiferente a Jesus. Ele constantemente pensava em desistir porque não queria ser um hipócrita. Mas no fundo, e misturado com sua frustração, estava a intenção sincera, até mesmo o desejo, de parar de pecar e seguir a Jesus. Eu conseguia ver isso. Mas ele, não. Ele era ingênuo em acreditar que, depois de anos de ações e pensamentos ímpios, ele poderia mudar de repente. Mas ele queria. Quando finalmente reconheceu sua intenção de obedecer e conseguiu expressá-la, eu lhe disse que era perfeito. Ele franziu a testa e eu disse: “Deus vê seu desejo sincero de obedecer e o considera perfeito”.

Depois de desabafar sobre a dor que sentia em relação ao seu pecado, Jim pôde falar sobre Jesus, a Cruz e a graça. Ele escolheu se concentrar em Jesus, começando com sua morte sacrificial pelos pecadores, entre os quais até mesmo ele estava incluído, para que pudesse ser totalmente perdoado e aceito na família de Deus.

Foram necessárias muitas conversas, mas finalmente Jim pôde dizer a verdade a si mesmo: seu relacionamento com Jesus não dependia de sua própria justiça ou falta dela, mas de Cristo, e embora Deus odiasse seus pecados, ele havia avaliado seu intento e desejo genuíno de obedecer e o considerou perfeito.

Jim se estabilizou. Ele tinha acabado de se aposentar e passava muitas horas limpando e consertando coisas na igreja. Um dia, ele teve um ataque cardíaco fulminante. Um dos maiores cultos da minha vida ocorreu pouco antes da morte dele. Foi seu culto de batismo. Familiares e alguns amigos se reuniram ao redor da cama dele e cantaram canções de graça maravilhosa. Vimos o brilho de profunda

alegria nos olhos dele. Suas palavras de fé somente em Cristo foram claras e convincentes. Eu derramei um pouco de água em sua cabeça. Todos gritaram, riram ou choraram — de alegria — por esse santo, salvo pela graça por meio da fé autêntica.

A história de Jim levanta vários pontos que os discipuladores, que receberam a ordem de ensinar seus discípulos a obedecer a Jesus, precisam entender.

### **Deus vê o coração**

Para ensinar seus discípulos a obedecer, os discipuladores devem primeiro ensinar enfaticamente a seus discípulos que Deus vê o coração de uma pessoa com toda clareza.

**O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração**

*(1Samuel 16.7).*

**Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens, mas Deus conhece o vosso coração**

*(Lucas 16.15).*

**Ora, Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, concedendo o Espírito Santo a eles, como também a nós nos concedera** *(Atos 15.8).*

**E aquele que sonda os corações** *(Romanos 8.27).*

**E todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações**

*(Apocalipse 2.23; veja também João 7.24; Atos 1.24; 1Crônicas 28.9; 2Crônicas 16.9).*

Nosso comportamento é consequência direta do nosso coração. Está mais do que claro que Deus julga o nosso comportamento, mas o julgamento se baseia na condição do coração que causou o

comportamento — bom ou ruim. Desde o momento do nosso novo nascimento, Deus está trabalhando no nosso coração, aumentando nosso amor por ele e nosso desejo de lhe obedecer. Ocorrem mudanças em nosso modo de pensar e em nosso comportamento à medida que o Espírito Santo nos refaz de dentro para fora. O importante é que nosso coração esteja disposto a ser transformado e responda à orientação do Espírito.

Os discipuladores devem ajudar seus discípulos a entender a diferença entre um coração disposto e obediente e um desempenho perfeito. O erro de não fazer essa distinção deixou muitos seguidores sinceros de Jesus desanimados, envergonhados e sentindo-se tão culpados, que pararam de tentar. A obra do Espírito Santo leva tempo, e cada discípulo é singular. Todos os discípulos se beneficiam do apoio e encorajamento de um mentor e de outros crentes. Alguns precisam de mais atenção do que outros. Apesar da fidelidade de Deus, acho que Jim teria desistido, não fosse pelo discipulado persistente e pessoal.



**Neste capítulo sobre obediência, por que é de suma importância compreender que Deus realmente nos entende e nos avalia primeiro pela condição do nosso coração?**

Algumas pessoas que não conseguem distinguir entre ter um bom desempenho e ter um coração reto não desistem, mas passam a exibir um conjunto de “requisitos” cristãos culturalmente demonstrados que são bem fáceis de praticar. Manter esses “requisitos” como justificativa para um relacionamento com Deus é legalismo, e desistir por não ser bom o suficiente também é.

Outros, sem conseguirem distinguir entre ter um bom desempenho e ter um coração reto, vão ao outro extremo, racionalizando teologicamente a desobediência a Deus, “confiando em Deus” para sua salvação, mas tolerando deliberadamente o pecado conhecido ou ignorando descaradamente os claros mandamentos de Deus. Isso é

graça barata. Para ensinar os discípulos a obedecer, os discipuladores precisam ajudá-los a não cometer esses erros.

A chave: ensine aos seus discípulos que Deus requer obediência, mas é a obediência do coração em um contexto relacional — o compromisso responsivo com a autorrevelação de Deus. À medida que seus discípulos forem conhecendo melhor a Deus e à medida que o Espírito Santo for agindo na vida deles, seu amor por Deus aumentará, assim como seu desejo e capacidade de obedecer a ele.

### **Deus exige um coração obediente**

Tendo estabelecido que Deus nos julga pelo nosso coração, a próxima tarefa do discipulador é ajudar os discípulos a ter o firme desejo de obedecer. Com isso, quero dizer *determinação* autêntica de obedecer a Jesus. Se não tomaram essa decisão anteriormente, o batismo em água dos convertidos é um bom momento para estabelecerem e expressarem sua determinação de obedecer a Jesus. É um voto, a posição do coração. Embora nosso desempenho seja imperfeito, a promessa solene de buscar, crer e obedecer pode e deve ser sustentada como a intenção do coração.

A morte de Jesus pode nos libertar até do mais ínfimo medo de rejeição devido ao nosso desempenho imperfeito. A graça nos deixa livres para “buscar a perfeição” (2Coríntios 13.11) sem medo do fracasso. É essa busca que agrada a Deus. Os que miram nesse alvo sem medo, sempre acabam melhorando seu desempenho. Isso faz parte da obra do Espírito Santo na vida deles.

Precisamos ensinar nossos discípulos a estabelecer com toda sinceridade seu desejo de obedecer a Jesus, com a ajuda do Espírito Santo. Por quê?

A primeira razão: a Bíblia enfaticamente exige obediência como requisito necessário para a salvação.

Veja algumas declarações do Novo Testamento sobre obediência:

**Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus (*Mateus 7.21*).**

**O Senhor Jesus [...] tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder (*2 Tessalonicenses 1.7-9*).**

**Embora sendo Filho, aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu e, tendo sido aperfeiçoado, tornou-se o Autor da salvação eterna para todos os que lhe obedecem (*Hebreus 5.8-9*).**

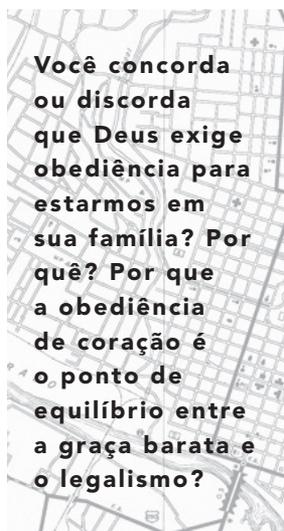
**Ora, sabemos que o temos conhecido por isto: se guardamos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu o conheço e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Aquele, entretanto, que guarda a sua palavra, nele, verdadeiramente, tem sido aperfeiçoado o amor de Deus. Nisto sabemos que estamos nele: aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou. (*1 João 2.3-6*)**

Uma perigosa interpretação errada dessas passagens pode dar a entender que é preciso comportamento perfeito para ser salvo. Se acreditarmos que se trata de uma perfeição absoluta e impecável, nos encontraremos na busca inútil da justificação por meio das obras.

É precisamente por isso que interpreto essas passagens sobre obediência da perspectiva de que Deus nos vê e nos avalia pelo nosso coração. Fale enfaticamente sobre coração obediente. Os discípulos

devem entender que, quando Deus fala sobre obediência, e procura isso, ele está falando sobre o nosso coração. À medida que o Espírito Santo refaz o nosso coração, essas passagens se tornam realidade no que pensamos e fazemos.

Portanto, um coração obediente em relação a Deus diz respeito principalmente ao nosso relacionamento com ele. O relacionamento é o exato motivo pelo qual ele nos criou. É mais razoável supor que aquilo com que Deus se preocupa em relação à nossa obediência é, antes de tudo, nosso relacionamento com ele, que é revelado pela condição do nosso coração.



Eu tenho um coração obediente quando estou determinado a obedecer a Deus. Posso não saber o que obedecer, mas o Espírito Santo me guiará e me ajudará. Quando minha vontade é estabelecida para obedecer, tenho um coração obediente. As palavras de encorajamento de Jesus aos seus discípulos trêpegos e sonolentos foram: “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mateus 26.41).

Deus sabe exatamente quando temos a intenção de obedecer, mas por causa de ignorância e/ou fraqueza, falhamos. Se pretendermos obedecer, uma destas coisas acontece: ou obedeceremos, ou enfrentaremos nossa luta e procuraremos ajuda. Perfeito!

Deus também sabe com certeza se somos indiferentes ou não estamos dispostos a obedecer aos seus mandamentos. A indiferença e a má vontade — ambas funções do coração — revelam ausência de fé em Deus ou rebelião clara, e independentemente do quanto possamos parecer bons exteriormente, ele nos vê e nos julga pelo nosso coração relutante. Essa é uma condição desesperadora para se estar diante de Deus.

É fundamental fazer um estudo cuidadoso dos muitos textos que ensinam o julgamento de Deus com base no nosso coração. Da mesma forma, é primordial que os discípulos sejam ensinados a guardar atentamente seu coração, porque os complexos componentes do coração — armazenamento de informações, atitudes, memórias, emoções, desejos, motivos e assim por diante — influenciam a vontade (Provérbios 4.23).

Mesmo com um coração obediente, há muito mais pela frente. Nós ainda vamos amadurecer e praticar cada vez mais atos de obediência à medida que o Espírito Santo for fazendo sua obra em nós.

Ensine aos seus discípulos estes três fatos:

1. Deus se importa primeiramente com o coração.
2. Deus exige obediência.
3. O que Deus requer é a obediência do coração.

Em seguida, ensine-lhes claramente o que é obediência de coração.

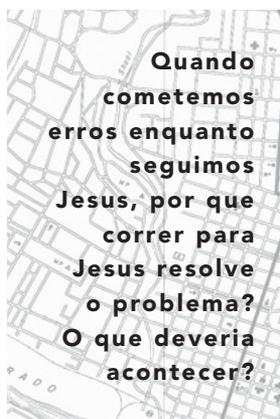
### **Ensinando os discípulos a reagir à falta de semelhança com Cristo**

Cada discípulo precisa ser capaz de explicar ao seu mentor o que faz quando tem de lidar com a falta de semelhança com Cristo. A seguir estão alguns passos importantes que um discípulo deve dar quando agiu de um modo que não é semelhante a Cristo:

- Confessar
  - Impiedade (1João 1.9).
  - Fé (Romanos 10.9; Filipenses 2.11).
- Comemorar
  - O Espírito Santo não deixou você: “Obrigado por me mostrar meu erro. Isso demonstra que tu não me abandonaste e me amas profundamente” (veja João 16.8-13).
  - Ser uma nova criatura (2Coríntios 5.17). A angústia que você sente quando fica aquém da vontade de Deus é um sinal de

ser uma nova criatura. Antes de se tornar um seguidor de Jesus, não fazer a vontade de Deus causava pouca ou nenhuma angústia.

- Ser um filho de Deus — não com base na sua própria santidade, mas na santidade de Cristo (Tito 3.3-7).
- Corrigir (Romanos 12.21)
  - Procure qualquer um que tenha sido ferido pela impiedade (Mateus 6.23-24; Atos 19.18).
  - Peça a Deus que o ajude a crescer e creia que ele o ajudará (1João 1.9).
  - Dialogue com o mentor sobre o que influenciou esse comportamento ímpio e o que pode ser feito para vencer o mal com o bem.



As melhores oportunidades de ensino costumam ocorrer quando nossos discípulos erram. Aproveite bem essas oportunidades (Tiago 1.2-8; 5.16). Por exemplo, quando um discípulo fala sobre seus medos, o mentor pode responder algo assim:

- Obrigado por ter falado sobre esse medo. Você entende a causa de seu medo? O que você acha do fato de ter medo por esse motivo? Quando você pensa sobre esse medo, onde

está o Senhor em seu pensamento? Você consegue imaginar o que ele pensa sobre seu medo? O que ele disse? Você consegue acreditar nele?

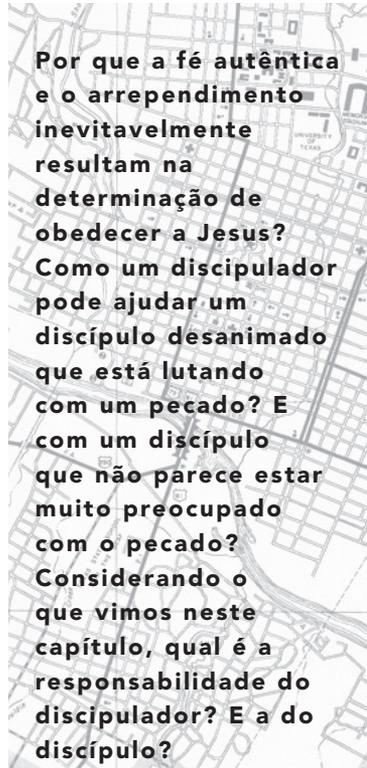
- Agora que já vimos e confessamos seu medo, há algo para celebrar e aprender?
- O que precisa ser corrigido? Com quem? Como?

## Três respostas à graça que todo discípulo precisa ser capaz de explicar ao seu discipulador

*Fé salvadora.* Se eu tiver fé no meu médico, farei o que ele recomendar. Se eu não quiser saber o que ele pensa e fazer o que ele recomenda, isso mostra que não tenho fé nele. O mesmo se aplica à fé em Jesus (João 1.12; 3.16, 36; 5.24; 6.47; 8.24; Atos 16.31; Romanos 3.24-26; 5.1; Gálatas 2.20; Efésios 2.8; Tiago 2.17; 1João 5.10-12).

*Arrependimento* é muito mais do que sentir tristeza pelo meu pecado (2Coríntios 7.8-11). É uma genuína mudança de mentalidade, da autossuficiência e autogoverno para a confiança em Jesus e a busca do governo dele (Romanos 2.5; 2Pedro 3.9; Lucas 13.1-5; 24.46-47; Atos 2.38; 3.19; 5.31; 8.22; 11.18; 20.21; Mateus 3.8).

*Obediência de coração* é a determinação autêntica de obedecer a Deus motivado por amor. Ela conduz inevitavelmente ao aumento da semelhança com Cristo ou à procura de ajuda em áreas desafiadoras (veja as referências acima e também Mateus 5.17; 6.24; 19.17; Lucas 6.46-49; 8.21; 12.47-48; 14.26-35; João 10.27; Atos 4.19; 5.29; 6.7; Romanos 1.5; 2.7-8; 6.15-18; 8.4-5; 15.18; 16.26; 2Coríntios 5.15; Efésios 5.6; Tito 1.16; 3.3-7; Hebreus 11.8-10; Tiago 2.14-26; 1João 2.17; 3.24; 2João 9; Apocalipse 12.11; 17.14).







## 8 — PENSANDO COM JESUS

---

E levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo (*2Coríntios 10.5*).

---

### **Para fazer discípulos obedientes e semelhantes a Cristo, nós os ajudamos a pensar com Jesus a respeito de seu coração**

O propósito dos capítulos 8 e 9 é ajudar nossos discípulos *a pensar* sobre seu coração e o coração de Jesus, por conta própria, ao longo de cada dia. Por quê? O diálogo consciente com Jesus nos dá poder para obedecer a ele.

Os processos dos capítulos 8 e 9 são os mais importantes deste livro porque são necessários para a maioria das pessoas e são a parte menos praticada nos modelos de discipulado, nas famílias e nas igrejas.

Que processos são esses? Dialogue com o discípulo sobre sua história, seu coração e a verdade, de modo que a pessoa aprenda a chegar à verdade do coração por si mesmo. Na prática, estamos falando de ter conversas intencionais em que um mentor ouve um

discípulo contar sua história, abrir o coração e pensar com Jesus sobre sua história e seu coração.

Há um tempo para ensinar. Depois vem a hora de perguntar quais são as perspectivas dos nossos discípulos. Há um tempo para chamar à ação. Depois chega a hora de ouvir as ações e o coração dos nossos discípulos.

Os discipuladores que fazem discípulos semelhantes a Cristo conhecem seus discípulos — estão intimamente familiarizados com eles (João 10.14, 27). Para que isso aconteça, é necessário que os discipuladores ouçam e compreendam intencionalmente seus discípulos, especialmente no que se refere à sua caminhada com Jesus. Para ouvir mais, precisamos falar menos (Tiago 1.19). Para ouvir melhor, aprendemos a fazer perguntas melhores.

Quando estudei o modo como Jesus discipulava, percebi que ele fazia muitas perguntas. E ele estava com os seus discípulos na maior parte do tempo. Devemos fazer perguntas aos nossos discípulos para que eles nos contem suas histórias, pois não podemos estar com eles na maior parte do tempo. Fazer perguntas eficazes aos discípulos ajuda tanto o discípulo quanto o discipulador a revelar o coração e, em seguida, descobrir a perspectiva de Jesus.

Com os nossos discípulos, precisamos descobrir como construir os relacionamentos e estabelecer as estruturas em que a vida deles é o currículo para o estudo e apoio. Minhas melhores experiências de discipulado foram uma combinação de reuniões formais (caps. 6 e 11) e reuniões regulares sem um objetivo específico, exceto descobrir a história e o coração do discípulo e a perspectiva de Jesus.

Aplicando esse processo, fazemos progresso.

Para ilustrar, veja a seguinte situação que ocorreu com meu filho mais velho. As conversas demonstram como é necessário que os discipuladores ouçam, façam perguntas e trabalhem com as histórias, o coração e a verdade de seus discípulos.

## Uma história sobre vida, coração e verdade

Um dos nossos trigêmeos, David, parou de crescer quando estava na segunda série. As amizades que ele tinha minimizaram as consequências negativas, mas quando ele passou para a sétima série, nos mudamos para Oklahoma City. Ele saiu de uma pequena escola cristã onde era um líder popular e foi para um colégio de 1.600 alunos, sendo trinta a sessenta centímetros mais baixo que todos os seus colegas e parecendo ser muitos anos mais novo que eles.

Passados apenas alguns dias de sua entrada na sétima série, comecei a notar uma mudança em David. Percebi que, por vários dias seguidos, ele não me encontrava na porta como costumava fazer. Em vez disso, eu tinha de ir procurá-lo.

— Ei! E aí? — eu chamei.

Silêncio. Subi a escada correndo até o quarto dele e bati na porta.

— Cara, você está aí?

— Sim — ele respondeu, em tom baixo e ligeiramente aflito.

— Posso entrar?

— Pode.

Eu entrei e o encontrei encolhido na cama. Não era um comportamento típico do meu extrovertido filho adolescente. Ele se levantou quando entrei. A expressão angustiada em seu rosto me disse que ele não estava bem. Abaixei-me, pondo um dos joelhos no chão, tentando olhar nos olhos dele. Mas seus olhos estavam fixos em qualquer coisa, menos nos meus.

— O que aconteceu, cara?

— Nada.

— Vamos lá! Pode me contar.

Silêncio.

— Eles te enfiaram num armário de novo? Roubaram suas roupas? O que houve?

Estou tentando fazer com que ele me diga o que aconteceu. A situação na escola tinha se tornado ainda mais difícil em setembro.

— Do que eles te chamaram hoje?

Silêncio.

David e eu nos encontrávamos em particular todas as semanas havia anos. Tivemos muitas conversas em que compartilhamos profundamente nossos pensamentos, emoções e desejos. Mas, no curto espaço de um mês, tudo mudou muito. Sua nova experiência no ensino médio tinha sido chocante e dolorosa.

— Ei, garoto, o jardim de infância é no final da rua — provocavam os outros alunos.

— Quem deixou você entrar aqui? Volta lá para o fundamental!

A zombaria e rejeição implacáveis eram só o começo. Na aula de educação física, seus colegas achavam muito divertido esconder, ou até mesmo destruir, a roupa de baixo do “garotinho”. Eles tentavam ver se conseguiam trancá-lo dentro de um armário. Um garoto do time de futebol, a quem chamarei de “Ryan”, tinha quase o dobro do peso de David. A diversão dele era bater no David.

Embora o dano no corpo de David tenha sido mínimo, o dano em seu coração foi enorme. Bem diante dos nossos olhos, nosso filho feliz, confiante, divertido e amigável estava se tornando um solitário mal-humorado, irritado e hostil. Seu comportamento mudou drasticamente de uma hora para a outra. Com certeza, o abuso foi o catalisador dessas mudanças, mas o principal problema e causa estava em seu próprio coração.

### **Dano no coração**

Quando falo de coração, estou me referindo à personalidade. O coração inclui:

- pensamentos, ideias, lembranças, atitudes<sup>1</sup>
- emoções — medo, paz, tristeza, alegria, raiva, hostilidade, culpa, rejeição, vergonha, desespero<sup>2</sup>
- desejos de se sentir amado, precioso, importante, seguro, protegido, realizado<sup>3</sup>

- motivos de todo tipo<sup>4</sup>
- vontade — a capacidade de escolher o caminho, de se opor a pressões internas ou externas<sup>5</sup>

Tente imaginar o dano no coração de David quando seus colegas o atacaram com violência verbal e física. Como os seus *pensamentos* mudariam se você deixasse de ser um dos garotos mais populares e legais da escola e passasse a ser ridicularizado e agredido diariamente? Você poderia ter pensamentos diferentes a respeito de si mesmo, do futuro, da escola, de seus colegas, de seus pais e até mesmo do Deus que acreditava ser seu Protetor. Você poderia responder com as *emoções* de medo, insegurança, ressentimento, raiva, hostilidade, ódio ou culpa.

E quanto aos seus *desejos*? Talvez você não quisesse nunca mais voltar à escola. Ou podia querer se vingar. Ou podia querer encontrar alguém, qualquer pessoa, que fizesse você se sentir melhor. E quanto aos seus *motivos*? Você seria capaz de ir fundo até encontrar as principais *razões* para a maneira como se sente ou para a maneira como está agindo em casa? Seria capaz de analisar a confusão em seu coração e separar as principais razões pelas quais agora está cheio de medo, raiva e ódio? Talvez você chegue a novas *conclusões* sobre Deus, sobre si mesmo e sobre seus algozes. Suas conclusões seriam certas? Pense em como suas conclusões afetariam todas as outras áreas de sua vida agora e daqui a uns dez anos. Do modo como um homem “imagina em sua alma, assim ele é” (Provérbios 23.7).

Você conseguiria proteger seu coração de reações ímpias e imaturas?

Nós e nossos discípulos sofremos danos no coração, como aconteceu com David. Não se passa pela vida sem ser ferido. Essas feridas, se não forem tratadas, nos causarão dano ou nos deixarão incapacitados. Será que nossos discípulos sabem cuidar das feridas em seu coração? Muito raramente.

Foi a esse filho com o coração gravemente ferido que fiz minhas

perguntas sobre sobreviver ao dia na escola. Nossos discípulos enfrentam difíceis batalhas mentais e emocionais. Será que vão nos falar sobre elas?

### **Faça perguntas que mostrem que você se importa**

— Se você quiser me contar, eu gostaria muito de ouvir como foi seu dia.

Os acontecimentos variavam, dependendo do dia. Às vezes, as crianças puxavam o cabelo dele; outras vezes, era a velha história do armário. Às vezes, ele tinha sido apenas empurrado, xingado ou ridicularizado verbalmente. Chegamos a contar quinze ofensas em um dia. Eu ouvia sua história e depois respondia com uma pergunta para ajudá-lo a abrir o coração, como: “Posso perguntar como isso fez você se sentir?”

Preste atenção na pergunta. Eu estava batendo à porta de suas emoções mais pessoais e íntimas. De início, sua reação foi cautelosa, mas quando ele percebeu que eu realmente queria saber seus verdadeiros sentimentos sem julgá-lo, não teve problema em abrir o coração. Surgiram declarações como:

— Sinto medo. Raiva. Eu não os suporto.

Minha resposta foi:

— Não o culpo por isso.

Em todos os componentes do discipulado, é essencial que nossos discípulos saibam que nosso objetivo é realmente ajudá-los.

### **A empatia abre e conecta os corações**

A simples empatia é uma boa maneira de fazer perguntas. Tente imaginar o que você poderia estar pensando, sentindo ou desejando se estivesse na situação da outra pessoa. Se a pergunta for muito íntima ou parecer muito difícil, você está batendo muito forte. Seja gentil e humilde, como Jesus (Mateus 11.29).

Com empatia, fiz perguntas a David baseadas no que eu achava que teria sentido, se aquilo estivesse acontecendo comigo.

— Você gostaria de se vingar? Gostaria que alguém desse uma surra neles por você?

Se você quer que alguém abra o coração, bata suavemente na porta fazendo perguntas sobre um pensamento, uma emoção ou um desejo. No caso de David, a pergunta: “Você gostaria de se vingar?” bateu na porta do desejo.

Se você tem um relacionamento firme e positivo com a outra pessoa, saberá melhor o que cabe e o que não cabe perguntar. Tome cuidado para não presumir que seu discípulo sente o que você poderia sentir. Não deixe que seu discípulo tenha a impressão de que você o está pressionando para dizer algo que ele de fato não está pensando ou sentindo. Qualquer coisa que não seja a absoluta verdade vai só piorar a situação. O que nós queremos é a verdade escondida nas regiões mais profundas do coração, porque a verdade nos liberta (João 8.32).

### **Obrigado por abrir seu coração**

Às vezes, depois que David compartilhava seus sentimentos comigo, eu dizia algo como: “Sinto muito por você. Eu sei que não posso sentir o que você sente. Obrigado por me falar um pouco sobre isso”. Sua resposta muitas vezes era o silêncio. A minha, geralmente, era abraçá-lo outra vez. Embora eu sentisse raiva e frustração com o que estava acontecendo com ele, creio que o Espírito Santo me deu maneiras de trabalhar as verdades mais importantes no fundo do coração de Dave por meio de perguntas feitas com muito cuidado.

Quando o seu discípulo compartilhar algo do coração, seja extremamente sensível em sua resposta. O coração dessa pessoa é um tesouro secreto, privado e pessoal. Seu tom, se não suas próprias palavras, deve dizer: “Obrigado pelo privilégio de ouvir seus sentimentos mais íntimos”.

Quando alguém abre o coração, parece quase impossível não abrir seu coração em troca. Queremos ensinar, argumentar, culpar, defender, corrigir, discordar, julgar. Mas proteja o seu coração. Deixe sua vontade controlar seus pensamentos e emoções. Tente responder

com empatia: “Ouvir isso me deixa tão triste...”, “Isso deve ter doído muito...”

Ou os componentes do coração do seu discípulo são semelhantes a Cristo ou não são. Como somos governados pelos componentes do nosso coração, precisamos fazê-los conhecidos para que possamos vê-los e pensar no que fazer com eles.

### **Abrindo o coração: expressando amor da forma adequada**

No momento apropriado, expressar o quanto valorizamos sinceramente os nossos discípulos é algo que ajuda muito.

— David, meu filho, o que eu penso de você?

Silêncio.

— Estou falando sério, cara. Você é importante para mim?

— Sim — a resposta fraca, em uma voz sumida, veio finalmente.

Meu filho e eu tínhamos conversado sobre pensamentos e emoções durante anos, especialmente sobre o amor entre familiares, amigos e Jesus. Levantar a questão do valor que David tinha para mim foi minha tentativa de ajudá-lo a pensar sobre sua situação de uma perspectiva maior do que ele era capaz de fazer por conta própria. Eu queria que uma *verdade* que fizesse a diferença fosse firmemente plantada na mente do meu filho, substituindo uma mentira ou estabelecendo uma verdade mais importante que um fato secundário.

— Se você acredita de verdade que é importante para mim, isso muda alguma coisa no modo como se sente em relação ao que as crianças da escola pensam de você?

Nesse ponto, já podemos ter uma conversa bastante razoável sobre um assunto extremamente difícil. Esperei a resposta dele, que em geral não vinha. Então respondi à minha própria pergunta.

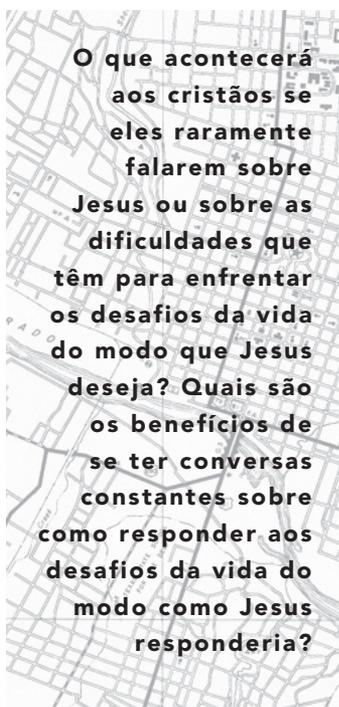
— Provavelmente não faz muita diferença, mas raciocine comigo.

### **Plantando o amor e a vontade de Jesus no coração**

Fiz as seguintes perguntas deliberadamente, quando tive certeza

de que David estava pronto para pensar em cada uma delas.

- Você acredita de verdade que Jesus é real e está vivo?
- perguntei.
- Sim — respondeu David.
- Tem certeza?
- Sim.
- Eu continuei.
- Ele está sempre com você?
- Sim.
- Ele sabe tudo o que está acontecendo com você na escola?
- Sim.
- Ele tem todo o poder para impedir ou mudar o que está acontecendo?
- Sim.
- Se ele o ama e valoriza, isso é muito importante?
- Sim.



- Você sabe que Jesus realmente ama você?
- Sim.
- Você é importante para ele?
- Sim.

Às vezes, é melhor fazer perguntas em que a resposta é apenas sim ou não, em vez de outras mais elaboradas. Depois de cada pergunta, eu dava tempo para David pensar e responder. Observe que cada pergunta visava uma verdade teológica fundamental que quase todo novo cristão é capaz de afirmar. Eu queria apenas que David pensasse e reafirmasse a Verdade que estava acima dos problemas que ele

enfrentava na escola. Nossos discípulos necessitam constantemente que verdades grandes e eternas sejam postas junto dos fatos pequenos e temporais que governam sua mente, suas emoções, seus desejos e vontades.

Àquela altura, as respostas de David estavam chegando mais depressa e com uma certeza cada vez maior. Era visível. Vez após vez, quando atingíamos o ponto principal da presença e do amor de Jesus, eu via o poder do Espírito Santo trabalhando na mente de um arrastado adolescente da sétima série. A verdade de Deus plantada na mente costuma ser a chave para a saúde do coração.

### **De um coração desolado para um coração discipulado**

Mais ou menos nesse momento, a verdade começou a libertar David. Ele levantava a cabeça, começamos a nos olhar nos olhos pela primeira vez durante a conversa, e ele respondia:

— Sim [...] sim!

O fato de ele ser pequeno e as crianças da escola atormentarem sua vida estava gradualmente sendo ofuscado por uma verdade maior. A verdade maior, porém difícil, era (e é) que o Rei do universo está com ele. David é infinitamente valioso para Jesus. Esse grande Rei o ama e está sempre com ele, com todo o poder para acabar com a tempestade ou para dar a David algo melhor: a capacidade de vencer o mal com o bem e revelar o próprio caráter de Jesus. A verdade maior estava entrando em seu coração, criando não apenas esperança, mas fé. Não se deixe enganar: a fé muitas vezes requer trabalho mental diligente, e em muitos casos com a ajuda de um mentor atencioso.

Quantas vezes por semana a mente e as emoções dos seus discípulos são esmagadas, fazendo com que eles tenham comportamentos não cristãos, relacionamentos rompidos ou a influência abalada? Eles têm de levar o coração a Jesus para ser restaurado, mas a maioria precisa primeiro aprender a fazer isso com a ajuda de um discipulador. Para ajudá-los a obedecer, precisamos ensiná-los a guardar o coração (Provérbios 4.23).

— Se Jesus realmente se importa e está com você para lhe dar o que precisa, você consegue voltar para a escola amanhã?

— Sim, consigo.

Assisti David fazer uma difícil *escolha de coração*, dia após dia, para enfrentar seu tormento na escola. Como? Ele creu que era infinitamente importante para Jesus e que tinha uma missão divina a cumprir. Imagine ser libertado pela verdade para voltar àquele terror. Mas ele precisou de ajuda para chegar a esse ponto.

Precisamos ajudar os nossos discípulos a abraçar de fato suas crenças. Muitos adultos, cansados de ouvir “Jesus me ama”, continuam a ser governados pelas opiniões dos outros ou pelo desejo de aprovação ou pelo medo da perda da beleza ou da mudança na economia, e assim por diante. Eles não conseguem sentir que são pessoalmente importantes para Jesus de uma forma firme o suficiente. O resultado é que muitas vezes eles não se sentem confiantes da proteção e provisão de Deus, e buscam valor e significado inutilmente.

### **Guiando o coração: “O que você acha que seria melhor?”**

Quando chegar a hora certa, pergunte o que seu discípulo pensa sobre a situação e o que ele acha que seria melhor fazer. Esse tipo de questionamento olha para o futuro, para a ação ou resolução.

— Cara, qual você acha que seria a melhor maneira de lidar com o Ryan?

Quando eu perguntava a Dave qual ele achava que seria a melhor coisa a fazer a respeito de Ryan, ele olhava para o chão e seu rosto ficava sombrio. Seu sofrimento havia resultado em uma atitude que para mim era bem compreensível:

— Temos mesmo que falar sobre isso?

### **Abrindo meu coração estrategicamente: “O que você acha que eu penso?”**

Em vez de dizer a David o que eu pensava, muitas vezes perguntei:

“O que você acha que eu penso?”

Suponha que o seu discípulo seja capaz de comunicar com bastante precisão o que ele acha que você está pensando. Você pode dizer: “E o que você acha da minha perspectiva?” Essa pergunta é de extremo valor para os discipuladores. Agora você pode ter um diálogo significativo e discutir se o seu discípulo concorda com o seu ponto de vista.

Se o seu discípulo não concordar, tudo bem. Porém agora você tem basicamente o direito de perguntar: “Por que você não concorda com meu ponto de vista?” Seu discípulo mais uma vez tem a oportunidade de resolver questões importantes para sua própria vida em um ambiente seguro, sob sua orientação, em vez de adotar valores, atitudes, ideias e comportamentos baseados em influências culturais, desejos temporais ou reações que deixam Deus de fora.

Fazer uma pergunta como: “O que você acha que eu penso?” é importante porque:

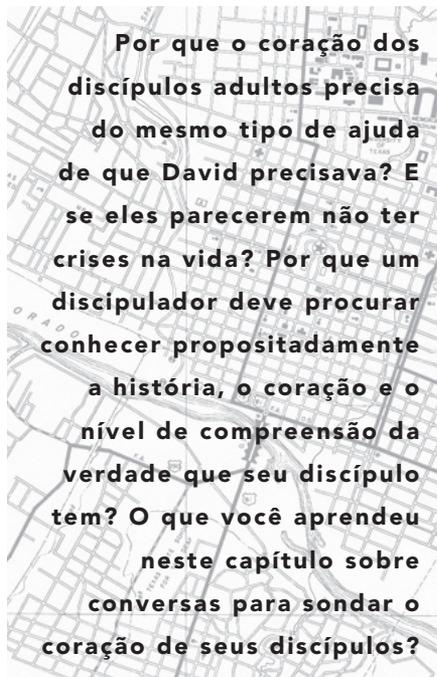
- maximiza a discussão racional, minimizando a tensão relacional
- ajuda o discípulo a deixar de lado seu ponto de vista e ver a situação sob o ângulo do discipulador
- testa se o seu discípulo está entendendo sua mensagem ou perspectiva
- diminui a probabilidade de que seu discípulo se sinta frustrado ao ouvir de você o que ele já sabe que você pensa
- ajuda seu discípulo a estar mais aberto para o próximo passo

### **Batendo à porta de um coração: peça permissão para expressar seus pensamentos**

Obter permissão de seus discípulos antes de dizer o que pensa (no contexto descrito aqui) é como bater à porta do coração deles. Isso lhes dá a oportunidade de abrir a porta para você, se quiserem. É um bom treinamento para todos os relacionamentos. Quando abrimos a porta à força, arremessando nossas palavras em um coração sem ter o cuidado de pedir licença antes, a pessoa muitas vezes se sente invadida

e não tem boa vontade para ouvir o que nós pensamos. Para plantar boa semente no solo, é necessário prepará-lo primeiro. Nunca se esqueça: nossa motivação deve ser a de procurar fazer o que é melhor para os nossos discípulos.

Se o seu discípulo disser não ao seu pedido para compartilhar seus



**Por que o coração dos discípulos adultos precisa do mesmo tipo de ajuda de que David precisava? E se eles parecerem não ter crises na vida? Por que um discipulador deve procurar conhecer propositadamente a história, o coração e o nível de compreensão da verdade que seu discípulo tem? O que você aprendeu neste capítulo sobre conversas para sondar o coração de seus discípulos?**

pensamentos, você e ele saberão que ele está fechado para você. Quando você diz: “Tudo bem, vou esperar até que esteja pronto para falar sobre isso”, significa que a semente não foi implantada, mas que você provavelmente marcou pontos no relacionamento e suavizou o coração de seu discípulo para uma oportunidade futura. Há situações de emergência em que nossos discípulos precisavam ouvir nossa perspectiva *imediatamente*, mas estas não ocorrem com tanta frequência quanto muitos supõem.

## **Conectando um coração ao coração de Jesus**

Agora chegamos à razão mais importante para ter essa conversa. Como discipuladores, procuramos diligentemente levar nossos discípulos a ver o que Jesus vê. Às vezes eu pergunto o que eles acham que Jesus está pensando; outras vezes, peço permissão para dizer o que eu acho que Jesus pensa.

Vamos voltar à minha conversa com David. Quando ele respondeu o que achava que eu estava pensando, eu estava livre para dizer-lhe qual era a minha opinião ou fazer mais perguntas.







## 9 — ANDANDO COM JESUS

---

... os que andam na verdade (*2João 1.4*).

---

### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, nós os ajudamos a pensar com Jesus sobre a influência que eles exercem sobre os outros**

No último capítulo, compartilhei o milagre de como a Palavra e o Espírito de Deus, trabalhando em um coração e corpo maltratados, podem restaurar um jovem discípulo. Os discípulos quase sempre precisam de um mentor para ensiná-los a guardar o coração e andar na verdade. O processo inclui expor e substituir sementes ruins no coração — mentiras e distorções — pela boa semente: a verdade de Deus. Os discípulos têm de ser treinados para, por conta própria, levar “cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Coríntios 10.5).

Continuaremos a examinar conversas que envolvem perguntas que conectam o coração dos nossos discípulos com Jesus, preparando-os para andar com Jesus.

## Um coração de servo: mais que vencedor

O mal não venceu Dave, que tinha a verdade e o poder de Deus em seu coração. Primeiro em seu coração, depois por meio de sua vida, ele venceu a rejeição e o abuso. Ele recebeu poder para ser mais que vencedor. Deus e ele venceram a batalha pelo seu coração, e depois ele foi à batalha pelo coração dos seus inimigos.

Eu ouvi Dave contar a história.

— Voltei para a escola e dizia a mim mesmo, enquanto caminhava pelos corredores: “Jesus me ama! Jesus me ama! Jesus os ama. Jesus ama Ryan. Jesus me chama para amar Ryan”.

Dave estava dizendo a si mesmo a verdade, a verdade de Deus. Deus estava vencendo a batalha por sua mente!

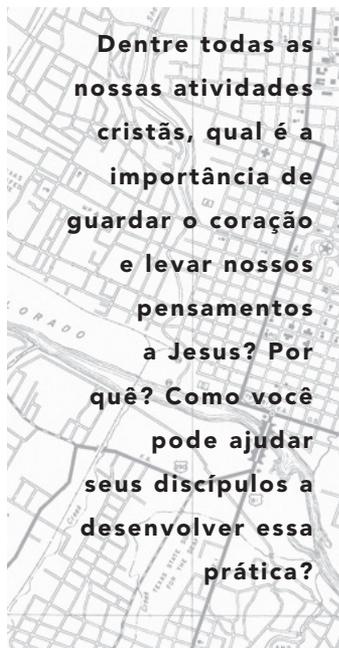
No semestre seguinte, Ryan apareceu em cinco das aulas de Dave, que manteve seu compromisso de ser bom e “fazer o bem” a Ryan (Atos 10.38). Finalmente, o bem venceu o mal. Ryan e Dave ficaram amigos. Convidamos Ryan para passar a noite em nossa casa. Nas primeiras horas da manhã, ele perguntou a Dave:

— Eu não consigo entender. Eu ri de você, bati em você, e agora você me chama de “amigo”?

Quando Dave disse a Ryan por que amava seus inimigos, Ryan quis ouvir mais. Naquela noite, Dave levou seu antigo inimigo a um relacionamento autêntico com Jesus. Os amigos se tornaram melhores amigos. Um dia, eles se fizeram a seguinte pergunta: “O que podemos fazer para mudar nossa escola?” Eles começaram uma reunião de oração todas as manhãs antes das aulas. Encontraram um professor que os deixava usar sua sala de aula. Começaram com cinco pessoas. Logo estavam com vinte, depois quarenta, depois sessenta pessoas. Quinze anos depois, entre cinquenta e oitenta alunos ainda se reuniam todas as manhãs para estudar a Bíblia e orar antes das aulas, na sala de aula do mesmo professor. Isso dá cerca de 67.000 horas de influência piedosa.

A Palavra de Deus mais o Espírito Santo, além de muitas

reuniões familiares e conversas com Jesus, permitiram que David se tornasse rapidamente um homem de Deus, derrotando todo tipo de gigantes. A Verdade o capacitou a não ser escravo das ações e opiniões dos outros. Tendo a Verdade dissipado as mentiras, ele estava livre para andar com Jesus e liderar outros.



Hoje, Ryan treina missionários que vão a grupos de pessoas não alcançadas. David é o fundador e diretor de um ministério universitário de oração e discipulado. Sua recente conferência de oração e jejum reuniu mais de sete mil alunos de quarenta estados. Muitos outros alunos que participaram daqueles encontros matinais na escola secundária se tornaram seguidores de Cristo, e vários deles se tornaram pastores e missionários. O bem pode vencer o mal. A presença e o poder de Deus em um coração podem transformar corações desesperados em corações vencedores.

Aqui está o ponto principal de toda a questão de ensinar e liderar fazendo perguntas: se nossos discípulos aprenderem a examinar e ajustar o coração para ser igual ao coração de Jesus, terão o poder de andar mais obedientemente com Jesus a cada dia. Quase todo mundo precisa de uma grande ajuda para desenvolver essa habilidade essencial.

### **Tirando proveito das crises**

Discipuladores não desejam que seus discípulos enfrentem desafios espirituais. No entanto, usam esses desafios como sua melhor oportunidade de treinar seus discípulos a buscar Jesus para ouvir sua perspectiva e fazer sua vontade.

## Pensando com Jesus

Mais importante do que as batalhas de David na escola foi o fato de ele aprender a pensar com Jesus — levando a Jesus cada problema de seu coração e de sua vida para pensar sobre ele. Se eu não tivesse feito perguntas a David sobre seu coração, eu o teria abandonado para pensar por conta própria — principalmente sobre o trauma da escola. O resultado seria: sentimentos de medo, raiva, rejeição e todos os tipos de desejos e motivos ímpios. Estremeço só de pensar em qual teria sido o resultado daquela luta que ele estava enfrentando na escola, se David e eu não tivéssemos persistido nas nossas conversas que incluíam Jesus (2Timóteo 2.16). David precisava de ajuda para:

- se acalmar
- pensar com Jesus
- concordar com Jesus
- comprometer-se com a vontade de Jesus
- ser responsável pelo cumprimento desse compromisso

O quanto o Espírito Santo é sufocado e entristecido porque cristãos não foram disciplinados para parar, pensar, ouvir, repensar, crer e agir? As disciplinas espirituais precisam ser aprendidas, e raramente são aprendidas em isolamento. Elas exigem discipulado cristão, prática, lembrança e treinamento. Precisamos ter as conversas que ajudam nossos discípulos a aprender a pensar com Jesus, não apenas nos traumas da vida, mas nos detalhes do dia a dia, para que Jesus seja constantemente seu líder, não seu seguidor.

## Unindo-se a Jesus

Como Dave me permitiu ouvir sobre sua situação, nós trabalhamos juntos para chegar à grande razão pela qual ele tinha sido criado — o relacionamento real com Jesus. Ao responder às minhas perguntas, ele teve a experiência profunda de olhar nos olhos de Jesus e ouvir sua voz. Que preço você estaria disposto a pagar por isso? Os pensamentos de Jesus se tornaram os pensamentos de David, e a vontade

de Jesus se tornou a vontade de David. Ocorreu uma união autêntica e significativa, e tudo isso aconteceu no coração de David. É no coração que encontramos e experimentamos Deus. É possível nos unirmos a Deus no nosso coração — os dois podem ser um (Efésios 5.31-32).

Com o auxílio de perguntas que sondavam seu coração, David entendeu por que estava se sentindo arrasado. Mas foi ao concordar e experimentar os pensamentos de Jesus que David foi libertado da dor emocional e capacitado com significado e propósito. Resultado: ele aprendeu a lidar com todos os desafios do coração que enfrentasse na vida, não apenas os gigantes.

Ao unir-se a Jesus em seu coração — concordando com Jesus sobre si mesmo e sobre seus inimigos — David foi capacitado a unir-se a Jesus em sua vida. Em vez de ser vencido por um coração ferido, David foi capacitado a andar obedientemente, como Jesus andou (1João 2.3-6).

## **Amando Jesus**

Essa crise criou a oportunidade de estabelecer o que eu mais queria para David: que ele amasse Jesus como Jesus o amava (João 17.26). Eu queria que ele conhecesse e sentisse o amor de Jesus o suficiente para ser mais sensível a Jesus do que a seus inimigos, a mim, a qualquer pessoa ou a qualquer coisa. Fazer perguntas — em vez de dizer o que fazer — ajudou a tornar isso realidade.

## **Fazendo discípulos com Jesus**

Com o crescimento de sua capacidade de conhecer o coração de Jesus e de obedecer a ele, David conseguiu ajudar seus amigos, e agora sua própria família e outros discípulos, a fazerem o mesmo. Todos os dias, Deus o usa para pregar a milhares e discipular profundamente dezenas de pessoas, especialmente seus principais discípulos, Dawson, Alivia e Adelyn. Ele e Renata estão discipulando intencionalmente seus três filhos, por meio de muitas reuniões, conversas e perguntas.

## **Poder do coração**

Jesus deixou claro o poder de um bom coração: “Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau [...] O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más” (Mateus 12.33, 35).

“Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida” (Provérbios 4.23).

Para o bem e para o mal, o coração determina as ações. Os discipuladores precisam trabalhar com o coração dos seus discípulos, treinando cada pessoa para cuidar de seu coração acima de tudo.

## **Uma cirurgia no coração**

O discipulador é como um cirurgião cardíaco espiritual. Ele precisa descobrir o que está no coração e ajudar seu discípulo a eliminar o que está doente e implantar a Verdade. Isso liberta e capacita o discípulo a obedecer.

Em primeiro lugar, mergulhamos nossos discípulos na anestesia da graça e, em seguida, abrimos seu coração ao ouvirmos suas histórias. Depois disso, fazemos perguntas sobre pensamentos, atitudes, sentimentos, desejos e, principalmente, motivos.

Se encontrarmos semelhança com Cristo no coração, comemoramos. Se encontrarmos algo diferente do coração de Jesus, dialogamos sobre isso com graça, bondade e oração, até que nossos discípulos realmente vejam e concordem com a verdade de Jesus (1João 1.7-9). Quando condições do coração que não são semelhantes a Cristo são descobertas e trazidas à luz da verdade de Deus, e se o discípulo se arrepende delas, as trevas normalmente perdem seu poder de aprisionar. O coração está livre para obedecer a Jesus.

## **Sementes de ervas daninhas — boas sementes**

Esse processo de discipular um coração é como encontrar e eliminar as sementes ruins que deram origem a um comportamento não

cristão e plantar a boa semente — a Palavra de Deus — em um coração aberto, resultando em bons frutos — comportamento cristão.

Você pode dizer: “Mas essa tarefa não é do Espírito Santo?”

Sim, com certeza. E ele tem sido absolutamente fiel para nos guiar à verdade, para nos convencer de nossos pecados, para perdoar tudo o que confessamos a ele, o que acreditávamos que ele faria. Ele não falhou conosco. E muitos de nós respondemos com toda a fé que temos. Mas nós, assim como nossos discípulos, ainda lutamos com pensamentos e atitudes humanas que não são coerentes com os pensamentos e atitudes de Jesus (veja Filipenses 2.5-11) e motivos humanos que não são iguais aos motivos de Jesus (João 5.30). Todos os discípulos de Jesus têm de aprender a reconhecer e responder à voz do Espírito Santo — levar todo pensamento cativo à obediência a Cristo (2Coríntios 10.5). Não se trata do Espírito Santo ou da igreja; trata-se do Espírito Santo *e* da igreja. Deus nos criou para precisarmos uns dos outros e seu objetivo é que nos ajudemos mutuamente. Ele não quer que os cristãos pensem que são tão espiritualmente superiores que não precisam de outros cristãos.

Mesmo uma pessoa que esteja decidida a ser totalmente dependente de Deus e dedicada a ele, pode ter padrões ímpios de pensamento e incredulidade, emoções dolorosas e uma ingênua ignorância de motivações egoístas que se encontram profundamente entrenchados em seu coração. Quem pode conhecer esse coração? O Espírito Santo. Mas a maioria dos discípulos também precisa da ajuda de um amigo que se importe com eles, seja seguidor de Cristo, sonde seu coração e faça perguntas, participando, assim, da transformação de seu coração por meio de conversas que incluem Jesus.

### **A vida destrói bons corações**

Se nós apenas falarmos aos discípulos sobre a graça e o santo chamado de Jesus, mas os deixarmos com o coração partido, eles serão como órfãos. Estaremos falhando com Jesus e com eles. Mas se os

ouvirmos com atenção e fizermos perguntas que abram seu coração, podemos ajudar a trazer o problema à tona. Então, com a ajuda do Espírito Santo, nós e nossos parceiros de discipulado poderemos muitas vezes identificar quais coisas em nosso coração são de Deus e quais não são.<sup>1</sup>

Eu quero ser discípulo de Jesus, andando com ele durante todo o dia — fazendo perguntas, colocando diante dele pensamentos, desejos, motivos e emoções conturbados, substituindo meu coração pelo coração dele, para que eu possa dizer, como ele disse: “O que fiz hoje foi o que ouvi tu me pedires que fizesse” (veja João 5.19). Para isso, preciso continuar a buscar a verdade sobre a minha história e o meu coração na interação com os meus parceiros de discipulado.

Isso é essencial para se tornar semelhante a Cristo. Um número muito grande de pessoas vive guiado apenas por doutrinas e regras. Elas não falam e andam com Jesus pelo seu Espírito. É minha responsabilidade como discipulador ajudar meus discípulos a andar o dia todo em um relacionamento de coração com Jesus. A melhor maneira de fazer isso é por meio de conversas constantes e sinceras sobre nossas histórias, nossos sentimentos e a própria Verdade.

### **Por que devemos fazer perguntas aos discípulos sobre conceitos bíblicos?**

Se os discipuladores não procuram descobrir o quanto seus discípulos compreendem a verdade, e se os discípulos não conseguem articular a verdade em um ambiente seguro com seus discipuladores, isso significa que eles também não conseguem articular a verdade para si mesmos em sua rotina diária, quando precisam desesperadamente dela. Eles não se sentirão capazes de discutir a verdade de Deus com a família. Com amigos cristãos, eles serão vagos, na melhor das hipóteses; no local de trabalho, mudos.

Por outro lado, se o discipulador pedir aos discípulos que expressem o que entendem sobre a perspectiva de Deus, eles conseguirão

dizer a si mesmos a verdade de que precisam tão desesperadamente em sua luta contra a carne, o mundo e o diabo. Eles se tornarão muito melhores e mais ousados com relação a levantar questões e discutir a perspectiva de Deus com suas famílias. Eles serão mais confiantes na comunicação da verdade de Deus no saguão da igreja e nas reuniões de grupo. Quando conseguirem articular eficazmente a verdade de Deus na conversa com seus mentores, terão coragem de perguntar aos incrédulos o que eles pensam ser a verdade.

Com certeza, os mentores devem ensinar o que Jesus ensinou. Uma excelente maneira de fazer isso é estudar um livro da Bíblia do início ao fim, começando com um dos Evangelhos.

Mas como vamos saber se nossos discípulos entendem corretamente o que Jesus ensinou? Por exemplo, quando temos certeza de que eles entendem o perdão? Depois de lermos Mateus 6? Depois de termos falado com eles sobre perdão várias vezes? Não! Não sabemos o que eles sabem enquanto não conseguirem verbalizar suficientemente bem o que Jesus ensinou. Os discipuladores têm de dedicar tempo e atenção individualmente para permitir esse diálogo.

### **Por que devemos perguntar aos discípulos sobre sua obediência?**

Os discipuladores primeiro descubrem se seus discípulos sabem o que Jesus ordenou. Em seguida, descobrem se os seus discípulos estão realmente obedecendo a Jesus.

Jesus espera que eu ensine meus discípulos a obedecer a tudo o que ele ensinou (Mateus 28.19-20). Será que basta um pai dizer a seus filhos que parem de discutir, e depois deixar que eles continuem, apesar do que lhes disse? Não! Para ensinar os filhos a pararem de discutir, os pais devem saber se eles estão ou não fazendo de forma constante e habitual o que lhes foi dito. O mesmo princípio se aplica aos nossos discípulos.

Você pode dizer: “Mas não tenho o direito de fazer isso com outros cristãos”.

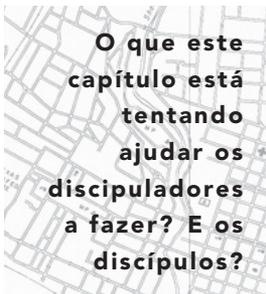
Claro que não, a menos que você os tenha amado o suficiente e conquistado sua confiança e respeito por meio de sua autenticidade como seguidor de Cristo — o que inclui confessar seus próprios erros a eles. Tendo feito isso, quando você os convida para se encontrarem e ajudarem uns aos outros a conhecer e seguir Jesus, eles podem concordar. Então você pode perguntar: “Será que deveríamos relatar honestamente nosso progresso na obediência a Jesus a cada semana?” Eles podem concordar. Se isso acontecer, vocês, com base em sua integridade como seguidores de Cristo, entram em um relacionamento de ajuda mútua para obedecer a Jesus. Você obteve o direito e criou um ambiente propício para que haja esse compartilhamento mútuo, como Jesus fez com seus discípulos (Lucas 9.10; 10.17). Um dos mandamentos de Jesus por meio de sua Palavra é confessar nossas falhas uns aos outros (Tiago 5.16). Além disso, ao compartilharem uns com os outros, vocês estão crescendo na obediência pessoal a Jesus, que nos mandou ensinar outros a obedecer-lhe.

Se o discipulador não perguntar aos discípulos o que eles vão fazer com a Palavra de Deus e como se saíram na obediência a ela, as maravilhosas intenções que nascem das experiências no culto de domingo de manhã, dos estudos bíblicos em pequenos grupos e até mesmo das reuniões pessoais com Jesus muitas vezes se perdem nos velhos hábitos e nas pressões da vida.

Um discipulador eficaz ajuda seus discípulos a se comprometerem a cumprir etapas específicas da obediência à Palavra de Deus, consegue que eles lhe deem permissão para pedir um relatório na próxima reunião e faz o acompanhamento conforme planejado. Por exemplo, esta semana, os homens de um dos meus grupos se comprometeram a não discordar de membros da família até terem feito perguntas que lhes permitam enunciar o ponto de vista do outro. Começaremos a reunião da próxima semana relatando nosso progresso. Isso desencadeia um processo de mudança de vida.

- Deus capacita o discípulo de uma forma especial porque tanto o discipulador quanto os discípulos estão orando por um progresso específico em passos específicos para a obediência.
- Os discípulos identificaram etapas de ação específicas, em vez de “deveres” obscuros.
- Quando o discipulador enuncia compromissos específicos e espera responsabilidade, é muito mais provável que o discípulo se lembre de obedecer.
- Quando parceiros de discipulado voltam na reunião seguinte, é possível ter uma conversa significativa entre soldados no exército de Deus. De duas, uma: ou houve obediência ou não. Se houve, há motivos para comemorar. Se não houve, há graça, encorajamento e diálogo sobre o que deu errado, o que fazer para melhorar e assim por diante. Conhecer Jesus e segui-lo são os itens da agenda.
- Diálogos sobre Jesus ocorrem cada vez mais nos ambientes informais da família e da igreja, porque Jesus está se tornando muito mais tangível na vida de seus discípulos.
- A mudança de vida dos discípulos abençoa e influencia sua família, sua igreja e o mundo.

### **Por que devemos perguntar aos discípulos sobre seu coração?**



Não se esqueça, é principalmente no coração que experimentamos a presença de Deus.

É no coração que excluímos Jesus e, cedo ou tarde, sofremos, ou o incluímos e vencemos.

Se nossos discípulos aprenderem a examinar o coração com Jesus, poderão descobrir se o estão incluindo ou excluindo. Jesus tem pensamentos e motivos; eles têm pensamentos e motivos. Se descobrirem que seus







## 10 — SERVINDO COMO JESUS

---

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele [...] a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo (*Filipenses 2.5-7a*).

---

### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, nós os disciplamos para que sirvam com Jesus**

Jesus era um servo.

O fato de que Jesus tinha o estilo de vida de um servo foi demonstrado na noite em que ele lavou os pés dos discípulos. Depois disso, ele claramente instruiu seus discípulos a seguirem seu exemplo e viverem como servos.

**Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu  
vos fiz, façais vós também** (*João 13.15*).

O propósito deste capítulo é demonstrar que os seguidores de Jesus vivem como servos de nosso Pai, assim como Jesus viveu, ministrando obedientemente a outros.<sup>1</sup> Para fazer isso, recomendo a “igreja

doméstica que faz discípulos”, juntamente com o treinamento pessoal. Isso é diferente de dar aulas de treinamento e ajudar as pessoas a descobrirem seus dons, o que é útil — até mesmo necessário — para alguns, mas raramente suficiente sem o apoio relacional e o treinamento que serão descritos a seguir.

Servir aos outros em obediência a Jesus é ministrar. Ministrar inclui consertar carros, preparar a Comunhão, servir no louvor e assim por diante. Mas o ministério deve amadurecer para incluir os relacionamentos e a interação com as pessoas, e concentrar-se principalmente nisso. Se eu realmente amo meu próximo, me importo com mais do que apenas suas necessidades temporais; eu me importo com o seu relacionamento com Deus e com os outros.

O discipulador firma seus discípulos no hábito de pensar e andar com Jesus. Isso agora se expande para ajudá-los a servir obedientemente a outros. Servir aos outros como Jesus faria é parte do que significa, de acordo com nossa analogia no capítulo 5, “batizar” em nome de Jesus. Portanto, o mentor deve agora reproduzir nos discípulos o que ele estabeleceu anteriormente como seu modo de vida pessoal.

Paulo, inspirado pelo Espírito de Jesus, ressalta o chamado de Jesus a todos os seguidores de Cristo: “Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele [...] a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Filipenses 2.5-7).

### **Um novo crente discipulado para servir**

Joe acordava cedo todas as manhãs porque tinha muito o que fazer. Enquanto se preparava para sair, percorria mentalmente sua agenda do dia. Ele tinha planejado um momento de silêncio a sós para meditar na sua fé recém-descoberta, nas novas lições que estava aprendendo com sua nova família de fé e nos seus grandes propósitos. No café da manhã, lia o jornal para saber o que acontecia no mundo. Ele precisava saber se relacionar com os outros para conseguir levá-los

do ponto de vista deles à sua própria fé. Depois do café da manhã, pegava o trem para o trabalho. Levava consigo várias revistas que seus novos líderes lhe haviam dado. Ele as distribuía pelos assentos do trem onde outros poderiam encontrá-las, talvez até lê-las e, quem sabe, começar a cogitar sua nova fé.

Ele chegava cedo ao trabalho. Queria que seu chefe e seus colegas o respeitassem para que ouvissem quando chegasse a hora de lhes dizer por que ele era um empregado tão bom. Ele trabalhava duro até o intervalo. Durante o intervalo, interagia propositadamente com outros funcionários, perguntando sobre as suas preocupações, necessidades e frustrações. Ele demonstrava empatia e ministrava a eles quando possível. Ao fazer isso, esperava um dia ter a chance de compartilhar suas boas novas sobre como a vida deles poderia ser diferente. Ele fazia a mesma coisa na hora do almoço e durante toda a tarde. Todos os seus dias eram cheios de significado e propósito. Ele queria que outros tivessem acesso à maravilhosa vida de esperança e propósito que havia descoberto.

No fim do dia, Joe saía depressa para jantar em casa. Ele tinha um trabalho importante a fazer depois do jantar. Algumas noites, ele participava de um grupo dirigido pelos líderes de sua nova fé. Outras noites, visitava diferentes bairros para servir pessoas carentes como fosse possível. Com seu crescimento na fé, ele foi convidado a orientar novos convertidos. Algumas noites, ele saía com outros membros de seu grupo de fé para ir a locais de entretenimento ou de alimentação no centro da cidade, onde eles procuravam interagir com os incrédulos para compartilhar sua fé.

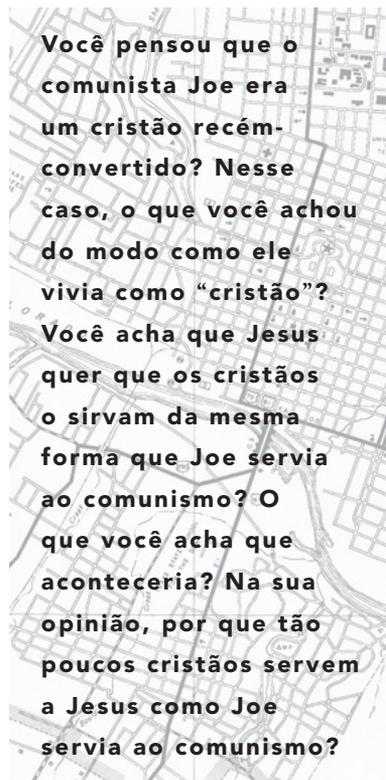
No fim do dia, ele estava exausto, mas voltava para casa com um profundo senso de significado e importância. Ele tinha vivido cada momento do seu dia intencionalmente, com propósito, para beneficiar sua comunidade e o mundo. Ele caía na cama, pensando no que poderia melhorar e como poderia dar sua vida no dia seguinte para compartilhar sua fé de forma apaixonada, estratégica e intencional.

Havia um fogo ardente em seu coração. Era sua paixão.

Essa é a história de Joe. Ela narra um dia de sua vida como um novo comunista. A nova fé de Joe era no comunismo. Ele tinha visto alguns comunistas ministrando — servindo aos outros. Tinha ouvido o sonho e a estratégia deles para tornar o mundo melhor. Ele acreditou na ideia.

Nosso amigo comunista achava que estava ouvindo a verdade. Ele acreditou no que ouviu. Sua nova fé o levou a ter uma nova vida. Dia após dia, ele vivia exatamente como eu descrevi. Ele amava o comunismo e cada momento de sua vida era dedicado a ele. Joe doava quatro de cada sete dólares que ganhava — 57 por cento — para a disseminação de sua crença de que o comunismo era a solução para o mundo.

Esse novo comunista aprendeu rapidamente o que Jesus quer que cada um de seus seguidores saiba e pratique — o ministério de tempo integral. Joe não largou seu “trabalho diário” para fazer o trabalho do Partido Comunista. Em vez disso, usava estrategicamente seu trabalho diário para ministrar como servo do partido. Ele usava os relacionamentos positivos que construiu servindo seu empregador e colegas de trabalho como uma plataforma para propagar sua confiança recém-adquirida de que o comunismo era a resposta para os problemas do mundo.<sup>2</sup>



## Discipulando para o ministério

Comecei uma “igreja doméstica de discipulado” com Carl e Mary, dois novos convertidos que vinham de uma vida de “pecado grave”. Eles me perguntaram se eu os discipularia. Perguntei se eles se comprometeriam a convidar seus amigos para uma reunião de discipulado em sua casa. Eles disseram que sim. Começamos a nos encontrar todas as terças à noite.

Seu processo de discipulado começou com a abertura de sua casa para seus muitos amigos não cristãos, convidando cada um a ir e pensar sobre Jesus junto com eles. Todos nesse grupo eram novos no cristianismo. Quase toda semana alguém se tornava um seguidor de Jesus. Todos eles levavam a sério a mensagem bíblica de que seguir Jesus incluía servi-lo onde quer que fossem.

Kristen foi uma das várias pessoas convidadas. Ela compareceu à reunião. Depois de ouvir sobre Jesus, Kristen se arrependeu e seu estilo de vida foi transformado.

O marido de Kristen, Shawn, não sabia nada sobre cristianismo autêntico — pessoal ou institucional. Suas percepções de Jesus tinham sido aprendidas nas ruas. Ele sustentava a família e pagava seu curso universitário com dinheiro do tráfico de drogas. Quando Kristen disse a Shawn que estava participando de um estudo bíblico, ele revirou os olhos. No entanto, em apenas algumas semanas, ele ficou assombrado ao ver Jesus transformar a vida de Kristen. Shawn decidiu ir ao batismo de Kristen. Tendo observado a vida dela e agora ouvindo as histórias de conversão de outras pessoas que estavam sendo batizadas, Shawn também se arrependeu e pediu para ser batizado.

Por que Shawn abandonou radicalmente sua antiga vida para seguir a Jesus? Kristen e outros cumpriram o primeiro estágio de fazer discípulos — “batizar” (imersão) Shawn, não na água, mas em caráter, ações e palavras semelhantes a Cristo. Esses atos e palavras santos levaram Shawn a Cristo, ao arrependimento e ao batismo nas águas.

Agora que Shawn havia decidido conhecer e seguir Jesus, ele

precisava ser discipulado de forma sistemática e constante. Ele foi imediatamente convidado a frequentar a igreja doméstica de terça-feira à noite.

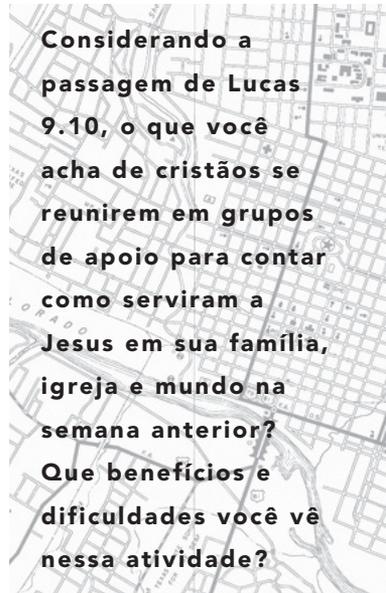
Observe que o que acontecia naquela igreja doméstica era uma reunião de grupo com Jesus, muito semelhante à reunião pessoal com Jesus descrita no capítulo 6. Para sermos discípulos de Jesus é preciso que estejamos com ele. Para fazermos discípulos de Jesus é preciso que ajudemos os outros a estarem com ele.

Foi nessa reunião coletiva com Jesus que Shawn viu e ouviu repetidamente por que e como os seguidores de Cristo servem com Jesus.

## Mostre

Jesus conviveu com seus discípulos. Ao fazer isso, mostrou a eles o que era ministrar. Todas as vezes que os discípulos de Jesus o viram ministrar — e foram muitas — ele os estava discipulando de forma prática para o exercício do ministério de servo (Mateus 13.10; 15.12; Marcos 9.28; Lucas 22.39; João 2.11; etc.).

Os outros cristãos que participavam da reunião com Shawn mostravam a ele a prática do ministério toda semana, quando relatavam seus sucessos ou dificuldades para servir a Jesus em todos os seus relacionamentos. Ele pôde perceber facilmente o chamado e a provisão de Deus para o serviço ao ouvir como seus novos amigos seguidores de Cristo tinham servido a Jesus durante a semana. Ele estava sendo influenciado — discipulado — para servir a Jesus em todos os seus relacionamentos.



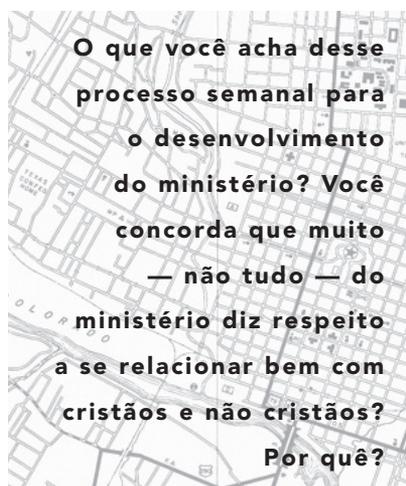
Frequentando com fidelidade sua igreja doméstica, Shawn estava inconscientemente se preparando para um dia servir a Jesus ao plantar sua própria igreja doméstica. Como? Ele estava vendo o que teria de fazer. Pelo fato de estar presente e observar tudo involuntariamente, ele estava aprendendo como fazer discípulos semelhantes a Cristo em um ambiente de igreja doméstica. Falaremos mais sobre como fazer discípulos em igrejas domésticas mais adiante.

## Conte

Jesus contou aos seus discípulos tudo sobre ministração antes de enviá-los a ministrar (Mateus 10.1-42; Marcos 4.34; Lucas 9.1-6; 10.1-16).

Assim como os discípulos de Jesus, Shawn estava aprendendo sobre ministração com Jesus. Ele foi ensinado:

- que todos os cristãos “negam a si mesmos, tomam a sua cruz e seguem Jesus” — aquele que não veio para ser servido, mas para servir<sup>3</sup>
- a manter o olhar fixo em Jesus — não em sua própria capacidade ou falta dela — para ministrar de forma eficaz<sup>4</sup>
- sobre as provisões de Jesus para servir de forma eficaz<sup>5</sup>
- que, sendo sensível ao Espírito Santo como Jesus era, ele poderia fazer a obra de Jesus<sup>6</sup>



Shawn creu na Palavra. Ele percebeu que o ministério não dependia de suas limitações. Assim como Pedro, o que ele tinha de fazer era crer no chamado de Jesus e, obedientemente, sair do barco para as águas desafiadoras do ministério, mantendo o olhar fixo em Jesus (Mateus 14.22-33). Toda semana, a igreja doméstica de Shawn terminava

com um “chamado ao ministério”. Os membros da igreja doméstica esperavam em silêncio que o Espírito Santo lhes desse orientação sobre sua caminhada com ele durante a semana. Em seguida, eram convidados a contar o que haviam sentido sobre o chamado específico de Deus para o ministério. Então, oravam uns pelos outros, crendo que suas orações estavam de acordo com a vontade de Deus.

Shawn observava e aprendia. Ele estava sendo discipulado para servir a Jesus de todo o coração (Deuteronômio 10.12). Em pouco tempo, aquele que apenas alguns meses antes estava completamente perdido, se viu envolvido em um profundo ministério cristão. Ele estava aprendendo a seguir Jesus, que “andou por toda parte, fazendo o bem”.<sup>7</sup> Ele estava aprendendo a “batizar em nome de Jesus” intencionalmente onde quer que fosse.

## **Ouçã**

Jesus ouviu seus discípulos, inclusive dando-lhes a oportunidade de contar-lhe suas experiências ministeriais.

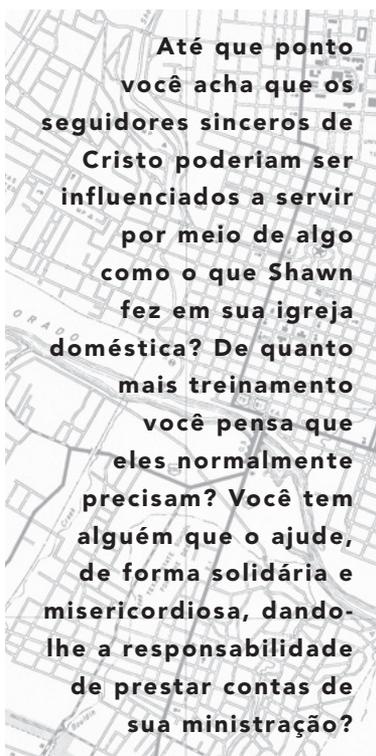
### **Ao regressarem, os apóstolos relataram a Jesus tudo o que tinham feito** (*Lucas 9.10; cf. 10.17*).

Como líder da igreja doméstica de Shawn, tentei fazer o que Jesus fez.

Toda semana, no início da reunião, eu pedia ao grupo que louvasse a Deus por qualquer progresso no serviço com Jesus. Eu costumava começar lembrando que todo cristão é um membro do Corpo de Cristo. Assim como Jesus não veio para ser servido, mas para servir, todos os seus seguidores, como seus representantes, devem servir aos outros em nome dele. Portanto, toda semana, eu e todos os outros “ministros” do grupo ouvíamos Shawn contar como tinha sido sua ministração na semana anterior. O grupo se inclinava para a frente, demonstrando interesse, enquanto Shawn fazia seu relato, aplaudindo com alegria e louvando a Deus por todo o progresso. Shawn

compreendeu que a responsabilidade de exercer o ministério leigo era normal para todos os cristãos, assim como era para os discípulos originais de Jesus.

No final da reunião, eu sempre pedia ao grupo que pensasse sobre seus relacionamentos com a família, a igreja e o mundo, perguntando a Jesus o que ele poderia querer fazer em cada um desses relacionamentos. Nossas reuniões não eram apressadas. Eu podia ficar em silêncio e esperar. Pouco a pouco, os membros do grupo verbalizavam



sua percepção da orientação do Espírito Santo. Nós *ouvíamos* e nos alegrávamos com cada resposta. Às vezes, se não entendesse bem alguma coisa, eu pedia um esclarecimento. Eu ouvia com grande prazer os ousados compromissos ministeriais do novo discípulo, Shawn. Estava feliz por Shawn não acreditar na mentira de que o ministério é só para profissionais.

Na semana seguinte, fazíamos novamente relatórios elogiosos. Esses relatórios eram uma prestação de contas positiva sobre o que o Espírito havia realizado em parceria com seus ministros — aqueles comprometidos em servi-lo onde quer que estivessem.

Com bastante regularidade, surgiam relatos de oportunidades de ministrar que tinham sido perdidas ou de tentativas fracassadas. O grupo reagia aos relatos decepcionantes, às vezes com encorajamento, às vezes com lágrimas. Esse tornou-se o ambiente perfeito para ouvir

e aprender sobre ministério, não apenas “lá fora”, na vida, mas “aqui”, com o Corpo de Cristo. Por quê? Os membros da igreja doméstica faziam perguntas, ouviam, incentivavam, oravam e ajudavam uns aos outros a ouvir o Espírito Santo ou as Escrituras. Algumas vezes, membros dessa equipe ministerial confessavam que haviam se comportado de maneiras ímpias, às vezes horrendas. Os corações atentos e sensíveis da igreja doméstica ministraram graça aos que haviam falhado e coragem aos desanimados. (Pastores profissionais precisam desesperadamente desse tipo de grupo de apoio e discipulado.) Eles celebravam a honestidade, afirmavam a graça e a misericórdia de Deus e conversavam sobre como os ministros de Jesus respondem a esses erros “ministeriais”. Depois disso, saíamos para mais uma semana de ministração. Era uma boa escola de ministério. Nós nos sentíamos como soldados em uma guerra pela qual valia a pena perder nossa vida. E nós éramos esses soldados.

Shawn entendeu que isso era um cristianismo normal. E tinha razão. Ele estava amadurecendo como um ministro não profissional, mas altamente eficiente.

## **Vigie**

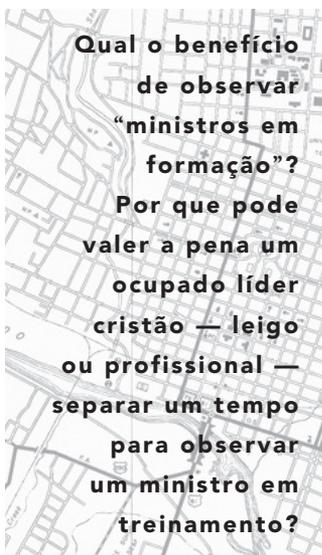
Jesus zelava pelos discípulos. Certa vez, perguntou-lhes sobre a discussão que estavam tendo sobre quem era o maior (Marcos 9.33-37). Isso ilustra o fato de que, por três anos, os discípulos de Jesus estiveram sob o olhar atento do Servo. Ele os observou e treinou suas atitudes em relação ao serviço.

Vendo a disposição de Shawn para servir, convidei-o a se juntar a mim na ministração de outros. Meu duplo propósito era fortalecer suas habilidades de ministério, permitindo que ele me observasse, e, mais importante que isso, permitindo que eu o observasse. O processo geralmente seguia este padrão: Shawn assistia algumas vezes. Depois ele dirigia a ministração enquanto eu observava. No caso de Shawn, isso ocorreu principalmente enquanto eu o ajudava a plantar

sua própria igreja doméstica. Até certo ponto para Shawn, e muito mais para outros, a observação do ministério incluía:

- encontros pessoais com os membros da igreja doméstica para ouvir e ajudar cada um a crescer como seguidor de Jesus.
- experiências de evangelismo de amizade com amigos pré-cristãos. Às vezes, era influenciando-os em um jogo de beisebol. Frequentemente, era em um almoço — sendo sensível às oportunidades de levar seus amigos a Jesus.
- emergências que chegavam ao conhecimento da igreja doméstica, incluindo visitas aos hospitalizados.
- identificar problemas na igreja doméstica e, em seguida, buscar e implementar soluções em espírito de oração.
- facilitar as reuniões de discipulado da igreja doméstica com Jesus.

Depois de assistir Shawn ministrar, pude confirmar que o Espírito Santo o havia ajudado e usado. Se Shawn estivesse tendo dificuldade para ministrar, eu poderia discernir se deveria intervir e ajudar ou deixá-lo passar pelo processo, sabendo que a ajuda estava disponível.



Independentemente disso, depois de cada experiência, eu perguntava a Shawn o que ele achava que tinha dado certo, o que precisava melhorar e como poderia melhorar. Shawn estava recebendo uma formação ministerial muito boa. Ele estava se tornando um ministro eficiente. Por meio desse processo, ele estava aprendendo de que modo iria mais tarde discipular outros para se tornarem ministros.

## Revise

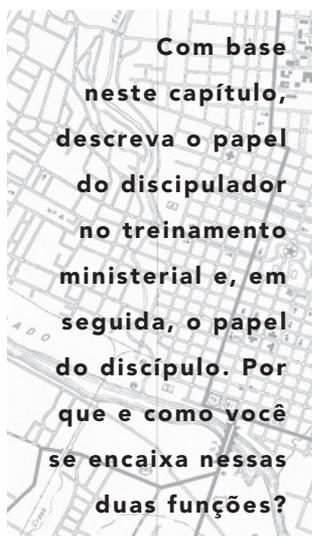
Na igreja doméstica de Shawn, semana após semana, tivemos conversas sobre Jesus. Relatamos coisas boas com as quais Jesus tinha nos ajudado naquela semana. Falamos com Jesus, agradecendo e louvando seu nome. Confessamos nossos erros. Semana após semana, aprendemos com a Palavra, com o Espírito de Deus e uns com os outros. Conversamos sobre como acreditávamos que Jesus queria servir por nosso intermédio naquela semana, resultando em oração e compromissos. Voltamos semana após semana, relatando o que experimentamos enquanto caminhávamos com Jesus. Construímos relacionamentos centrados em Jesus e no propósito de sermos seus discípulos, servindo-o, assim, em todos os nossos relacionamentos. Todos os frequentadores foram ensinados e creram que Jesus os tinha chamado para segui-lo no ministério. Era o sonho de todo pastor.

## Capacitação ministerial

Por causa da presença do Espírito Santo, quase todos os cristãos têm um potencial significativo para ministrar. Certamente, todo cristão tem o direito — e a maioria tem a necessidade — de esperar que sua igreja forneça capacitação ministerial (Efésios 4.11-12) e discipulado (Mateus 28.18-20). Sem o Espírito Santo, Shawn não pode ministrar. Sem a igreja para discipulá-lo, Shawn provavelmente não ministrará.

Veja a Palavra de Deus para os líderes da igreja:

**E ele mesmo concedeu uns para apóstolos,  
outros para profetas, outros para evangelistas  
e outros para pastores e mestres, com vistas ao  
aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do  
seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo**  
*(Efésios 4.11-12).*



Os líderes da igreja devem preparar o povo de Deus para o ministério. Mas líderes bem-intencionados têm sido enganados com frequência. Muitas vezes presumimos que o ensino, a pregação, os seminários, os livros e assim por diante fornecem preparação suficiente. Confundimos ensino com treinamento. Ensinar é um primeiro componente necessário do discipulado. Mas não é suficiente. Jesus demonstrou isso de uma forma dramática. Ele preparou seus seguidores selecionando alguns para discipular intensamente para o ministério. Ele fez mais do que ensinar — ele exemplificou, ouviu, observou e treinou. Ele até os levou com ele em seus momentos mais difíceis para que o vissem lutar pela fé. Ele os discipulou.

O povo de Deus — todo ele — deve ser equipado para o ministério. Os líderes da Igreja podem informar milhares ao mesmo tempo. Mas para formar ministros é necessário discipular alguns que, por sua vez, conseguirão discipular outros para o ministério.

Os próximos três capítulos abordam os maiores desafios da Grande Comissão: “ensinando-os a guardar todas as coisas”. Por favor, prossiga em oração.

### ► Minhas reflexões

---



---



---



---



---





## 11 — SANTO COMO JESUS

---

Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento (*1Pedro 1.15*).

---

### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, devemos ajudar nossos discípulos a serem santos, pois Jesus era santo**

Como é essa santidade?

Há uma lenda sobre um homem que era o rei mais poderoso do mundo. A razão para o seu domínio sobre todos os outros reinos era o seu exército superior com os seus cavalos superiores. Os treinadores de seus cavalos desenvolveram métodos excelentes para treinar os animais. Esses cavalos eram treinados para permanecerem sensíveis às ordens e sinais de seus cavaleiros, mesmo no furor da batalha, em meio ao barulho das espadas se chocando e dos gritos agonizantes dos guerreiros. Na confusão, barulho e dor da batalha, esses cavalos bem treinados não podiam desviar a atenção. A qualquer custo, eles tinham de ouvir e obedecer aos seus cavaleiros.

Após um treinamento preliminar, era aplicado um teste final para ver qual cavalo seria selecionado para uso do próprio rei. Esse cavalo tinha de ser o melhor dos melhores. Muitos eram igualmente fortes, igualmente rápidos e igualmente bem-treinados. Mas o cavalo do rei tinha de ter uma lealdade ímpar ao rei — obediência a qualquer preço.

O cavalo do rei tinha de aprender a responder a muitos sinais. Um desses sinais era um assobio especial. Esse assobio significava que o cavalo deveria ir imediatamente até o rei, fossem quais fossem os obstáculos.

Os melhores cavalos recebiam treinamento e iam para o teste final. Um curral tinha sido construído na encosta de uma ravina. O rio que cortava a ravina corria a algumas centenas de metros, no sopé da colina. Os cavalos mais rápidos, mais inteligentes, mais fortes e mais bem treinados eram levados para o curral. A porteira era fechada.

Os cavalos não recebiam nem comida nem água por um dia. Eles estavam com fome, mas muito pior era a sede. Eles podiam ver o rio e sentir o cheiro de suas águas que corriam logo abaixo, descendo a colina do curral. Os cavalos vasculhavam cada pedaço da cerca, tentando achar uma maneira de escapar.

Mais um dia se passava sem comida ou água. Os cavalos estavam famintos, mas isso não era nada, em comparação com o clamor de seus corpos para saciar a sede. Desesperados por água, eles corriam para o curral, tentando derrubar as paredes laterais e escapar.

O terceiro dia era igual aos outros dois. Sem comida e sem água. Agora desidratados, esses melhores dentre os melhores cavalos estavam perdendo a luta. Eles tinham gastado toda a sua energia tentando se libertar do cativeiro. Estavam arrasados. A esperança de viver estava morrendo.

Então, durante o terceiro dia, os treinadores abriam a porteira. A barreira havia desaparecido. A água salvadora estava ao seu alcance. A esperança voltava, e com ela vinha a energia. Era só correr ladeira abaixo até a água. Os cavalos passavam correndo pelo portão, descendo a colina, com a gravidade a seu favor em sua corrida desenfreada pela vida.

De repente, enquanto corriam em alta velocidade e já estavam no meio da colina, um treinador soprava o assobio real. Aquele assobio significava: “Venha até o rei, não importa qual seja o obstáculo”. Instintivamente, ao ouvir aquele som, os cavalos paravam sua corrida desabalada em direção ao rio. Por um momento, eles reagiam com estremecimento àquele som, divididos entre a necessidade desesperada de água e os meses de treinamento para atender ao assobio do rei. Mas a indecisão durava só um momento. Quase todos os cavalos sucumbiam ao clamor do corpo por água. Eles ignoravam o assobio e satisfaziam sua própria necessidade.

Mas de vez em quando um cavalo mais nobre ouvia o assobio e resistia ao impulso de continuar descendo. Esse cavalo se virava pensosamente, reunindo todas as forças que lhe restavam para responder ao assobio. Esse cavalo negava a si mesmo, até mesmo arriscando a morte. Esse cavalo era selecionado para um serviço especial — ser o servo especial do rei.

Será que nós ouvimos o assobio do nosso Rei? Mil pessoas realmente sedentas gritarão para corrermos ladeira abaixo. Muitos dos nossos amigos e alguns dos nossos heróis estarão indo em direção ao rio. É compreensível que percamos de vista a grande batalha e o nosso Rei. Há sempre lógica suficiente em saciar a nossa própria sede, de modo que faz sentido ignorar o assobio do nosso Rei e continuar a descer. Nossos amigos dirão que devemos ser razoáveis e nos juntar a eles na satisfação de apetites legítimos.

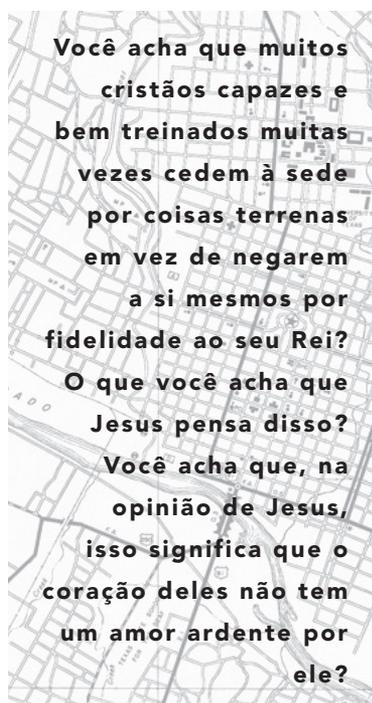
Mas de vez em quando, muito raramente, alguém mais nobre ouve o assobio do nosso Rei. Esse nega a si mesmo, toma sua cruz e luta contra todos os obstáculos para seguir o Rei — para responder ao seu chamado. Esse servo, esse soldado, prestará um serviço especial ao Rei. Sua devoção ao seu Rei é pura? Você ouviu o seu assobio?

O segredo daqueles que respondem ao assobio de nosso Deus enquanto lutam contra todo tipo de necessidade e desejo sedutor é única e exclusivamente o amor. O amor é a única força mais poderosa que o estrondo dos nossos próprios apetites e os gritos da nossa sede

terrena. Esse amor começa não com o nosso próprio amor por Deus, mas com o conhecimento e a experiência do amor dele por nós — amamos porque ele nos amou primeiro (1João 4.19).

Se queremos ouvir e responder de todo o coração quando Deus assobiar, temos de ter o cuidado de cultivar a consciência do seu grande amor no nosso próprio coração e no coração daqueles que estamos orientando. Consciente dos afetos de Deus, nosso coração fica abrasado de amor por ele. Fortalecidos por esse amor, procuraremos escutar e ouviremos a sua voz, e o nosso coração responderá, mesmo que isso nos custe muito.

Pense comigo sobre a seguinte ligação entre a Grande Comissão e o Grande Mandamento.



A Grande Comissão que Jesus deu a seus discípulos é muito difícil: “Ensinem [seus discípulos] a guardar todas as coisas que ordenei”. Todas as coisas? Não é uma tarefa meio esmagadora? Por onde começamos? Como se faz isso?

Aqui está um ponto de partida promissor. Para ensinar nossos discípulos a obedecer a tudo o que Jesus ordenou, faz sentido começar com o que ele identificou como o primeiro e maior mandamento: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento” (Mateus 22.37).

Então, quando nossos discípulos amarem Jesus de todo o coração, estarão no caminho certo para obedecer a todos os seus mandamentos (todas as coisas), pois Jesus disse: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (João 14.15).

Sua comida — energia e prazer — será fazer a vontade de Deus (João 4.34). Adicione o discipulado contínuo e a ajuda do Espírito Santo a essa devoção sincera, e a consequência será a obediência a todos os mandamentos de Jesus.

Os discipuladores têm de ensinar outros mandamentos semelhantes: “Sede santos” (1Pedro 1.16); “Sede vós perfeitos” (Mateus 5.48).

Santidade de coração, amor perfeito, total santificação e devoção pura são expressões semelhantes para descrever o Grande Mandamento.<sup>1</sup>

O que podemos fazer para ajudar nossos discípulos a terem a determinação santa e radical de amar e seguir Jesus de todo o coração?

### **Ore por devoção pura**

Jesus orou para que seus discípulos fossem santificados, e nós oramos da mesma forma (João 17.17). É em resposta à oração que Deus promete santificar tanto a nós quanto aos nossos discípulos (1Tessalonicenses 5.23-24).

Satanás nos engana e nos leva a uma falta de disciplina nas nossas orações por semelhança com Cristo. Ele sabe que, se um núcleo considerável da Igreja de Jesus amar a Deus de todo o coração, a justiça, o poder divino e uma explosão de evangelismo abalarão o mundo. Deus responde com prazer às nossas orações desesperadas por devoção pura para neutralizar a implacável guerra espiritual que Satanás trava contra isso.

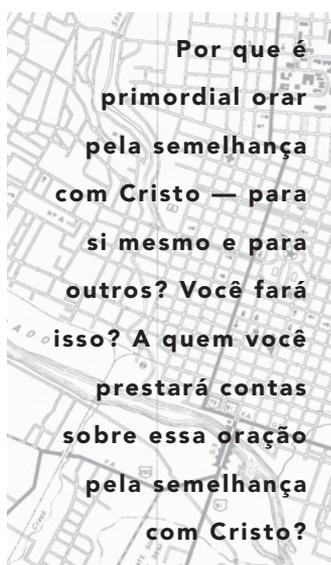
- O que devemos pedir em oração para (e com) nossos discípulos?
- Que eles tenham livramento e proteção do mal (Mateus 6.13; João 17.15)
  - Que seu coração seja limpo e purificado (Actos 15.8-9; 2Coríntios 11.2-3)
  - Que tenham a plenitude do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Efésios 1.23; 3.19; 4.13; 5.18)
  - Que sejam santificados (João 17.17; 1Tessalonicenses 5.23)

- Que sejam um com Jesus e o Pai (João 17.11)
- Que sejam perfeitos e maduros (Colossenses 4.12)

## Demonstre devoção pura

Nossos discípulos merecem nos ver como pessoas totalmente dedicadas; eles precisam ver isso. Ver uma verdadeira paixão por Jesus na vida de outros cria o ardente desejo de também ter paixão pessoal por ele.

A chave para a devoção pura é a constante consciência do amor divino. Se meu amor esfriar, é muito mais fácil eu fazer como os cavalos bem treinados e racionalizar minha “necessidade de água” —



ou de mais comida e sono; ou de uma casa, carro ou guarda-roupa melhor; ou da aprovação dos outros; ou de qualquer outra coisa. No entanto, quando minha mente está cheia da dominante consciência do imenso amor de Jesus, a devoção por ele enche meu coração. Então eu me vejo ansiando por oferecer tudo a ele. A primeira oferta: manter meu coração perto do coração dele.

Oro para que meus discípulos vejam em mim a devoção pura a Jesus, demonstrada em primeiro lugar pelo tempo que passo com ele. Oro para que eles vejam que tenho amor compassivo por todos, evidenciado no fato de me dedicar obedientemente às pessoas e coisas que melhor realizam a vontade de Deus. Oro para que eles vejam em mim um homem de grande visão, otimismo, paz, alegria e capacitação do Espírito como fruto da fé em meu poderoso Rei. Oro para que eles vejam Jesus guiando e capacitando cada ato, palavra, decisão, minuto e centavo. Quando eu tiver consciência de que falhei em qualquer uma das expressões de integridade espiritual citadas acima, devo confessar isso a todas as pessoas afetadas.

## **Ensinar a obedecer a todas as coisas, incluindo devoção pura**

Deus deseja e pede que nos entreguemos totalmente a ele, e a Bíblia nos diz que ele é um Deus zeloso. Muitas pessoas ensinam corretamente sobre o amor e a graça de Deus, mas não dizem que uma reação nominal ou neutra ao seu santo amor causa, na melhor das hipóteses, um sofrimento excruciante no Deus que nos ama. Deus não pede que façamos nada que ele mesmo não tenha feito com suprema excelência. Seu coração dói quando não lhe correspondemos plenamente, em grande parte porque, ao correspondermos de todo o coração, começamos a desfrutar as delícias para as quais ele nos criou e a alegria da comunhão com ele, pela qual entregou tudo.

“O chamado atemporal de Jesus para que haja entrega total do coração humano visa diretamente esse anseio que ele colocou em nós. Sua acusação é feita com base na verdadeira natureza do amor — sua exigência de entrega total e o fato de que ele não aceita a frieza.”<sup>2</sup>

Vinte e oito razões bíblicas para a devoção pura são referenciadas abaixo, sem explicação. Todas elas comunicam expectativas reais de Deus — e sua vontade — de que sejamos inteiramente dedicados a ele. Visto que essas são expectativas de Deus, os discipuladores estão radicalmente decididos a ajudar seus discípulos a:

- buscar a Deus de todo o coração — Jeremias 29.13; 2Crônicas 15.12; 22.9; Salmos 119.2, 10, 58
- converterem-se a Deus de todo o coração — 1Samuel 7.3; 1Reis 8.48; 2Crônicas 6.38; Joel 2.12
- confiar em Deus de todo o coração — Provérbios 3.5
- louvar a Deus de todo o coração — Salmos 111.1; 138.1
- servir a Deus de todo o coração — Deuteronômio 10.12; 11.13; Josué 22.5; 1Samuel 12.20, 24
- obedecer a Deus de todo o coração — 2Reis 23.3; 2Crônicas 34.31; Salmos 119.34, 69

- basicamente, amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento — Mateus 22.37; Marcos 12.30; Lucas 10.27; Deuteronômio 6.5; 13.3; 30.6

Considerando-se a exortação da Bíblia à devoção pura e o nosso chamado para ensinar nossos discípulos a obedecerem a todas as coisas, será que nos atreveríamos a fazer menos que:

- ajudar nossos discípulos a andar pela fé em Deus com alegria, crendo que ele está fazendo sua parte para tornar possível a devoção pura (1 Tessalonicenses 4.3; 5.23-24)?
- encorajar nossos discípulos a se consagrarem totalmente a Deus para sempre (2 Crônicas 16.9; Romanos 12.1-2)?

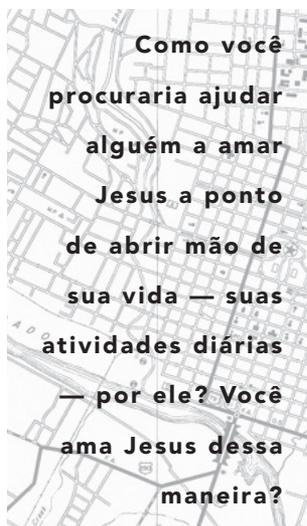
Não ensino esses mandamentos da Bíblia como exigências legais. Se fossem, não viriam de uma fonte de amor. Eu os trato como expectativas relacionais ardentemente desejadas. Esses mandamentos são possíveis como consequência de conhecer a Deus, a quem amamos porque ele nos amou primeiro. Quando conhecemos verdadeiramente

o seu amor, nos entristecemos ao fazer menos do que ele espera de nós (1 João 4.19).

As expectativas do amor podem não ser necessárias, mas quando não são cumpridas, o amor em si é ferido. Não quero olhar nos olhos de Jesus no Dia do Juízo e ter consciência de que ele e eu sabemos que me entreguei principalmente ao prazer, ao dinheiro e às coisas materiais, e ele recebeu apenas um fragmento do meu coração (2 Timóteo 3.1-5).

Também não quero olhar para trás e perceber que poderia ter discipulado

minha família e outras pessoas para amarem a Jesus de todo o coração, mas não fiz isso.



Insisto com meus discípulos para que tenham a firme determinação de viver inteiramente para Jesus e seus propósitos, um compromisso possibilitado pelo desejo de Deus de que sejamos totalmente dele. Por meio de oração e determinação, Deus faz nosso amor amadurecer com o passar do tempo. Se Jesus tivesse cedido à angústia que sentiu no Getsêmani, talvez não tivesse abraçado a Cruz. Mas ele escolheu a Cruz porque estava determinado a fazer a vontade do Pai e podia antever a alegria que viria mais tarde (Hebreus 12.2).

Cruzes causam dor. Nunca sentimos vontade de tomar nossa cruz. Mas, quando o fazemos, nossa força de vontade é estimulada pela antevisão do resultado, o que nos traz alegria. Por isso seguimos Jesus, mesmo contra as pressões da nossa carne e da cultura em que vivemos.

### **Acendendo o fogo**

Como nossos discípulos podem abandonar todos os ídolos e sacrificar sua vida por Jesus, até mesmo com sofrimento? Resposta: quando se aproximam do coração apaixonado de Jesus, o coração deles pega fogo (1João 4.9, 19; Romanos 12.1-2; 2Coríntios 5.15)! Quando começarem a entender as profundezas do amor de Jesus, o coração deles será compelido pela mesma força que compeliu os primeiros discípulos. Eles se entregarão inteiramente a Deus e dirão como Paulo: “Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor” (Filipenses 3.8).

Quando nossos discípulos entenderem com clareza esse Coração que

- os criou para um relacionamento de amor
- se parte cada vez que eles demonstram indiferença
- preferiu não retaliar, mas sofrer misericordiosamente
- se alegrou com sua resposta inicial à graça
- se delicia cada vez que eles respondem a ele de forma positiva no presente

- deseja e solicita uma resposta sincera, principalmente para o próprio bem deles
- anseia reinar e governar com eles para sempre, serão grandemente fortalecidos para amar de todo o coração.

### **Mantendo a chama acesa**

Sustentamos nosso desejo de nos comprometer completamente com Deus por meio de novas e repetidas revelações do amor de Deus que acendeu o fogo. A chama da devoção pura é acesa e mantida principalmente aos pés de Jesus. À medida que meditamos constantemente no amor apaixonado de Jesus, o Espírito Santo acende nosso coração entediado, morno e dividido com a chama da paixão por Jesus. É assim que devemos nos encontrar com Jesus — estejamos sozinhos ou em ambientes de adoração e com companheiros santos.

**Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne  
como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade  
no temor de Deus (2Coríntios 7.1).**

Quando o fogo da paixão está fraco, o aperfeiçoamento da santidade é atenuado. Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, tenho de ajudar meus discípulos a entender por que e como manter acesa a chama de sua devoção. O “como” acontece principalmente ao contemplar o amor de Jesus por todos (João 15.9).

### **Converse sobre as diferenças entre um coração dividido e um coração puro**

Nossos discípulos precisam de uma mensagem clara que mostre as diferenças entre um coração dividido e um coração puro.

**Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão  
tempos difíceis, pois os homens serão egoístas,  
avarentos [...] mais amigos dos prazeres que**

**amigos de Deus, tendo forma de piedade,  
negando-lhe, entretanto, o poder**  
*(2Timóteo 3.1-5a).*

Note que todas essas pessoas têm uma forma de piedade — provavelmente se autodenominam cristãs, frequentam a igreja com bastante regularidade e têm até cargos na igreja. Veja os vários objetos de amor: o eu, o dinheiro, os prazeres. Note que o grande mandamento de amar a Deus de todo o coração é constantemente quebrado; essas pessoas têm vários outros amantes.

No fundo, muitos veem a devoção pura a Deus como algo excêntrico, místico ou extremo (a semelhança com Cristo é bem estreita [Mateus 7.13-14]). Eles consideram o grande mandamento como puramente opcional, na melhor das hipóteses. Eles parecem pensar que é perfeitamente saudável, equilibrado e apropriado que Jesus seja apenas uma fatia de sua roda da vida. Eles acreditam que podem amar coisas: prazer, dinheiro, importância, segurança e sucesso, e se dedicar essencial e principalmente a elas. Ah, sim, eles acreditam que também podem amar Jesus e dar a ele cerca de 5% a 10% do dinheiro, tempo, lealdade e conversas de sua roda da vida. Uma das consequências de dar a Jesus apenas 10% de nossa vida é: não entraremos na alegria e no deleite do relacionamento de amor para o qual fomos criados.

Pense no quanto ficamos perturbados quando descobrimos que um marido está traindo a esposa. E se ele só trai uma noite por ano? Dificilmente alguém acharia isso aceitável.

E quanto ao nosso relacionamento com Deus? Ele realmente não quer que seu povo cometa adultério espiritual (Oseias 1.2). Ele vê o coração — Ah! E que coisas ele vê! Ele, de fato, tem ciúmes e percebe muito bem quando pomos nossa confiança em qualquer coisa que rivalize com ele e nos dedicamos a isso.

Porém seu prazer é grande quando o buscamos e correspondemos a ele em qualquer área. Ele se alegra infinitamente quando permitimos

que o amor faça o que é próprio de sua natureza — assumir o controle de toda a nossa vida, e não apenas de partes dela.

Jesus morreu para ter uma noiva pura e imaculada (Efésios 5.25-32). Seria exagero dizer que o nominalismo e a frieza da Igreja se tornaram tão normais que já não fazemos caso de um coração dividido e espiritualmente adúltero, e que presumimos que qualquer um que seja inteiramente dedicado a Jesus é, no mínimo, radical?

Qual é a solução? Nossos discípulos precisam entender cada vez melhor o amor incompreensível de Deus (Efésios 3.18-19).

### **Converse com os discípulos sobre a devoção pura de nosso Pai**

Deus é infinitamente dedicado a tudo o que capacita a devoção pura a ele. O que poderia ser escrito sobre o amor incompreensível de nosso Pai que já não tenha sido explorado? Seu amor por pessoas que nós nunca ousaríamos amar é tão grande, que ele pediu a seu próprio Filho que se tornasse um sacrifício eterno para criar um relacionamento eterno disponível a todos os que corresponderem. Que nossos discípulos arrependidos que corresponderam ao amor de nosso Pai possam experimentar a profundidade de sua alegria sincera neles! Além da alegria sincera, o coração de Deus transborda de satisfação e prazer apaixonado quando seus filhos recorrem a ele em busca de orientação e ajuda. Sua satisfação e prazer são ampliados e multiplicados quando amadurecemos o suficiente para nos importarmos genuinamente com ele e seus desejos.

Por favor, raciocine comigo enquanto tento nos ajudar a sentir as paixões ardentes do amor de nosso Pai. O amor santo, justo e apaixonado de nosso Pai foi banalizado pelo nosso fracasso em ver seu zelo como um componente de seu amor. Nosso coração se comove quando experimentamos a devoção infinita do coração de Deus. Da mesma forma, o coração humano se beneficia do temor que sentimos ao perceber o ciúme de Deus em relação às escolhas que fizemos sem nos importarmos com ele.

**Eu sou o SENHOR, teu Deus, Deus zeloso**

*(Êxodo 20.5b).*

**Porque não adorarás outro deus; pois o nome do**

**SENHOR é Zeloso; sim, Deus zeloso é ele**

*(Êxodo 34.14).*

Como amante da nossa alma, Deus observa cada nuance do nosso coração. Ele conhece todos os movimentos de cada coração em direção a ele, mas também todos os movimentos — confiança ou devoção — a qualquer coisa que não seja ele. A confiança em qualquer outra coisa que não seja Deus é idolatria. A intensidade do prazer de Deus quando nossas atitudes ou ações são motivadas por ele contrasta com sua total aversão — ciúme — quando somos motivados por qualquer coisa ou alguém que não seja ele. Quando vê o nosso coração olhando para outro lugar, Deus sente nossa indiferença e abandono. Isso é extremamente ofensivo a ele.

Lembre-se, Deus vê o coração que deseja sua vontade e nele se alegra perfeitamente, independentemente do nível de maturidade. Suponha que o Espírito de Deus me mostre um determinado prazer que atraia meu coração mais do que ele. Suponha que, ao perceber essa condição do meu coração, eu sinceramente queira mudar e busque ajuda para isso. Jesus diz: “Perfeito!” O progresso no amor virá por meio de um coração decidido a amar.

Por mais doloroso que seja para o nosso Deus santo saber de nossas idolatrias, é ainda mais doloroso para ele nos abandonar nelas. Por quê? Porque a essência de seu coração é o amor compassivo testemunhado no sacrifício da vida de seu Filho.

Quando nossos discípulos perceberem a devoção sincera de nosso Pai, compreenderão melhor seu ódio às divisões e destruições do pecado. Então eles poderão entender com maior nitidez a dor em seu coração quando ele misericordiosa e gentilmente confronta nosso pecado, desejando que ninguém pereça. Como é grande o amor do nosso Pai, que

condenou seu Filho a morrer por nós! Com admiração, passaremos a eternidade descobrindo a magnitude do que o Pai nos concedeu ao entregar seu Filho por nós. Como alguém poderia não amar esse Amante?

### **Converse com os discípulos sobre a devoção pura de Jesus**

Em suas últimas horas, Jesus sentiu grande angústia. Porém sua devoção ao Pai fortaleceu sua determinação. A compaixão altruísta por todas as pessoas que não conhecem a Deus, incluindo seus inimigos, o motivou. Sua expectativa da eternidade com uma Igreja santificada — amando-o como ele a ama, pensando o que ele pensa, sentindo o que ele sente, querendo o que ele quer — o revigorou (Hebreus 12.2). Pense no quanto Jesus deve ter amado cada pessoa, a ponto de abrir mão de sua igualdade com Deus para passar pelo sofrimento humano que nos libertou! Para sofrer de uma forma indescritível por todas as pessoas!

**Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo. Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo (2Coríntios 11.2-3).**

Qual é a verdade motivadora que levará nossos discípulos a serem cheios da plenitude de Deus? Resposta: compreender e conhecer o amor de Jesus. Precisamos “ver” Jesus (Efésios 3.18-19; cf. João 12.21; 14.31; 15.13; Efésios 5.25-32).

### **Converse com seus discípulos sobre a devoção pura do Espírito Santo**

Nós não vemos a idolatria do coração da mesma maneira que

Deus a vê. O Espírito de graça também é o Espírito de verdade e santidade. Eu me pergunto se estas palavras exageram ou subestimam as santas paixões do Espírito de santidade:

Ele nos ama em toda a extensão que sempre concebemos sermos amados por Jesus, ou pelo Pai. Ele demonstra parte desse amor entranhando-se profundamente no nosso coração disposto, embora terrivelmente dividido.

Uma coisa foi Jesus viver entre os pecadores. Outra inteiramente diferente é o Espírito de santidade entrar em corações redimidos que não têm consciência de suas idolatrias. Ali ele habita, vê, ouve, cheira e toca ídolos que são indescritivelmente repugnantes para a Santidade em Pessoa. Ele fica imerso, trabalhando em nossas atitudes, desejos e motivos profanos e saturados de ídolos. Ele sabe — nós geralmente não sabemos — quando Jesus é apenas um dos nossos muitos amantes. Ele expõe misericordiosamente essa idolatria — por amor a nós, por amor a Jesus, por amor a todos. Ele sabe da nossa indiferença — até mesmo rejeição — à sua orientação, mas permanece. Ele é apagado e se entristece, mas não vai embora. A própria Santidade, cujos olhos são puros demais para olhar para o pecado, impregnou-se em corações cegos pelo pecado para convencer e purificar. Seu anseio por livramento desse ambiente impuro e infestado pelo cheiro do pecado é tão grande quanto o de Jesus em relação à Cruz. Mas compelido pelo amor e comunicando amor, ele permanece, heroicamente, revelando pacientemente os ídolos. Ele trabalha com devoção, expondo e eliminando amantes falsos que contestam sua suprema paixão — glorificar o magnífico Cristo para que somente este reine supremo como o objeto de nossa total confiança e devoção (veja João 16.14; Colossenses 1.19).

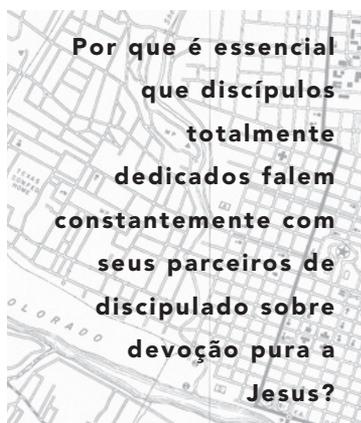
### **Treine seus discípulos para a devoção pura**

Deus nunca foi negligente na resposta às nossas orações por santidade, e a maioria dessas orações foi sincera. No entanto, estamos atravessando uma crise de devoção pura. Por quê? Com toda certeza,

é necessário que haja pregação clara e muita oração por corações e vidas santos. Existem outros culpados, mas um dos maiores é o fato de que não falamos com graça e honestidade sobre completa devoção. Wesley disse: “Não existe santidade que não seja santidade social”. Um estudioso de Wesley me disse recentemente que ele queria dizer que os cristãos não conseguem manter uma devoção fiel e amadurecer sem conversas centradas em Cristo e responsabilidade.

**Mas receio que [...] seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo (2Coríntios 11.3).**

**Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras (Hebreus 10.24).**



Ao viver uma vida puramente devotada, aprendo alguns dos seus desafios. O que aprendo ao manter um amor puro e ardente por Jesus torna-se um dom de Deus que me permite falar aos meus discípulos sobre dedicação sincera com graça e sabedoria.

A devoção completa e sincera em geral necessita de conversas atenciosas para que a pessoa se mantenha

no curso sem julgar negativamente os outros, a si mesma ou a Deus.

Os mentores que desejam ajudar seus discípulos a amar Jesus de todo o coração precisam investir um tempo especial nesses discípulos, fazendo perguntas como estas:

- Está havendo progresso no que se refere a procurar ouvir Jesus antes de tomar decisões, falar e agir?







## 12 — FAZENDO DISCÍPULOS SEMELHANTES A CRISTO

---

Ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado  
(*Mateus 28.20*).

Ide, portanto, fazei discípulos (*Mateus 28.19a*).

---

### **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, temos de ajudar nossos discípulos a fazer discípulos**

Os discípulos que servem podem e devem ser orientados para que se tornem discipuladores que lideram.

Na Igreja Primitiva, todo seguidor de Cristo era chamado de discípulo de Jesus. Esses discípulos não foram chamados de cristãos até que alguém lhes deu essa alcunha em Antioquia (Atos 11.26). Há apenas duas outras referências em que o movimento, ou os seguidores, de Jesus são chamados de cristãos. As duas estão no contexto do governo romano, que se opôs a eles por reivindicarem que alguém, que não César, era Senhor. Uma delas é do rei romano Agripa, que

pergunta se Paulo está tentando convertê-lo para que se torne um dos cristãos (Atos 26.28). A outra mostra Pedro escrevendo aos discípulos de Jesus, lembrando-lhes que podem sofrer nas mãos dos romanos por serem “cristãos” (1Pedro 4.16).

No entanto, bem mais de 200 vezes no Novo Testamento, os seguidores de Jesus foram chamados de seus discípulos. Como ocorre com a maioria das palavras, o significado original de ser um discípulo se perdeu com o tempo e o uso. Porém, no início, todos entendiam que um discípulo era alguém que tinha sido chamado para um relacionamento pessoal muito sério com um rabino, mentor ou mestre. O DNA do movimento que Jesus iniciou e o método que ele ordenou para sua multiplicação presumiam a mentoria intensiva e pessoal de cada pessoa que fizesse parte do movimento.

O que será necessário para que Deus nos leve de volta à sua intenção original? Discipuladores! Não podemos ser discipulados se não houver discipuladores. Um discipulador é um “pai espiritual” que adota um número administrável de “filhos espirituais”, incluindo seus filhos biológicos, para “batizar cada um em nome de Jesus” de forma intencional e estratégica. Os discipuladores amam, ouvem e depois, com amor, levam cada um a obedecer a todas as coisas que Jesus ensinou.

### **Família ou orfanato**

A igreja deve funcionar como uma família. Em uma família saudável, bons pais dão atenção e afeto individualizado. Eles dão aos filhos instruções claras sobre o que deve ser feito e o que é proibido, porque o amor dos pais faz o que é melhor para os filhos. Bons pais não só esperam que suas diretrizes sejam obedecidas, como também monitoram as ações de seus filhos, recompensando o cumprimento e castigando a desobediência, segundo o que previamente foi estabelecido e comunicado.

Mas a igreja tem se assemelhado mais a um orfanato que a uma família. A igreja do tipo orfanato não tem as relações pessoais e afetuosas necessárias para estabelecer a obediência. No domingo de manhã, o diretor de uma igreja do tipo orfanato dá as instruções. Os órfãos espirituais bem-intencionados, mas imaturos, acenam com a cabeça em concordância ou levantam as mãos ou vão à frente para receber oração, prometendo obedecer às instruções da semana. Mas, em um orfanato com cem órfãos e apenas um diretor, é quase impossível para o diretor saber o que todos os órfãos fizeram naquela semana ou por que, ou conseguir ajudar cada um dos pequenos a entender sua luta e saber como pode se sair melhor.

Na semana seguinte, o diretor do orfanato se levanta e dá outras ordens sobre outro assunto. Muitos dos pobres órfãos não queriam ir ao culto porque falharam muito na obediência às ordens da semana anterior, mas acabaram tomando coragem e foram. No entanto, ninguém — incluindo o diretor — perguntou o que tinham feito na última semana. Alguns ficaram desapontados porque realmente queriam ajuda. Outros ficaram aliviados porque não queriam ser envergonhados na frente de todos os outros órfãos. Agora, vinham novas ordens. Todos rangeram os dentes, prometendo que se sairiam melhor esta semana.

No domingo seguinte, tudo se repetiu. Órfãos cheios de culpa voltaram relutantemente para a grande sala de reuniões em busca de mais orientações. Aconteceu a mesma coisa, e novamente na semana seguinte e na seguinte, e assim por diante. Muitas vezes, os órfãos eram divididos em grupos para discutir o que o diretor tinha dito, mas nunca para descobrir se alguém fazia o que o diretor dizia.

Aos poucos, eles começaram a perceber uma coisa. Eles viram que de fato não era muito importante que eles fizessem o que o diretor estava dizendo, embora fosse bom. O que realmente importava era que eles fossem ouvir as novas instruções de cada semana. Assim, sentindo-se aliviados, eles iam ouvir o diretor para receber dele reflexões novas, singulares, intrigantes e inspiradoras todas as semanas. Chegou

ao ponto em que, se ele se repetisse, alguns resmungavam. Alguns até procuravam outro orfanato.

Jesus deve estar triste por haver tantos órfãos. Ele espera que cada um de seus seguidores receba cuidado pessoal e sensível de um pai-discipulador espiritual, incluindo ser ensinado a obedecer a todas as coisas que Jesus ordenou. Ensinar a obedecer não significa gritar instruções, embora Deus espere que sua Palavra seja ensinada com clareza. Ensinar a obedecer funciona melhor no contexto de relacionamentos próximos e duradouros: cuidado autêntico, conhecimento autêntico, sabedoria autêntica. Funciona melhor em relacionamentos de discipulado semelhantes aos de Cristo.

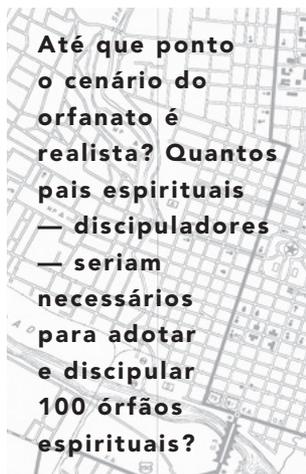
## De pagão a discipulador

Seguindo o esboço de discipulado de Jesus em Mateus 28.19-20, acompanharemos a jornada de um novo discípulo, desde sua conversão até fazer discípulos.

## Ir e batizar

Larry tinha acabado de se casar novamente. Seu novo enteado, um recém-convertido, batizou — imergiu — Larry em nome de Jesus. Ele não o aspergiu levemente; ele o encharcou. Ele abria os braços fisicamente para envolver seu novo padrastrito sempre que possível. Ele o abençoou com presentes e convites para eventos, cuidando dele sinceramente. Não demorou muito até que o enteado convidasse o padrastrito para visitar nossa igreja.

Larry aceitou. Ele era um ex-fuzileiro naval extrovertido e dinâmico. Pedi permissão para me encontrar com ele e sua esposa. Ele me convidou a ir à casa deles. Depois de várias visitas, ele e a esposa atenderam ao convite de Cristo para segui-lo como Salvador e Líder de sua vida. Ele contou sua história à igreja no dia de seu batismo nas águas.



## **Ensinar**

Larry sentava-se fielmente na terceira fila durante nossos cultos de domingo. Também começou a frequentar uma das igrejas domésticas que eu liderava. Nesses locais, ele aprendeu uma maneira totalmente nova de ver e viver a vida. Ele aprendeu a se encontrar pessoalmente com Jesus na igreja doméstica. Para ser discipulado o máximo possível por Jesus, nós o incentivamos a se encontrar com ele e aprender por conta própria, do modo como fazíamos na igreja doméstica. Ele fez isso. Estava sendo discipulado — pelo Espírito, pela Palavra e pela igreja de Jesus.

## **Ensinar a obedecer**

Todas as semanas, na igreja doméstica, Larry observava e ouvia outras pessoas compartilharem, não apenas suas ideias, mas sua vida e ministério. Ele aprendeu que ser discípulo de Jesus é fazer, não apenas crer (Tiago 2.17). Ele ouviu histórias de progresso. Ele ouviu histórias de dificuldades. Ele se envolveu, inclusive prometendo cumprir o que Jesus o estava instruindo a fazer naquela semana. Ele estava sendo ensinado a obedecer.

Por meio das Escrituras, de bons exemplos e de ensino focado, Larry se comprometeu com o que os discípulos de Jesus fazem: encontrar-se com Jesus regularmente (sozinho, em pequenos grupos e em grandes grupos) e ministrar com Jesus constantemente (na família, na igreja e na comunidade). Larry gostava de ajudar e, em pouco tempo, estava servindo ativamente à igreja de Jesus. Ele fazia parte do ministério de louvor, construía balcões e mostruários e ajudava a limpar a igreja em emergências. Também consertava carros de pessoas que não tinham condições de pagar um mecânico.

Porém, ao mesmo tempo, enfrentava lutas com hábitos e tensões relacionais. Ao relatar honestamente seus sucessos e dificuldades, Larry foi amadurecendo constantemente na semelhança com Cristo.

## **Ensinar a obedecer a todas as coisas**

Larry era Fiel, Disponível, Submisso a Jesus e Ensinável (F.A.S.T., em inglês, um acrônimo que significa “rápido”). Ele não teve de desaprender um caminhar de velhas teologias e tradições. O que ele via e ouvia, perguntava até ficar claro. Muitas vezes, levava tempo até ele conseguir articular um princípio com clareza. Mas assim que ele entendia, colocava em prática.

Como mentor de Larry, não bastava eu estar convencido de que ele estava indo bem como ministro. Para obedecer a Jesus, eu tinha de ensinar Larry a obedecer a tudo o que Jesus havia ordenado. Isso incluía ajudá-lo com a santidade do coração.

Porém incluía mais que isso.

Enquanto meus discípulos não estiverem obedecendo à ordem de Jesus para fazer discípulos, ainda não os ensinei a obedecer a todas as coisas. Esse é um passo demorado e difícil, que algumas escolas de discipulado omitem e outras banalizam.

Eu havia ajudado Larry a se comprometer com um ministério não profissional, mas de tempo integral, sendo bom e fazendo o bem em todos os lugares. Lembre-se de que esse ministério é o primeiro passo informal do discipulado.

Agora eu tinha que intencionalmente ajudá-lo a fazer discípulos de forma proativa e eficaz.

## **Uma forma de fazer discípulos: plantar igrejas domésticas que fazem discípulos**

Em poucas semanas, incentivei Larry a reunir seus familiares e amigos — aqueles que ele estava “batizando” — para se encontrarem comigo e com ele em sua casa. Se ele quisesse, poderíamos começar outro ministério de discipulado. Eu lhe disse que, se estivesse disposto a reunir pessoas em sua casa, eu lideraria a reunião por um tempo, exemplificando práticas de discipulado. Ele poderia ajudar participando ativamente, mas também aprender pela observação. Então, aos poucos, eu iria deixando que ele liderasse a reunião, treinando-o

pelo tempo que fosse necessário. Desta maneira, eu o discipularia para fazer discípulos no ambiente da igreja doméstica. Ele estava disposto.

Antes de continuar com o progresso de Larry, é importante que você saiba como são as minhas reuniões “abertas”, destinadas aos discípulos, e as “fechadas”, para os discipuladores.

### **Reuniões abertas para discípulos**

Convido todos para as minhas igrejas domésticas. Essas reuniões são abertas a qualquer pessoa, incondicionalmente. Nas reuniões abertas, procuro fazer discípulos de Jesus conforme descrito nos capítulos 6 e 10. Isso inclui incentivá-los a iniciar suas próprias igrejas domésticas, como vemos Larry fazendo neste capítulo.

Nas minhas reuniões abertas, há três estratégias importantes que distinguem uma reunião intencional de discipulado de grupos mais informais. Cada estratégia é um componente essencial do “Encontro com Jesus”.

1. *Entendimento.* O discipulador faz perguntas programadas aos discípulos para ver se eles entendem as questões bíblicas suficientemente bem a ponto de conseguir explicá-las e dizer por que elas são importantes. Os que não conseguem articular o princípio ensinado e sua importância enquanto estão nesse ambiente de apoio terão dificuldade em dizer a si mesmos a verdade por conta própria. Exemplos: “Você pode explicar o que é ‘graça’ de modo que uma criança de sete anos consiga entender?” “O que significa ‘sangue derramado’?” “Por que isso é importante?”
2. *Compromisso.* O discipulador garante que os membros do grupo se comprometam a dar passos específicos (ministério, obediência) com relação ao amor a Deus e ao próximo (começando com a família) durante a semana.
3. *Responsabilidade.* No início da reunião seguinte, o discipulador pede que cada um apresente um relatório de louvor à ajuda de Deus. Isso é uma prestação de contas construtiva.

## Reuniões fechadas para discipuladores

Entre os Doze, Jesus deu atenção especial a Pedro, Tiago e João.<sup>1</sup> Meus “Pedro, Tiago e João” são aqueles que estão realmente envolvidos na comissão de Jesus para fazer discípulos. Dou a esses discipuladores uma atenção especializada que inclui convidá-los para minhas reuniões fechadas. Para ser convidado para essa reunião, é preciso estar fazendo discípulos formalmente ao liderar pelo menos uma reunião semanal de discipulado para sua família e/ou amigos.

## Facilitando reuniões fechadas para discipuladores

Procuo reunir-me regularmente com dez a doze discipuladores, seja pessoalmente seja em reuniões fechadas apenas para discipuladores. Procuo ajudar meu grupo tanto a fazer discípulos quanto a fazer discipuladores.

No momento em que escrevo, sou facilitador de quatro reuniões fechadas para discipuladores. A finalidade das nossas reuniões é encorajar e equipar os discipuladores.

Como se processa essa reunião:

- Os discipuladores louvam a Deus, especialmente com relatos de seu progresso na tarefa de fazer discípulos.
- Os discipuladores fazem perguntas e falam sobre os desafios que estão enfrentando, e o grupo se ajuda mutuamente a encontrar soluções:
  - Desafios pessoais — quando alguém se compromete a fazer discípulos, aumentam as pressões sobre seu tempo, talvez as tensões ou críticas (eles estão procurando liderar outros) e, provavelmente, os ataques demoníacos. Os discipuladores precisam estar crescendo em sua semelhança com Cristo, muitas vezes um tópico importante.
  - Desafios em relação a discípulos e ao processo de fazer discípulos.
  - Desafios bíblicos, teológicos e metodológicos.

- Preocupações que eu levanto em relação a aspectos bíblicos, teológicos, de estilo de vida ou do processo de fazer discípulos.
- Oração para que haja progresso.

Reuniões fechadas individuais são melhores; mais de quatro ou cinco em uma reunião de grupo diluem o processo. Devido às grandes necessidades dos discipuladores iniciantes, normalmente convido cada um para um grupo fechado para discipuladores, além de reuniões individuais.

Em nossa congregação, todos os que estão reunindo familiares ou amigos em um encontro aberto semanal com Jesus para fazer discípulos são convidados a participar de reuniões fechadas para discipuladores.

Garantir o tempo necessário com discípulos e discipuladores é um dos maiores desafios. A chave é entender com exatidão o que de fato precisa ser realizado e, em seguida, ser criativamente flexível nas estruturas — tanto as de discipulado relacional quanto as congregacionais — para realizar o que for necessário para fazer discípulos que fazem discípulos.

Voltemos a Larry. Vendo que ele estava disposto a fazer discípulos usando o modelo da igreja doméstica discipuladora, eu me comprometi a me reunir com ele pessoalmente.

Toda semana, antes de sua família e amigos chegarem para se encontrar com Jesus, Larry e eu nos reuníamos por uma hora. Eu lhe fazia perguntas sobre

- materiais bíblicos que ele havia concordado em estudar<sup>2</sup>
- o ministério na semana anterior, especialmente com seus novos discípulos
- qualquer dúvida ou preocupação relacionada a ser discípulo de Jesus e fazer outros discípulos
- o que ele planejava fazer na reunião daquela semana

Nós discutíamos como ajudar outras pessoas a entender, assumir compromissos e apresentar relatórios. Em pouco tempo, Larry estava

discipulando eficientemente novos convertidos que ele havia convidado para se encontrarem com Jesus no grupo que se reunia em sua casa para. As mesmas coisas que eu o ajudei a entender e colocar em prática, ele ajudava seus discípulos a conhecer e fazer (2Timóteo 2.2). Após apenas alguns meses reunindo-se comigo individualmente, Larry estava obedecendo muito bem à Grande Comissão de Jesus para fazer discípulos.

Seguindo o exemplo de Jesus, precisamos chamar nossos discípulos para fazerem discípulos. Temos de ensiná-los a obedecer a todos os mandamentos de Jesus, incluindo o de fazer discípulos. Quem não estiver disposto a tentar fazer discípulos pode estar resistindo à Grande Comissão de Jesus e talvez tenha um coração desobediente (Mateus 28.20). Nossos discípulos podem resistir a estratégias específicas para fazer discípulos; eles precisam ser ajudados a abraçar o mandamento de Jesus.

### **Por quanto tempo discipulamos os discipuladores?**

Por quanto tempo os pais trabalham com os filhos? Os maiores desafios dos meus filhos talvez sejam os filhos deles. Se eles estiverem interessados, seus pais podem ser as pessoas que vão ajudá-los lidar com problemas na criação dos filhos, uma vez que os avós têm consideravelmente mais experiência no assunto do que os novos pais.

O mesmo acontece com os discipuladores. Pretendo discipular meus discipuladores (pense em Larry) enquanto eles quiserem ajuda para fazer discípulos que fazem discípulos. Se o discipulador que está sob a minha mentoria interromper o processo por qualquer motivo, o trabalho que já realizamos dará frutos e estarei livre para investir em outro discipulador.

Vamos agora para o passo final, e absolutamente necessário: multiplicar os discipuladores. Isso requer poder de Deus, nossa grande fé, amor, paciência e relacionamentos de longo prazo.







# 13 — FAZENDO DISCIPULADORES SEMELHANTES A CRISTO

---

Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra [...] E eis  
que estou convosco todos os dias até à consumação do século  
(*Mateus 28.18, 20*).

---

## **Para fazer discípulos semelhantes a Cristo, temos de ajudar nossos discípulos a fazerem discípulos**

Discípulos semelhantes a Cristo fazem discipuladores, pois Jesus fez discipuladores.

Imagine discípulos ouvindo o Pai dizer: “Estou muito satisfeito com vocês. E estou cheio de alegria por vocês estarem ajudando outros a serem discípulos do meu Filho. Vocês estão até fazendo com que eles comecem a fazer discípulos. Vocês os estão exortando a orar por pessoas específicas para que elas cheguem um passo mais perto de mim. Vocês os estão ajudando a imergir essas pessoas específicas na

graça, derramando bondade na vida delas e as convidando a se encontrarem comigo. Estou muito satisfeito com vocês.

“Porém há mais um obstáculo gigante a ser transposto. Não é como a cruz do meu Filho, mas talvez pareça assim para vocês.

“Agora vocês devem chamá-los para plantar uma igreja doméstica, assim como a que frequentam em sua casa. Ajudem-nos a reunir familiares e amigos para se encontrarem com meu Filho lá, assim como fazem em sua casa. Ajudem-nos a ensinar seus discípulos a obedecer, não apenas a algumas regras, mas a obedecer como meu Filho fez, andando com sensibilidade ao meu Espírito e procurando não fazer nada independentemente de mim. Por fim, ajudem-nos a auxiliar os participantes de sua igreja doméstica a entender o que significa ser santo como eu sou santo.

“Tudo o que vocês fizeram com seus discípulos, podem ajudá-los a fazer com os deles — incluindo este último passo crucial: fazer discípulos. Eles precisam receber mais ajuda de vocês nisso do que precisaram em qualquer outra coisa que vocês tenham feito com eles. Esse é o seu último grande obstáculo — fazer discípulos que fazem discípulos.

“Orem pelos seus discípulos agora mais do que nunca. Fiquem o mais próximo possível deles para ouvir, não apenas do relacionamento deles comigo, mas como eles estão ajudando os outros a andar comigo. Essa é a chave para a multiplicação e o evangelismo em massa. Marquem reuniões regulares tanto quanto necessário para orar com eles e ajudá-los.

“Vocês estão muito perto! Se a minha igreja se der conta de que quase todos podem ser pais espirituais, e agir de acordo com isso, haverá um crescimento explosivo de salvação e justiça. Esforcem-se ao máximo. Não desistam. Mostrem o caminho. Ajudem seus discípulos a me obedecer fazendo discípulos.”

### **Uma geradora de discipuladores**

Ruth é uma das mais eficientes geradoras de discipuladores de nossa congregação. Sua história inspiraria qualquer um a fazer e

multiplicar discípulos. Ela é discreta e não é o que a maioria chamaria de um líder natural, mas seus discípulos estão fazendo discípulos intencionalmente. O foco de seu ministério é ajudar seus discípulos a perseverar e a se aperfeiçoar na geração de novos discípulos.

Ruth se mudou para cá há sete anos e arranhou um emprego. Ela supervisionava os cuidados de quase cem idosos em um centro de atendimento. Mas Ruth entendeu que trabalhava com e para Jesus, “batizando” a todos, em todos os lugares, o tempo todo com o amor dele. Ela trabalhava com afinco durante quarenta ou mais horas por semana no centro de atendimento. Ela deixava sua luz brilhar, e outros viam suas boas obras e louvavam seu Pai no céu (Mateus 5.16). Essa era a quarta prioridade dela.

No seu tempo “livre”, Ruth vivia de acordo com suas três primeiras prioridades.

1. *Ser discipulada por Jesus.* Ruth acorda muito cedo todas as manhãs para ter um encontro a sós com Jesus. Depois, sai para um encontro em grupo com Jesus, todas as manhãs durante a semana. Em sete anos, ela só faltou por motivo de férias, trabalho, viagens missionárias de testemunho, e um dia em que estava doente. Isso dá cerca de 1.750 horas sendo discipulada pela Palavra de Deus, pelo Espírito Santo e por pessoas, além daqueles muitos momentos a sós com Jesus. Ela se esforçava ao máximo para passar várias horas, aos sábados, a sós com Jesus, além de dois ou três cultos todos os domingos em adoração e experiências educacionais. Seu amor e fé revelam que ela tem estado com Jesus (Atos 4.13).
2. *Fazer discípulos na família.* Os seis filhos de Ruth são adultos. Ela ora fielmente por cada um deles, além de seus dez netos. Todos são bem-recebidos em sua casa. Ela os “batiza” com excelência, escrevendo, telefonando, visitando, servindo e ouvindo. Ela pergunta se eles querem buscar a perspectiva de Jesus em relação aos seus problemas.

3. *Fazer discípulos na igreja.* Ela interage metodicamente com mulheres dentro e fora da igreja, “batizando-as” com bondade, interesse, convites para um café ou almoço e convites para fazer parte de sua igreja doméstica e se encontrar com Jesus junto com o grupo. Sua igreja doméstica se reúne toda terça-feira às 7 horas da noite. Se a véspera de Natal caísse numa terça-feira à noite e estivesse fazendo dez graus abaixo de zero, imagino que Ruth diria a todos que fizessem o que tinham de fazer, mas lembraria que ela estaria em casa, com café e pronta para abrir a porta. Ela convidou mais de cem mulheres. Aproximadamente trinta atenderam seu convite em um dado momento, tendo sido incentivadas e discipuladas para conhecer e seguir Jesus. Essa pequena igreja que Deus capacitou Ruth a plantar e pastorear se reúne em seu apartamento de dois quartos. Mulheres voltaram para suas famílias convertidas, melhores, mais fortes e com a capacidade de influenciar seus familiares e o mundo ao seu redor. Mas isso é só o começo.

### **Ensinando os discípulos a obedecer a todas as coisas: façam discípulos**

Ruth está lidando com os desafios do último nível da geração de discípulos: seus discípulos estão se tornando discipuladores. Ela os está ajudando. Ela passa mais tempo ajudando seus discípulos a fazer discípulos do que passou ajudando-os a serem discípulos. Fazer líderes é mais desafiador do que fazer seguidores.

Ruth está auxiliando as mulheres sob sua responsabilidade a fazerem discípulos da mesma maneira que ela fez. O que ela fez foi o que Jesus ordenou em Mateus 28.19-20.

- *Indo e batizando em nome de Jesus.* Ruth dá às mulheres que está discipulando a missão de levarem a graça e a bênção de Jesus à vida do máximo possível de pessoas, mas darem uma atenção especial a algumas poucas. Cada uma delas vivenciou isso por meio de Ruth, de modo que elas entendem o valor desse

método e viram o exemplo prático. A maioria das participantes de sua igreja doméstica já começou essa etapa fundamental de fazer discípulos de modo informal, porém intencional.

- *Ensinando.* Ruth sempre incentiva todas as mulheres que está discipulando a convidar o máximo possível de pessoas para se reunirem com Jesus em suas casas ou em outro local, assim como Ruth fez. Ela está sempre convidando outras pessoas para os cultos de nossa igreja, novamente dando o exemplo a suas discípulas do que podem fazer para levar outros.

Melody é uma das discípulas de Ruth que agora é uma discipuladora. Algumas das pessoas que Melody está “batizando” começaram a frequentar a igreja que se reúne em sua casa. Qualquer pessoa que vá à igreja doméstica de Melody receberá ajuda para ter um encontro com Jesus, como Melody aprendeu a fazer todas as terças-feiras na casa de Ruth.

Demorou alguns anos, mas primeiro uma, depois duas e agora oito discípulas de Ruth — participantes da igreja doméstica — plantaram suas próprias igrejas domésticas. As discípulas de Ruth estão fazendo discípulos. Ruth está fazendo discipuladoras. Outros estão percebendo.

Todas os discípulas que plantaram suas próprias igrejas domésticas precisam de atenção especial de Ruth, e ela lhes dá essa atenção. Ela trabalha intencionalmente com cada uma delas, não apenas como discípulas de Jesus, mas como discipuladoras com Jesus. Não como seguidoras, mas como líderes. Essas são as que Ruth convida para sua reunião voltada para *discipuladores*, nas manhãs de sábado. Essa reunião é apenas para quem está formalmente fazendo discípulos, ninguém mais pode participar. Essas são as discípulas de longa data de Ruth.

Como Ruth sabe o que fazer no encontro com suas discípulas? Toda terça-feira depois do trabalho, ela participava de uma reunião para discipuladores, liderada por seu mentor, exclusiva para os discipuladores. Nessas reuniões, ela observou como liderar sua reunião para discipuladores e levantou qualquer dúvida que tivesse sobre o processo de fazer discípulos e discipuladores.

Todos nós sabemos dos desafios de criar uma família ou pastorear uma igreja. Ruth está pastoreando uma igreja nas noites de terça-feira. Todo sábado de manhã, ela se reúne com as discipuladoras que estão sob sua responsabilidade para ajudá-las com suas igrejas domésticas. É uma tarefa de peso. Depois da reunião em grupo para as discipuladoras, ela ainda passa muito tempo ouvindo cada uma em particular para encorajá-las e equipá-las para fazerem discípulos em suas igrejas domésticas.

- *Ensinando a obedecer.* Ruth treinou suas discipuladoras não apenas para liderar uma igreja doméstica, mas também para obedecer de coração. Suas discipuladoras tiveram longas conversas sobre sua própria obediência e estão aos poucos ajudando seus discípulos a serem praticantes da Palavra, não apenas ouvintes.

Algumas mentoreadas de Ruth não dispõem de tempo suficiente para pastorear sua própria igreja doméstica, frequentar a igreja doméstica de Ruth na terça-feira à noite e ainda participar da reunião que ela promove para discipuladoras sábado de manhã. Ruth as aconselha a não irem mais à sua igreja doméstica na terça-feira à noite, mas não deixarem de comparecer ao encontro com ela no sábado de manhã, cujo foco é ajudar as que estão fazendo discípulos. Ela lhes garante que quaisquer perguntas ou desafios pessoais que poderiam ser levantados na igreja doméstica de terça-feira à noite podem também ser levados à reunião para discipuladoras no sábado ou a uma reunião individual.

- *Ensinando a obedecer a todas as coisas.* Quando Ruth ajuda suas mentoras em formação a influenciar seus próprios discípulos a fazer discípulos plantando igrejas domésticas, isso significa que ela as levou com sucesso à plena maturidade. Ela deve estar transbordando de alegria e gratidão.

Pela graça de Deus, Ruth terá feito discípulos que amadureceram e se tornaram discipuladores e cujos discípulos amadureceram e se tornaram também discipuladores. Todos estão crescendo! Isso é muito incomum, mas o fato de ser raro não significa que não seja essa a intenção de Jesus.

## Qual é o sonho?

Contando todos os grupos liderados por Ruth e suas discípulas, pessoas estão se encontrando com Jesus em média cento e cinquenta horas por semana. O objetivo de Ruth, e seu motivo de oração, é discipular suas senhoras — cerca de dez delas — de modo que sejam semelhantes a Cristo onde quer que estejam e discipulem intencionalmente suas famílias e mais dez outras mulheres para crescerem à semelhança de Cristo, resultando em cem influências para o bem nas famílias, nas igrejas e no mundo. Ela pretende ajudar suas dez para que cada uma ajude outras dez a se tornarem discipuladoras amadurecidas, de modo que mil pessoas estejam sendo influenciadas por sua vida nos próximos dez anos.

Os pais estão agora mais bem preparados para ajudar seus filhos adultos na educação dos filhos do que eram quando estavam educando seus próprios filhos. Por quê? Porque têm mais de vinte anos de experiência parental. Quando seguidores de Cristo estão fazendo discípulos, eles têm a experiência necessária para ajudar seus discípulos em formação a fazerem discípulos. Assim, eles fazem não apenas discípulos, mas também *discipuladores*.

Treinar líderes é mais difícil que treinar seguidores. Por quantos anos forem necessários, meus discípulos — e os seus — precisam desesperadamente de um bom pai espiritual que os ajude a orientar seus próprios filhos espirituais. Criar filhos espirituais é um trabalho muito difícil e exigente. Nenhum de nós, incluindo nossos discípulos, consegue realizar tarefas difíceis com sucesso vagueando sem um objetivo claro. Em todos os tipos de empreendimentos difíceis, precisamos ser ensinados, treinados, mentoreados e discipulados. A nossa maior tarefa como discipuladores é perseverar com os nossos discípulos, ajudando-os a amadurecer como discipuladores.

Fazer discípulos obedientemente é a diretriz de Jesus para que sua vida e evangelho transformador sejam levados desde a eternidade até todos os grupos de pessoas no planeta. Se eu discipular dez

que discipulam outros dez que discipulam outros dez, terei ajudado a plantar mil pequenas igrejas domésticas que ministram a dez mil pessoas. Esse processo se multiplicará, pois será vivenciado e percebido como cristianismo normal, o que de fato é.

(Nota: Se os meus discípulos, ou os seus discípulos, alguma vez sentirem que são simplesmente uma parte do sonho ou visão de alguém — uma engrenagem na máquina — questionarão legitimamente o que está havendo. Tudo o que Jesus fez foi motivado por perfeito amor, e fazer discípulos deve sempre ser motivado primeiro pelo amor do discípulo por Jesus, depois pelo amor que tem por seus discípulos — não primordialmente pela concretização de uma visão preciosa.)

### **E se não ajudarmos nossos discípulos a se tornarem discipuladores?**

Se eu falhar na tarefa de ajudar meus discípulos a fazer discípulos, alguns deles — muito poucos — podem intencionalmente decidir fazer discípulos. A Palavra e o Espírito de Deus, que já cativaram o coração dos discipuladores intencionais, continuam falando claramente.

Mas a verdade é esta: a grande maioria dos cristãos fica traumatizada — quase paralisada — com a ideia de adotar intencionalmente até mesmo um único cristão nascido de novo e orientá-lo até a maturidade. As preocupações da vida, a ilusão da riqueza e o desejo por bens materiais (Marcos 4.19) têm sido mais do que suficientes para racionalizar o fato de não investirmos tempo na adoção e instrução de órfãos espirituais. Pela Palavra e pelo Espírito somente, a maioria não tem feito e não fará discípulos intencionalmente. Se eu não exortar, encorajar e treinar meus filhos espirituais para que criem filhos espirituais, isso não acontecerá.

Os dois parágrafos a seguir não são sobre sucesso; eles falam da persistência na tentativa de obedecer a Jesus. Michael Jordan errou muitos e muitos lançamentos, mas não parou de tentar fazer cestas.

Se os nossos discípulos estão dispostos e procuram fazer discípulos, nós comemoramos com eles. Mas se não estiverem dispostos a tentar fazer discípulos (note o componente do coração), pode ser que eles tenham um coração desobediente em relação à Grande Comissão de Jesus. Além disso, se não estão dispostos a tentar, eles são, em última análise, desobedientes ao Grande Mandamento, pois Jesus disse que, se o amarmos, obedeceremos a ele (João 14.15). Não queremos deixar nossos filhos espirituais na desobediência ao Grande Mandamento e à Grande Comissão.

Se você e eu não estamos dispostos a tentar ajudar nossos discípulos a fazer discípulos, nosso coração é desobediente aos dois grandes chamados. Por mais justa e nobre que seja a atividade de fazer discípulos, se não completarmos a tarefa ajudando nossos discípulos a fazer discípulos, deixamos de ensiná-los a obedecer a todas as coisas que Jesus ordenou, pois ele ordenou que os ensinássemos a fazer discípulos. Com essa desobediência ao nosso Grande Comitante, desobedecemos ao nosso Grande Comandante, pois estamos demonstrando nossa falta de amor ao próprio Jesus (João 14.15).

### **Com Deus, nada é impossível**

Mas tudo isso é possível! Nós estamos tão perto! Não podemos parar até que nossos discípulos estejam empenhados em ser discipuladores. Nosso Pai está quase gritando: “Não desistam antes de terminar a tarefa. Vocês estão quase lá. Levem seus discípulos a fazer discípulos.”

Qual é a esperança de sucesso para os que estão sinceramente empenhados em ensinar outros a obedecer a todas as coisas — incluindo ensiná-los a obedecer ao mandamento de fazer discípulos?

O primeiro componente da Grande Comissão nos dá todos os motivos para ter certeza do sucesso:

**Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra**

*(Mateus 28.18).*

O último componente da Grande Comissão nos dá todos os motivos para ter certeza do sucesso:

**E eis que estou convosco todos os dias até à  
consumação do século** (*v. 20*).

O Espírito de Deus está presente para liberar poder em resposta à nossa oração e obediência. O que é impossível para os humanos é absolutamente possível para Deus (Mateus 19.26). Aquele que nos chama vive em nós para nos equipar, capacitar e dar poder para

- sermos discípulos semelhantes a Cristo
- fazermos discípulos semelhantes a Cristo
- fazermos discipuladores semelhantes a Cristo

Ele tem toda a autoridade e, ao obedecermos a ele, seu poder está inteiramente à nossa disposição para implementar sua autoridade. Ao confiarmos e obedecermos a Jesus, ele realmente fortalecerá o nosso coração enquanto influencia aqueles por quem oramos e a quem procuramos discipular.

**Se Deus é por nós, quem será contra nós?**

*(Romanos 8.31b).*

**Fiel é o que vos chama, o qual também o fará**

*(1 Tessalonicenses 5.24).*

**Tudo posso naquele que me fortalece**

*(Filipenses 4.13).*

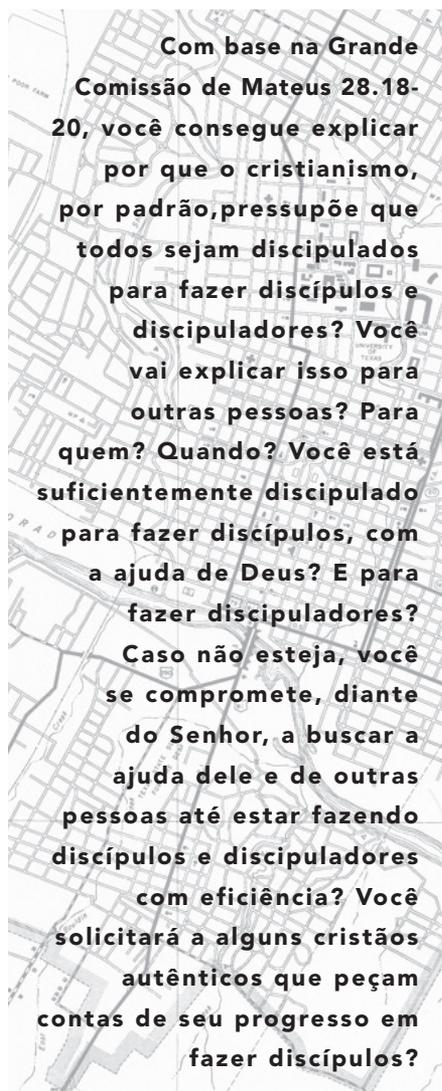
Quando estivermos fazendo discípulos, Jesus estará sempre conosco! Deus está ao nosso lado. Nossa fé não está no nosso conhecimento, zelo ou capacidade. O elemento principal não somos nós, mas Deus. Não devemos apagar o Espírito de Deus, acreditando que a tarefa é impossível e, por isso, não tentando realizá-la. Com Deus, tudo é possível.

## O que fazemos depois disso?

- O Senhor falou com você por meio deste livro? Se falou, você poderia escrever a mensagem que ele lhe deu? Qual é a sua resposta? (Não arranje desculpas nem ponha a culpa nos outros; em vez disso, tome a resolução santa de ser discipulado e fazer discípulos.)
- Oro para que você tenha ou encontre um ou mais parceiros de discipulado com quem possa se associar na busca da semelhança pessoal com Cristo, tendo em mente o relacionamento de Jesus com o Pai, seu caráter e seu ministério.
- Se você mora com sua família ou perto dela, oro para que envolva seus parentes como seus parceiros de discipulado/discípulos.
- Se você não coordena um grupo do tipo discipulador, poderia convidar o máximo possível de pessoas e iniciar um? Se isso ajudar, você pode pedir que os participantes em potencial leiam este livro para ver se eles estão interessados. Pense na possibilidade de convidar pessoalmente pais ou líderes de pequenos grupos que estejam interessados em ser discipulados para poderem discipular suas famílias ou grupos.
- Recomendo não começar com sermões, anúncios elaborados, programas envolvendo toda a igreja ou outras atividades. Apenas convide. Se você está preocupado com sentimentos de favoritismo, chame a todos por meio de convites por escrito ou públicos. Se o número dos que atenderem ao convite for grande demais para um grupo, comece e lidere quantos grupos forem necessários.
- Com o tempo, você conseguirá saber em quem deve investir a longo prazo.

## Conclusão

Você se lembra da história dos cavalos que contei no capítulo 11? Se não lembrar, sugiro que a leia novamente. Deixe-me repetir as perguntas que fiz no final da história.



**Com base na Grande Comissão de Mateus 28.18-20, você consegue explicar por que o cristianismo, por padrão, pressupõe que todos sejam discipulados para fazer discípulos e discipuladores? Você vai explicar isso para outras pessoas? Para quem? Quando? Você está suficientemente discipulado para fazer discípulos, com a ajuda de Deus? E para fazer discipuladores? Caso não esteja, você se compromete, diante do Senhor, a buscar a ajuda dele e de outras pessoas até estar fazendo discípulos e discipuladores com eficiência? Você solicitará a alguns cristãos autênticos que peçam contas de seu progresso em fazer discípulos?**

Você consegue ouvir o assobio do Rei, nosso Rei? Mil sedes legítimas querendo ser satisfeitas gritarão para que desçamos a colina. Muitos dos nossos amigos e alguns dos nossos heróis estarão correndo a toda velocidade em direção ao rio. É compreensível que se perca de vista o nosso Rei e sua batalha por cada coração humano. De certa maneira, é bastante lógico cuidar das nossas próprias necessidades terrenas, de tal modo que faz sentido ignorar o assobio do nosso Rei e continuar a descer a colina. Nossos amigos, com sua vida e suas palavras, nos dirão que devemos nos juntar a eles na satisfação de impulsos legítimos, ou mesmo necessidades.

Mas, de vez em quando, muito raramente, alguém ouve o assobio do nosso Rei.

Esse nega a si mesmo, toma sua cruz, abandona o que for necessário e luta contra todos os obstáculos para seguir nosso Rei — para responder ao seu chamado. Esse servo, esse soldado, prestará um serviço especial ao Rei na grande guerra que está sendo travada para libertar todos os cativos da tirania eterna. Você acha que Jesus sabia o que









# NOTAS

---

## **Prefácio**

1. Para mais informações, entre em contato com [office@gvnaz.org](mailto:office@gvnaz.org).

## **Capítulo 2. O relacionamento mais capacitador de toda a história**

1. A convicção pessoal do autor é que Jesus, embora nunca tenha abdicado de sua plena divindade nem a tenha perdido, verdadeiramente se tornou carne, era um conosco e verdadeiramente um de nós, esvaziando-se do conhecimento e uso de suas habilidades sobrenaturais como Deus, tornando-se como nós em todos os sentidos, até mesmo sendo tentado de todas as formas, como nós somos. Se a encarnação de Jesus incluiu qualquer dimensão de habilidade sobrenatural de que nós somos desprovidos, ele tinha vantagens que nós não temos, não era de fato como nós, não foi tentado como somos, nem poderia servir autenticamente como nosso representante. Por meio de encarnação genuína, tudo que Jesus fez de natureza sobrenatural foi feito pela presença e pelo poder do Espírito Santo, por meio de sensibilidade, fé e obediência ao Pai. Essa convicção, embora longe de ser universal, também está longe de ser exclusiva do autor. Não é preciso que haja concordância nesse ponto para validar o que se segue. No entanto, se essa convicção é correta, o exemplo de Jesus ao ser discipulado expõe a extrema necessidade de que todos sejam discipulados (Filipenses 2.5-9; Hebreus 2.17; 4.15; Lucas 2.52; 3.22; 4.1, 14, 18; 10.21; João 1.14; 5.19, 30; 7.17; 8.29; Atos 2.22; 10.37-38).

## **Capítulo 3. Fazendo o máximo com o mínimo**

1. Mateus 4.24; 8.14; 9.35-38; Lucas 7.36-50; 14.1; 15.2-5; 18.15-17; João 2; 4—6; 9; etc.

2. Mateus 5—7; 23—25; Lucas 12.1-59; 16.1-18; 17.1-10; 22.37; 18.1-8; 20.45-47.
3. Mateus 13.10, 36; 15.12; 17.10, 19; 19.23-30; 26.1-2; Marcos 4.34; Lucas 8.9; 10.23.
4. Mateus 26.36-46; Lucas 9.18; 11.1; 22.39; João 17.1—18.1.
5. Mateus 8.23; 9.19; 12.1; 14.22; 15.21; 17.25; 20.17, 29; Marcos 6.1; João 11.7-44.
6. Mateus 9.10; 15.32-38; Marcos 14.22; João 13; 21.12.
7. Lucas 10.38-42; João 2.2-11.
8. Mateus 17.1-13; 28.16-20; Marcos 3.7; 6.31; 7.17; João 11.54; Marcos 6.31; 9.30-31; Lucas 9.18; João 2.12; 3.22; 6.3; 11.7.
9. Mateus 8.25; 9.37; 12.49; 14.15-21, 26-32; 26.6-13; Lucas 9.46-48, 55; 21.5-36; 22.24; 16.13; 18.1; 26.31-35; Marcos 8.33; João 4; 12.4-8; 20.24-29; Mateus 16.24; Lucas 14.25-35; João 12.24-26; 15.13-15.
10. Hal Perkins, *If Jesus Were a Parent*, p. 194-95.
11. Mateus 16.24; Lucas 14.25-36; João 12.24-26; 15.13-15.

#### Capítulo 4. Fazer discípulos é opcional?

1. Douglas Hyde, *Dedication and Leadership* (Notre Dame, Ind.: University of Notre Dame Press, 1977).
2. O comunismo falhou por causa de sua visão e moralidade ímpias e, em última análise, porque o próprio Deus se opôs ao movimento. Isso não diminui o fato de que o comunismo se disseminou porque muitas de suas estratégias para converter e amadurecer seus convertidos eram precisamente aquelas que Jesus praticou e ordenou que sua Igreja praticasse.
3. Para o raciocínio por trás dessa afirmação, consulte o livro *If Jesus Were a Parent*, deste mesmo autor.
4. O problema com as salas de aula da Escola Dominical: não podemos construir salas de aula suficientes para abrigar o que Jesus quer fazer. Já temos casas plantadas em todas as nossas cidades precisamente nos bairros daqueles que somos chamados a amar e alcançar — nossos vizinhos. Por que não ter pequenas igrejas domésticas — Casas de Oração em todos os lugares — plantadas em todos os bairros das nossas cidades?
5. A obediência será examinada teologicamente no capítulo 7.

#### Capítulo 5. O primeiro passo para todos

1. Dallas Willard, *Renovation of the Heart* (New York: Harper Collins Publishers, 2006), p. 240, 267. [edição em português: *A renovação do coração: Assuma o caráter de Cristo* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007).]

## Capítulo 6. Aprendendo com Jesus

1. Charles Shaver, *Basic Bible Studies* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1972). [edição em português: Estudos Bíblicos Básicos para a Vida Cheia do Espírito e Santificada <https://apnts.whdl.org/pt/browse/resources/14861>]

2. Para obter informações sobre o Encontro, entre em contato com Craig Rench em [craig@a1naz.com](mailto:craig@a1naz.com).

3. Líderes que ouvem os aprendizes são um componente primordial em dois dos livros do autor: *Leadership Multiplication* e *If Jesus Were a Parent*.

4. *Leadership Multiplication* [Multiplicação de Liderança, não disponível em português] é um estudo bíblico interativo com perguntas/respostas bíblicas sobre 33 tópicos teológicos e metodológicos fundamentais, de uma perspectiva wesleyana. Para mais informações, entre em contato com [office@gvnaz.org](mailto:office@gvnaz.org).

5. Explicações mais detalhadas sobre o encontro com Jesus encontram-se nos livros do autor: *Leadership Multiplication*, *If Jesus Were a Parent*, e *Meeting with Jesus*.

## Capítulo 8. Pensando com Jesus

1. Gênesis 6.5; Deuteronômio 4.9.
2. Êxodo 4.14; Lv 19.17.
3. Gênesis 34.3; Êxodo 35.21.
4. 1Crônicas 28.9; 1Coríntios 4.5.
5. Êxodo 7.14; 35.21; Deuteronômio 8.2.

## Capítulo 9. Andando com Jesus

1. Visto que o Espírito Santo está conosco, não estamos abandonados como órfãos (João 14.17-19). Porém a maioria precisa de grande ajuda para aprender a ser sensível e reagir ao Espírito Santo.

## Capítulo 10. Servindo como Jesus

1. Ao longo deste capítulo, “servir” e “ministrar” são usados de forma intercambiável, pois vêm da mesma palavra grega.

2. Hyde, *Dedication and Leadership*, p. 22-24.

3. Mateus 10.38; 16.24; Marcos 10.35-45; João 13.15; Filipenses 2.5-11; 1Pedro 2.20-21.

4. Mateus 19.26; 21.21-22; Marcos 9.23; Efésios 3.16-21; Filipenses 4.13; 2Coríntios 12.9-10.

5. Romanos 5.5; Atos 1.8; 1Pedro 4.10-11; Romanos 12.6-8; 1Coríntios 12.1-11.
6. Mateus 10.19-20; João 14.10-14; 16.7, 13-15.
7. Atos 10.38.

### **Capítulo 11. Santo como Jesus**

1. Particularidades teológicas sobre esse relacionamento de amor puro e perfeito estão fora do escopo deste livro; a santificação autêntica é essencial para o processo de fazer discípulos semelhantes a Cristo.
2. Dana Candler, *Entirety* ([www.danacandler.com](http://www.danacandler.com)), p. 20.

### **Capítulo 12. Fazendo discípulos semelhantes a Cristo**

1. Para ajudar os leigos que não têm condições de frequentar o seminário ou a escola bíblica, uso meu livro *Leadership Multiplication*.
2. Mateus 17.1; Marcos 5.37; 14.33; Lucas 8.51; 9.28.

## RECURSOS

---

- Bonhoeffer, Dietrich. *The Cost of Discipleship* (New York: Simon & Schuster, 1995). [edição em português: *Discipulado* (São Paulo: Mundo Cristão, 2016).]
- Coleman, Robert E. *The Master Plan of Evangelism* (Grand Rapids: Baker Book House Co., 2003). [edição em português: *Plano mestre de evangelismo* (São Paulo: Mundo Cristão, 2006).]
- Extreme Devotion* (Nashville: W Publishing Group, 2001).
- Frangipane, Francis. *Holiness, Truth and the Presence of God* (Cedar Rapids: Arrow Publications, 2005).
- Grubb, Norman P. *Rees Howells: Intercessor* (Amsterdam: Holland-Breumelhof N.V., 1967).
- \_\_\_\_\_. *Touching the Invisible* (Fort Washington: Christian Literature Crusade, 1989).
- Henderson, D. Michael. *John Wesley's Class Meeting: A Model for Making Disciples* (Nappanee: Evangelical Publishing House, 1997).
- \_\_\_\_\_. *One Conversation at a Time* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 2007).
- Kreider, Larry. *The Cry for Spiritual Fathers and Mothers* (Ephrata: House to House Publications, 2000).
- Making Disciples of Oral Learners* (Bangalore: International Orality Network, 2005).
- Malloy, Rocky J. *G-12 Groups of Twelve: Launching Your Ministry into Explosive Growth* (Tulsa: Impact Productions, 2002).
- Nysewander, Mark. *No More Spectators: The 8 Life-Changing Values of Disciple Makers* (Kent: Sovereign World Ltd., 2005).
- Pedrorkins, Hal. *If Jesus Were a Parent: Coaching Your Child to Follow Jesus* (Hal Perkins, 2006).
- \_\_\_\_\_. *Leadership Multiplication* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1983).

- \_\_\_\_\_. *Meeting with Jesus* (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1978).
- Virkler, Mark e Patti. *Dialogue with God: Opening the Door to 2-Way Prayer* (South Plainfield: Bridge Publishing, Inc., 1986).
- Willard, Dallas. *The Divine Conspiracy: Rediscovering Our Hidden Life in God* (New York: HarperCollins Publishers, 1998). [edição em português: *A conspiração divina: Redescobrimdo nossa vida oculta em Deus* (São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2021).]
- \_\_\_\_\_. *Renovation of the Heart: Putting On the Character of Christ* (Colorado Springs: NavPress, 2002). [edição em português: *A renovação do coração: Assuma o caráter de Cristo* (São Paulo: Mundo Cristão, 2007).]
- Wynkoop, Mildred Bangs. *A Theology of Love: The Dynamic of Wesleyanism*. (Kansas City: Beacon Hill Press of Kansas City, 1972). [edição em português: *Uma teologia do amor: a dinâmica do Wesleyanismo*, tradução de Aline Grippe de Mello Fontes e Eduardo Vasconcellos (Maceió: Sal Cultural, 2017).]
- Yohannan, K. P. *The Road to Reality: Coming Home to Jesus from the Unreal World* (Altamonte Springs: Creation House, 1988).